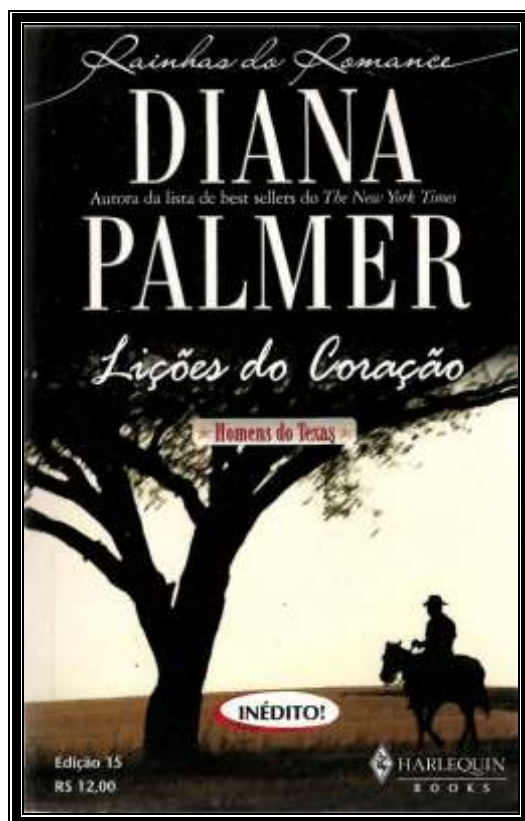


Lições do Coração

Tyler

Diana Palmer



Com seu jeito sedutor, o envolvente Tyler conquistava todas as mulheres que cruzavam seu caminho. Até encontrar Nell, uma garota doce e sincera.

Sua beleza intocada se escondia sob roupas largas e uma profunda timidez. Nell achava que jamais seria capaz de atrair um homem. Por isso, nada mais lhe restava senão viver em uma fazenda... sozinha.

Então surge Tyler. Ao conhecer Nell, ele deseja acabar com a dor que vê em seus olhos de menina. Porém, Nell não confundirá gentileza com amor. Não outra vez. Mas será que negando o desejo de seu coração ela não estará destruindo sua única chance de conquistar a felicidade?

Digitalização: Rita Cunha
Revisão e formatação: Aliane

Projeto
pr
Revisoras



Eles são durões, cínicos... e os homens mais charmosos e simpáticos de todo o Texas! E estão de volta. Homens do Texas: sempre prontos para laçar seu coração.

Autoras e histórias consagradas nas principais listas de best sellers internacionais.

Diana Palmer

Autora de mais de 95 romances, traduzidos para vários idiomas e publicados em todo o mundo, Diana já foi vencedora de diversos prêmios, incluindo o Romantic Times, o Affair de Coeur e o Rita Atuei.

HARLEQUIN BOOKS

O livro de bolsa da mulher moderna www.harlequinbooks.com.br

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: Tyler

Copyright © 1988 by Diana Palmer

Originalmente publicado em 1988 por Silhouette Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

TeL: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaá, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 21) 2195-3186

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capítulo Um

Para Tyler Jacobs, o clima quente e seco do sudeste do Arizona ainda parecia quase tão acolhedor quanto Marte. Isso mesmo após seis semanas de trabalho no hotel-fazenda *Double R* próximo a Tombstone.

Estava inquieto e um tanto deprimido. Recentemente, havia tirado um dia de folga para ir até Jacobsville assistir ao casamento da irmã, Shelby, que estava se unindo a Justin Ballenger, um homem com quem ela se recusara a casar algum tempo atrás. Ainda estava confuso com aquele namoro. Eles não representavam a imagem de um casal feliz e ele sabia que Justin se ressentira bastante por Shelby ter rompido o compromisso anos antes.

No entanto, aquilo não era da sua conta. E era melhor ver a irmã casada com Justin, um homem antiquado o bastante para honrar os votos do casamento, do que vê-la envolvida com o advogado playboy para quem ela trabalhava. Talvez as coisas dessem certo para os dois. Se o modo como vira Shelby olhar para Justin fosse um indício, a relação daria certo. Com certeza, ela estava profundamente apaixonada por ele.

Abby e Calhoun também haviam comparecido ao casamento e Tyler se sentiu aliviado ao constatar que sua breve paixão por Abby terminara. À época, estava pronto para se estabelecer e, inconscientemente, procurando a mulher ideal. Abby se ajustava sob todos os aspectos, mas não estava disposto a bancar a babá de um coração partido.

Seus olhos se estreitaram pensativos. Desejou saber se seria capaz de amar uma mulher. Às vezes, sentia-se incapaz de ter qualquer tipo de sentimento, além de um interesse superficial. É claro que existiam mulheres capazes de derrubar um homem durão, antes de ele se dar conta. Uma mulher como Nell Regan, por exemplo, com sua vulnerabilidade e compaixão...

Ao mesmo tempo em que o pensamento inoportuno lhe veio à mente, seus olhos verde-claros se estreitaram ao fitar a silhueta de um cavaleiro vindo da direção da casa da fazenda.

Tyler suspirou, contemplando os infinitos arbustos de creosoto, que dominavam a paisagem durante o caminho até as Dragoon Mountains, uma das velhas fortalezas de Cochise nos meados do século XIX. A "estação das monções" havia chegado ao fim. No momento, os termômetros deviam estar marcando uns 38 graus. Bolas para o que diziam sobre o calor seco não ser tão quente.

O suor escorria-lhe pela face morena, através da faixa Stetson cinza que trazia na testa, encharcando-lhe a camisa de linho de corte clássico. Erguendo o chapéu, descobriu os cabelos escuros e deslizou o braço sobre a umidade, enquanto endireitava a postura. Lá fora, um vale se confundia com o outro e as montanhas pareciam infinitas. Se um homem desejava tranquilidade, por certo a encontraria no Arizona.

Passara as últimas horas tentando reunir alguns *bezerros Hereford* perdidos, enquanto suas desgastadas pernas de couro eram açoitadas pelos espinhos dos cactus onde o creosoto não era tão denso. Nada nascia ao redor do creosoto. Tendo cheirado o arbusto verde, especialmente na época de chuva, podia entender por quê.

Antes de o cavaleiro se aproximar mais um pouco, Tyler percebeu que era Nell. E

algo devia estar errado, porque normalmente ela mantinha uma boa distância entre eles. A relação dos dois se deteriorara de repente, o que muito o entristecia. Desde a primeira vez em que se viram, quando ela o fora buscar no aeroporto de Tucson, teve a impressão de que seriam amigos para sempre. Mas logo algo a afastara de si.

Talvez fosse melhor assim. Estava tentando ganhar a vida, mas não era muito. Havia perdido toda a sua fortuna e não tinha nada a oferecer a uma mulher como Nell. Mesmo assim, sentia-se culpado só de pensar que pudesse tê-la ferido, mesmo sem querer. Ela não falava sobre o passado e nem sobre qualquer outro assunto. Porém, Tyler sabia que algo havia acontecido para deixá-la tão cautelosa e desconfiada em relação aos homens. Subestimava de propósito os poucos atrativos que possuía, como se estivesse determinada a não fazer nada que chamasse a atenção do sexo oposto. Aproximara-se dela no início, porque a considerava uma menina bonitinha. A jovem parecia ansiosa para deixá-lo confortável, roubando travesseiros de penas e todos os tipos de pequenos objetos da casa principal para fazê-lo se sentir à vontade. E flertara com ela, provocando-a e desfrutando de sua tímida companhia.

Porém, a empregada logo o fizera enxergar que a criança com quem ele estava brincando era, na verdade, uma mulher de vinte e quatro anos, que estava interpretando mal aquela relação. Daquela noite em diante, se tornaram dois estranhos. Ela o evitava a maior parte do tempo, com exceção de dois dias no mês, na quadrilha obrigatória oferecida aos hóspedes.

Nell parecia achá-lo útil, de certo modo. Continuava a se esconder atrás dele naquelas danças no celeiro sábado à noite. A maneira como se juntava a ele era o único resquício que restara do entendimento inicial que ambos vivenciaram.

Mas isso também era um tanto humilhante. Ela não o considerava uma ameaça sexual, ou fugiria gritando ao perceber a presença dele. Tinha feito algumas observações duras sobre Nell à irmã, Shelby, mas de fato não pretendia fazê-las. Não queria que ninguém percebesse como ela o afetava.

Tyler suspirou, observando-a se aproximar. Bem, com aquele jeans folgado, blusa e chapéu de caubói, ela não estava vestida para despertar o desejo de um homem e isso era bom. Julgava a timidez de Nell e o próprio sentimento estranho por ela perturbadores o bastante. Não precisava da complicação de um corpo provocante. Ficou a pensar, desejando saber como ela seria por baixo daquela camuflagem folgada. Se tivesse descoberto, já a teria espantado, pensou com um sorriso amargo.

Não era um homem convencido, mas possuía vasta experiência com as mulheres. Seu dinheiro sempre atraía as mais belas; e tudo o que ele queria, conseguia. Por isso, o fato de ser desprezado por aquela garota durona feria o seu orgulho.

— Já achou os bezerros desgarrados? — perguntou Nell com um tímido nervosismo, emparelhando o cavalo com o dele.

— Percorri apenas uns oito quilômetros. — murmurou ele, de maneira suave — Onde quer que estejam, provavelmente devem estar desfrutando do luxo de ter bastante água para beber. Deus sabe que, com exceção da estação das monções, precisariam de uma fada-madrinha ou algo assim para descobrir umidade nesta terra seca.

Nell o fitou com expressão tranqüila.

— Não gosta do Arizona, não é?

— É estranho. — ele dirigiu o olhar em direção ao horizonte, onde as montanhas pareciam mudar de cor de acordo com a posição do sol, primeiro pretas, depois lilases e, enfim, laranja — Leva um tempo até nos acostumarmos e só estou aqui há algumas semanas.

— Cresci aqui. — observou ela — Amo este lugar. A primeira vista, parece que não tem nada, mas, se o observar mais detalhadamente, verá que abriga uma riqueza de vida.

— Sapos, cascavéis e lagartos venenosos... — concordou Tyler, num tom seco.

— Melros avermelhados, carriças, cucos, corujas, cervos. — corrigiu ela — Sem falar nas centenas de flores do campo. E até mesmo na florescência dos cactus. — acrescentou, com uma súbita suavidade nos olhos escuros e um calor na voz que em geral não empregava.

Tyler curvou a cabeça para acender um cigarro.

— Para mim parece um deserto. Como está sua cavalgada?

— Deixei os hóspedes com Chappy. — disse ela, com um suspiro — Mais uma balança sobre a sela e o Sr. Howes vai cair. Espero que ele volte para a fazenda.

Tyler esboçou um breve sorriso ao contemplar a rígida figura feminina sobre o lombo do cavalo.

— Se ele cair, vamos precisar de um guindaste para erguê-lo.

Nell sorriu. Não lhe diria, mas era o primeiro homem em anos que a fazia rir.

Ela era uma mulher sombria e quieta a maior do tempo, exceto quando Tyler estava por perto. Então ficara sabendo o que de fato ele pensava dela.

— Tyler, poderia cuidar do grupo para mim? — perguntou ela, de repente — Marguerite e os meninos estão vindo para o fim de semana e tenho que ir a Tucson buscá-los.

— Claro, posso cuidar de tudo, se você persuadir Crowbait a cozinhar. — concordou ele — Não vou fazer bolinhos de novo. Peço demissão antes.

— Crowbait não é tão ruim. — defendeu ela — Ele é... — os olhos escuros de Nell se estreitaram enquanto ela procurava uma palavra — ...único.

— Ele tem o temperamento de um puma, a língua de uma naja e os modos de um touro bravo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Exatamente! Ele é único.

Tyler riu e tragou o cigarro mais uma vez.

— Bem, patroa, é melhor eu encontrar os animais desgarrados, antes que alguém os ache, aperte o gatilho e consiga um bom pedaço de carne de boi para a ceia. Não vou demorar.

— Os meninos querem ir procurar pontas de flechas apaches enquanto estiverem aqui. — acrescentou, indecisa — Disse a eles que iria falar com você.

— Seus sobrinhos são crianças adoráveis. — respondeu Tyler inesperadamente — Mas precisam de um pulso mais firme.

— Marguerite não é o pai ideal para dois meninos sensíveis. — disse Nell, na defensiva — E, desde que Ted morreu, tudo piorou. Meu irmão conseguia controlá-los.

— Marguerite precisa de um marido. — ele sorriu ao pensar em Marguerite. Era o tipo de mulher com quem ele estava acostumado. Sofisticada, descomplicada e bonita.

Gostava dela porque ela lhe trazia doces recordações. Na realidade, ela era tudo o que Nell não era. — Uma mulher bela como Margie não deve ter muita dificuldade em encontrar um.

Nell sabia que a cunhada era bonita, mas em algum lugar bem fundo doeu ouvir Tyler reconhecer a beleza de Margie. Tinha ciência de suas próprias limitações, de seu rosto redondo com olhos grandes e maçãs altas. Contudo, assentiu com a cabeça e forçou seus lábios sem batom a se curvarem num sorriso. Nunca usara maquiagem. Jamais fizera qualquer coisa para chamar atenção para si, até recentemente. Tentara atrair Tyler, mas os comentários de Bella haviam acabado com sua intenção. E o subsequente comportamento dele a enterrara para sempre.

Agora evitava até olhar na direção de Tyler. Além do mais, Margie era mais o tipo dele, pensou com um pouco de amargura. E também estava interessada nele.

— Então, vou para Tucson, se acha que pode cuidar do grupo. E, se não conseguir resgatar os animais, antes das cinco, volte e vamos deixar a tarefa para os seus amigos do Texas. — continuou ela, referindo-se aos dois homens mais velhos que eram texanos como Tyler e haviam se tornado seus melhores amigos desde que ele chegara ali, seis semanas antes.

— Vou encontrá-los. Tudo de que preciso fazer é procurar uma poça de água e lá estarão eles mergulhando a cabeça para beber tudo.

— Já sabe que deve tomar cuidado com as fendas e as depressões. — murmurou ela — Aqui é bem pior que no Texas. Pode estar chovendo a uns cinquenta metros e o céu continuar claro. Então, antes que perceba, está no meio de uma inundação.

— Também temos enchentes repentinas na minha terra. — lembrou ele — Conheço bem os perigos.

— Quis apenas lembrá-lo. — disse ela, odiando a preocupação que a traía, mesmo contra sua vontade.

Os olhos escuros se estreitaram e Tyler sorriu, irritado pela atitude aviltante de Nell.

— Quando eu precisar de babá, querida, eu direi. — falou ele, pronunciando as palavras com o lento sotaque texano.

Nell tentou não reagir ao que era descaradamente um insulto.

— Se tiver uma oportunidade amanhã, gostaria que falasse com Marlowe sobre o linguajar dele. Uma das hóspedes reclamou que está cansada de ouvir palavrão toda vez que ele sela um cavalo para ela.

— Por que você mesma não fala com ele?

Nell engoliu em seco.

— Você é o administrador. Colocar os homens na linha não é o seu trabalho?

— Se a senhora está dizendo, madame... — Tyler inclinou a aba do chapéu num gesto insolente.

Nell pôs a montaria em movimento tão depressa que quase caiu quando açoitou o lombo do animal. Então, incitando o cavalo a um trote mais lento acalmou o animal, acariciando-lhe a crina enquanto murmurava desculpas. Sabia que Tyler presenciara aquela atitude desesperada e se sentiu ainda pior por isso. Era a última pessoa na fazenda que machucava um cavalo de propósito, mas aquele homem possuía um talento incrível para mexer com seu temperamento.

Ele a observou partir, com o cigarro esquecido entre os dedos bronzeados. Nell era um enigma. Não era como as mulheres que ele conhecera e tinha truques que o intrigavam. Ressentia-se por terem se tornado antagônicos. Até mesmo quando ela era agradável, havia sempre uma reserva, uma amargura impedindo a aproximação. Ela parecia enrijecer quando precisava falar com ele.

Tyler exalou um suspiro. Não tinha tempo para ficar sonhando. Precisava encontrar os seis pequenos bezerros antes do anoitecer. Virando as rédeas do cavalo, dirigiu-se à triilha por entre os arbustos.

Nell rumou em direção à casa principal do hotel-fazenda. Não estava nem um pouco a fim de ver Marguerite, mas não fora capaz de arrumar uma desculpa para manter a ruiva distante. A observação de Tyler sobre Margie ainda a irritava. Ele a achava atraente e não era por causa dos parentes que Marguerite queria passar um tempo no hotel. Ela o queria. E tinha deixado isso bem claro.

Margie era mesmo bonita. Era ruiva, tinha olhos verdes e fora abençoada com um físico que ficava bem com qualquer coisa. As duas sempre se deram bem, contanto que nenhuma delas se lembrasse do que ocorrera nove anos atrás. Fora a cunhada quem ajudou Nell a pôr cicatrizes em suas jovens emoções. Jamais conseguira esquecer o que havia acontecido.

Por outro lado, não fora preciso Tyler chegar para ela perceber com que frequência Marguerite a usava. A mulher era impulsiva e não pensava duas vezes antes de convidar amigos para passar temporadas no hotel e fazer cavalgadas, deixando os dois filhos aos cuidados de Nell.

Essas atitudes nunca a aborreceram muito, mas, nos últimos tempos, vinha se sentindo esquisitamente inquieta e inflexível. Não gostava da idéia de Marguerite passar dois fins de semana por mês no hotel. Deveria ter-lhe dito isso. Ceder às vontades da cunhada se tornara um hábito. Mas isso estava prestes a acabar. Já havia lhe dado alguns sinais inconfundíveis de que a pequena Nell não estava mais disposta a continuar sendo manipulada.

Margie só ia até lá para ver o belo texano, não tinha dúvidas. Lamentava pelo que ela poderia ter sentido por Tyler se ele não tivesse deixado sua falta de interesse tão aparente. Mas aquilo não importava. Margie deixara bem claro que gostava de Tyler, e Nell sabia que não podia competir com uma mulher mais experiente. Por outro lado, estava cansada de permitir que ela a fizesse de capacho. E chegara a hora de lhe dizer isso.

A cunhada e os sobrinhos, Jess e Curt, estavam com as malas prontas e a aguardavam, quando ela estacionou o *Ford Tempo* à entrada do edifício deles. Os meninos, com cabelos ruivos e olhos verdes como os da mãe, correram em sua direção. Jess era o mais velho, com 7 anos. Curt tinha apenas 5 e já era um sério candidato a competir em um torneio de barulho.

— Oi, tia Nell, que tal nos levar para caçar lagartos? — perguntou Curt enquanto pulava no assento de trás do carro, saltando na frente do irmão mais velho.

— Que lagartos o quê, seu mane. — se opôs Jess — Legal é procurar pontas de flecha.

Tyler disse que me mostraria onde achá-las.

— Falei com ele. — assegurou Nell ao menino mais velho — Eu vou caçar lagartos com Curt.

— Lagartos fazem minha pele formigar. — disse Marguerite.

Não era tão alta quanto Nell, mas era igualmente esbelta. Estava usando um vestido listrado verde e branco que parecia tão caro quanto os brincos de diamante e o anel de rubi com os quais desfilava.

Recentemente, a cunhada deixara de usar a aliança de casamento. Na realidade, mais precisamente desde que Tyler viera para a fazenda.

— Bem, se eu caçar um lagarto, ele pode viver comigo. — disse Curt à mãe, num tom hostil.

Nell riu, vendo a semelhança do pequeno menino com o irmão dela. Isso a deixou um pouco triste, mas já haviam se passado dois anos desde que Ted morrera e o pior da aflição se fora.

— Ele pode ficar com o lagarto?

— Não na minha casa. — respondeu Marguerite com a voz firme. Depois que o marido morrera, Margie vendera sua parte na fazenda e se mudara para a cidade. Nunca gostara da vida no campo.

— Então ele pode viver com a tia Nell na fazenda. — respondeu a criança.

— Pare de responder, seu pestinha. — Marguerite bocejou — Espero que todos os ares-condicionados estejam funcionando desta vez, Nell. Odeio calor. E é melhor avisar Bella para comprar algumas garrafas de *Perrier*, pois, de maneira alguma, vou tomar água daquele poço.

Nell sentou-se ao volante sem emitir qualquer comentário. Margie sempre pareceu um general ditador. Era irritante e, às vezes, constrangedor, tê-la ao redor, dando ordens o tempo todo e usufruindo de tudo. Agüentava esse comportamento há anos por lealdade ao irmão e porque os meninos sofreriam se ela não agisse de tal forma. Mas era difícil. E já aturara demais de Marguerite. Foi só quando a cunhada começou a atacar Tyler que ela resolveu mudar de atitude. E, já que tomara o gosto pela coisa, apreciava o bastante para não se deixar dominar. Ela encarou Margie com um olhar frio, enquanto os sobrinhos discutiam no assento de trás para saber qual dos dois sentaria no meio ou na janela.

— A fazenda é minha. — disse Nell, num tom calmo — Tio Ted tomará conta até eu completar 25 anos, mas, depois disso, sou a única dona. De acordo com as condições do testamento do meu pai, metade era minha e metade do meu irmão. Tio Ted era o testamenteiro. Então, quando meu irmão morreu, você ficou com a parte dele em dinheiro. Como testamenteiro, tio Ted mantém o controle até que eu tenha idade legal. Você não pode me dar ordens e não pode querer tratamento especial só porque é uma parenta por afinidade.

Marguerite a encarou. Nell não costumava responder com tanto ímpeto.

— Desculpe, não era minha pretensão ser autoritária. — começou Marguerite, indecisa.

— Não esqueci o que aconteceu nove anos atrás, mesmo que você esteja tentando.

A cunhada corou e virou o rosto.

— Desculpe. Sei que não acredita, mas estou sendo sincera. Também tenho convivido

com esse sentimento de culpa. Ted me desprezava por isso, você sabe. As coisas nunca mais foram às mesmas entre nós, depois daquela festa. E ainda sinto muito a falta dele. — acrescentou, num tom suave e conciliatório, dirigindo o olhar a Nell.

— Oh, claro que sente. — concordou ela, dando partida no carro — É por isso que está vestida até os dentes e arrumando desculpas para sofrer com o calor na fazenda. Porque sente muita falta de Ted e quer se consolar com a minha ajuda.

Marguerite bufou, mas Nell a ignorou. Dirigindo o veículo em meio ao tráfego, começou a contar aos meninos sobre os bezerros novos, o que manteve a cunhada calada durante todo o trajeto.

Como sempre, quando avistou Margie caminhando em direção à porta da frente, Bella, a empregada de seios fartos, correu para os fundos da casa, pretendendo levar uma torta de maçã para o alojamento dos empregados. No caminho, colidiu com Tyler, que parecia cansado e mal-humorado.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, sorrindo para a velha senhora, com sua carranca morena.

— Escondendo-me. — respondeu Bella num tom irritado, afastando as mechas de cabelos soltas do rosto — Ela está de volta. — acrescentou com desdém, os olhos pretos brilhando.

— Ela?

— Sua Majestade. A madame folgada. — a empregada trocou a torta de posição — E exatamente do que Nell precisava, de mais pessoas para tomar conta. Aquela ruiva preguiçosa não ergue um dedo desde que o pobre Ted morreu. E se você soubesse o que aquela duble de modelo tem feito a Nell... — a mulher corou ao se lembrar com quem estava falando. Então, disfarçou pigarreando. — Assei uma torta para os homens.

— Você assou uma torta. — murmurou Nell, dirigindo-se à empregada enquanto ela saía pela porta dos fundos — E, agora, vai oferecê-la porque minha cunhada está aqui. Os meninos gostam de torta, você sabe. Mas, de qualquer maneira, Margie não vai querer estragar o físico comendo doces.

— Essa mulher vai estragar o meu dia. — respondeu Bella — Quero isso, quero aquilo, arrume a cama, traga uma toalha, frite uma omelete... Ela não pega um sapato ou uma xícara de café. A madame é boa demais para trabalhar.

— Não lave roupa suja aqui fora. — ralhou Nell, olhando para Tyler logo em seguida.

Bella ergueu o pequeno queixo.

— Ele não é cego. Sabe muito bem o que se passa aqui.

— Traga a torta de volta, Bella. — ordenou Nell.

A empregada a encarou.

— Ela não vai comer nem um pedacinho.

— Diga isso a ela.

A mulher mais velha assentiu com a cabeça.

— Não pense que não tenho coragem. — olhou para Tyler e sorriu — Você pode comer uma fatia.

Ele tirou o chapéu e se curvou.

— Comerei até a última migalha.

Bella sorriu alegremente e voltou para dentro.

— Não está atrasado para o acampamento? — perguntou Nell curiosa.

— Nós o cancelamos. — respondeu ele — O Sr. Curtis caiu sobre um cacto e a Sra. Sims passou mal com a pimenta malagueta que comemos no almoço e está de cama. O restante preferiu ficar em casa assistindo à televisão.

Nell curvou os lábios num breve sorriso.

— Oh, muito bem. Tentaremos novamente no fim de semana.

Tyler a estudou por um momento e seus olhos se estreitaram pensativos.

— Sobre esta tarde... — começou, sustentando o olhar surpreso de Nell.

Mas, antes que pudesse dizer outra palavra, a porta se abriu.

— Olá, Tyler, que bom vê-lo novamente! — disse Marguerite, sorridente, parada junto à entrada.

— O prazer é meu, Srta. Regan. — respondeu ele, num tom seco e com os olhos verde-claros varrendo o esbelto corpo feminino de cima a baixo. Marguerite não o enganava com aquela pose estratégica. Ele era bastante experiente. Mas era divertido observar os truques dela.

Nell sentiu vontade de se atirar ao chão e chorar, mas isso não lhe traria nenhum benefício. Então, resolveu voltar para dentro, se rendendo sem lutar.

Marguerite a fitou, curiosa, mas ela evitou encará-la. Se a cunhada queria Tyler, que fizesse bom proveito, pensou, arrasada. Afinal de contas, ela não tinha nada para oferecer àquele homem.

A ceia transcorreu tranqüila, com exceção dos meninos que disputavam tudo, do leite ao feijão.

— Tyler vai me levar para cavalgar amanhã. — disse Marguerite, relanceando um olhar apreensivo à cunhada — Você cuida dos meninos, não é?

Nell a encarou. Estava enfurecida. Inquieta.

— Não posso. — disse ela, com um sorriso fingido — Leve-os com você. Tyler já disse que não se importaria em ajudá-los a achar pontas de flechas.

— Oba! — disparou Jess — Eu quero ir, mamãe!

— Eu também quero. — disse Curt.

Marguerite parecia aborrecida.

— Não quero que vocês vão junto.

— Você não gosta da gente. — reclamou Jess.

— Você nunca quer. — disse Curt, começando a chorar.

Marguerite ergueu as mãos.

— Viu o que você fez! — ela acusou Nell.

— Não fiz nada, exceto ter me recusado a ser seu capacho. — explicou, terminando de engolir as batatas — Não me lembro de tê-la convidado para vir aqui. — argumentou, num tom frio — Não espere que eu fique entretendo-a ou bancando a babá dos seus filhos.

— Você sempre fez isso antes. — lembrou-a Marguerite.

— Isso foi antes. — respondeu Nell — Agora, não estou mais disposta. Terá que se virar sozinha.

— Quem está fazendo a sua cabeça? — perguntou Margie, admirada.

— Ninguém. Apenas estou cansada de carregar o mundo nas costas. Por que você

não arruma um emprego?

O suspiro de Marguerite foi audível, mas Nell se ergueu e deixou a mesa, antes que a cunhada tivesse tempo de qualquer explosão.

Tyler levou Marguerite e os meninos para cavalgar na manhã seguinte.

Margie estava belíssima em seu traje de montaria, Nell tinha que admitir, mas a ruiva estava obviamente aborrecida por ter que levar os filhos junto.

Tyler não fizera nenhuma objeção em levá-los. Ele gostava de crianças.

Nell sorriu. Ela também gostava dos meninos, mas era obrigação de Marguerite ser a mãe deles, não sua.

Zanzando pela cozinha, pegou um biscoito, pois se recusara a tomar o café-da-manhã. Não estava disposta a ouvir Margie reclamando sobre ter que levar as crianças em seu passeio romântico.

— O que está comendo escondido, senhorita? — perguntou Bella.

Nell riu.

— Nada.

— Você pôs Margie nos eixos. Imagine só, você respondendo e se recusando a paparicá-la. Está doente ou algo parecido? — perguntou a empregada com um brilho intenso no olhar.

Nell mordeu o biscoito.

— Não. Estou apenas cansada de ser explorada até a morte, eu acho.

— E ver Margie paquerar Tyler, disso não tenho dúvida.

Nell fitou a mulher.

— Pare com isso. Sabe que não gosto dele.

— Você gosta dele. Talvez a culpa tenha sido minha pelas coisas não terem dado certo entre vocês dois. — confessou Bella, num tom suave — Queria poupá-la de mais sofrimento ou jamais teria dito qualquer coisa quando você vestiu aquele vestido bonito.

Nell se virou. Não gostava de se lembrar daquele dia.

— Tyler não é o meu tipo. — respondeu irritada — Ele é o tipo da Margie.

— Isso é o que você pensa. — murmurou Bella secamente. A mulher pousou o pano de prato e a encarou — Há anos que eu queria lhe dizer que a maioria dos homens é agradável. Alguns deles são até mesmo domesticáveis. Nem todos são como Darren McAnders. — acrescentou a empregada, observando a face de Nell empalidecer — E ele também não era tão ruim, exceto quando se embriagava. Ele amava Margie.

— E eu o amava. — respondeu ela, com amargura — Ele flertou comigo, como Tyler fez no início. E, então, fez... fez aquilo, e não era porque estava atraído por mim. Era apenas para provocar ciúmes em Margie!

— Isso foi desprezível. — concordou Bella — Mas foi pior para você porque gostava dele e se sentiu traída e usada. Foi bom eu ter subido naquela hora.

— Sim. — respondeu, tensa.

As recordações doíam.

— Mas também não foi tão ruim quanto você sempre fez questão de dizer. — conti-

nuou a empregada, num tom firme, ignorando o olhar chocado de Nell — Não foi. Se tivesse saído com outros rapazes, compreenderia o que aconteceu muito melhor. Você nem mesmo havia sido beijada.

— Pare com isso! — reclamou ela, esfregando as mãos na calça jeans — De qualquer maneira, isso não importa. Sou uma moça simples do interior e nenhum homem vai me querer, independentemente do que eu faça. E ouvi o que Tyler disse aquela noite. — continuou, com um olhar triste — Ouvi todas as palavras. Ele disse que não queria uma menina boba e apaixonada no pé dele.

Bella suspirou.

— Sim, você ouviu. Receio que seja por isso que ele vem agindo tão friamente nos últimos tempos.

— Não importa, você sabe. — disse Nell, com uma indiferença deliberada — Foi bom descobrir logo que o estava aborrecendo. Desde então, procurei não aborrecê-lo mais.

Bella ia começar a dizer algo, mas obviamente pensou melhor.

— Quanto tempo sua Alteza Real ficará aqui?

— Só até amanhã à tarde, graças a Deus. — Nell suspirou — E melhor eu me apressar. Vamos cavalgar esta tarde e tenho que levar um ônibus de consumistas à cidade. Estou pensando em levá-las ao shopping. Acho que eles vão adorar comprar aquelas quinquilharias de velho-oeste na Cooper.

— Os artesãos que trabalham com prata ficam próximos a *San Xavier*. — lembrou Bella — E eles poderiam experimentar o pão frito dos *Papagos* no lanche.

— *Tohono o'odham* — Nell corrigiu automaticamente — E o termo certo dos *Papagos*. Significa "pessoas do deserto". Eles o mudaram porque estavam cansados de serem chamados de "pessoas do feijão", no idioma zuni.

— Não consigo dizer isso. — murmurou Bella.

— E claro que consegue. *Tohono o'odham*. De qualquer maneira, o pão frito é uma excelente idéia, se sobrar tempo depois das compras.

— Os maridos vão junto com as mulheres? — perguntou a empregada.

Nell contraiu os lábios.

— Acha que eu estaria com este ar satisfeito se os homens fossem conosco?

— Que pergunta estúpida! — disse Bella com um suspiro — E melhor eu dar andamento aos preparativos da comida. Ou o Chappy está mentindo sobre o churrasco de hoje à noite antes da quadrilha? Ele nunca me comunica nada. Faz o que quer e pronto.

— Chappy falou algo sobre um churrasco. Por que você não faz uma tigela de salada de batata, uns rocamboles caseiros e umas tortas para acompanhar? — ela pôs um braço ao redor da enorme cintura de Bella — Isso também lhe pouparia trabalho, não é? Na verdade, acho que o Chappy é gamado em você.

Bella corou e fitou a patroa.

— Não é não! Agora saia daqui e me deixe trabalhar.

— Sim, madame. — ela sorriu e fez uma reverência, antes de sair pela porta dos fundos.

Nell se dirigiu aos estábulos, a fim de inspecionar os cavalos para o passeio matutino.

Chappy Staples estava lá sozinho e, mesmo após todos aqueles anos, ela ainda sentia um pouco de medo dele. Era mais velho que a maioria dos homens, mas colocava todos no

chinelo. Nunca lhe dissera nada de inconveniente, mas ela sempre ficava com um pé atrás.

Isso acontecia em relação a todos os homens, menos com Tyler.

— Como está à égua esta manhã? — perguntou ela ao homem magro de olhos azuleiros, referindo-se a um cavalo com a pata machucada.

— Pedi ao ferrador para vir dar uma olhada nela. Ele substituiu a ferradura, mas ela ainda está inquieta. Não a levaria na cavalgada se fosse você.

Nell deu um suspiro.

— Isso nos deixará com um animal a menos. — murmurou — Margie saiu para cavalgar com Tyler e os meninos.

— Se você puder controlar tudo sozinha, deixo Marlowe aqui ajudando a recuperar o potro, e um dos convidados pode ficar com o cavalo dele. — disse Chappy — O que acha?

— Ótima idéia! — ela deixou o ar escapar, agradecendo a sua boa sorte pelo mal-educado do Marlowe ser mantido distante dos hóspedes. Se ele continuasse daquele modo, teria que ser despedido e isso significaria um homem a menos. Não gostava da idéia de ter que empregar novos homens. Levara bastante tempo para se acostumar aos que já havia contratado.

— Vamos começar o passeio as dez e devemos estar de volta na hora do almoço. Vou levar as mulheres para fazerem compras lá por uma e meia.

— Tudo bem, madame. — Chappy inclinou o chapéu e voltou ao trabalho.

Nell tomou a direção da casa principal tão mergulhada em pensamentos que quase colidiu com Tyler, porque não o viu até contornar a esquina.

Bufou e se afastou um pouco.

— Desculpe, eu não o vi.

Ele olhou para baixo e a encarou.

— Eu estava prestes a sair para cavalgar com sua cunhada e os meninos quando ouvi dizer que terei que acompanhar Margie na quadrilha de hoje à noite.

— É mesmo? — perguntou ela, confusa.

Tyler ergueu uma sobrancelha.

— Foi o que Margie me disse. Falou que foi idéia sua. — acrescentou, com seu exageradamente lento sotaque texano que deixaria qualquer um louco.

— Creio que não acreditaria se eu lhe dissesse que não disse uma palavra sobre isso.

— Você joga sua cunhada para cima de mim toda vez que ela vem aqui, não é? — perguntou ele, com um sorriso zombeteiro.

Nell baixou o olhar e se virou.

— Fiz isso algumas vezes, admito. Achei que você pudesse desfrutar da companhia dela. — comentou, num tom brando — Ela é igual a você. Sofisticada, classuda e da alta-roda. Mas, se prefere que ela vá com outra pessoa, verei o que posso fazer.

Tyler segurou-a pelo braço, percebendo de imediato o modo como ela enrijeceu e gelou.

— Tudo bem. Não precisa fazer uma tempestade em copo d'água. Só não gosto que me ofereçam para serviços de escolta a hóspedes. Gosto de Margie, mas não preciso de uma casamenteira.

— Não, não precisa. — disse Nell, mais triste do que percebeu — Pode largar o meu braço, por favor?

— Não agüenta ser tocada, não é? — perguntou Tyler num tom especulativo — Foi uma das primeiras coisas que notei em você. Por quê?

O coração de Nell disparou de modo selvagem dentro do peito. Ele não podia saber que era o seu toque ardente despertando-lhe um prazer sem precedentes que a fazia tremer, não a antipatia de ser tocada por ele. E isso a pegou de surpresa.

— Minha vida particular não é da sua conta. — falou, com a voz firme.

— Não. Já deixou isso bem claro antes. — ele a deixou como se o braço dela queimasse seus dedos — Está bem, doçura. Faça como quiser. Quanto a Margie, vou combinar as coisas com ela.

Tyler pareceu um tanto exasperado, mas Nell estava muito nervosa para ponderar sobre o tom de voz dele. Uma fuga apressada estava em seus planos. Quando ficava sozinha com aquele homem, precisava de toda sua força de vontade para não se atirar em seus braços fortes, apesar de todas as inibições.

— Está bem. — Nell encolheu os ombros, como se as atitudes dele não tivessem importância para ela.

Em seguida, passou por ele e se dirigiu à casa, alheia ao olhar discreto de Tyler que acompanhou todos os seus passos.

Capítulo Dois

Nell evitou Tyler o resto do dia e não foi à quadrilha à noite. Desculpou-se e, depois do churrasco, subiu para o quarto. Estava agindo como uma covarde, pensou infeliz. Mas, pelo menos, não teria que assistir a Margie flertando com Tyler.

No entanto, não conseguia tirá-lo da mente. Seus pensamentos vagavam implacavelmente no tempo, fazendo-a lembrar de quando ele chegara à fazenda. Desde o momento em que o vira no aeroporto, ele fora gentil e amável com ela, deixando-a a vontade, sentindo-se à vontade na companhia dela.

E não só com ela: Tyler em pouco tempo conquistara todos os homens e Bella. Nell se interessara por ele como jamais se havia interessado por outro homem, exceto Darren McAnders. Embora Darren tivesse deixado cicatrizes profundas em suas emoções, sabia por instinto que Tyler não a prejudicaria. Antes que percebesse o que estava acontecendo com ela, estava seguindo-o como um cachorrinho.

Nell fez uma careta, recordando. Tinha alternado entre suspirar por aquele homem e tentar encontrar um modo de fazê-lo sentir-se mais confortável. Não se dera conta de que sua ânsia em agradá-lo poderia ser mal interpretada pelas outras pessoas ou até mesmo por Tyler. Estava fascinada por ele e havia esquecido a ferida provocada pela rejeição de McAnders.

Na segunda semana que ele estava na residência, foi realizada uma quadrilha.

Nell decidiu não usar vestido, mas tratou de deixar os longos cabelos limpos e esco-

vados e não colocou o chapéu de aba larga. Como sempre quando havia estranhos, especialmente do sexo masculino, ela se retraiu. Tyler era um esconderijo conveniente e resolveu se esconder atrás dele.

— Assustada? — provocou ele, num tom suave, não prestando muita atenção à sua tímida companhia.

Ela era um pequeno girassol, uma criança para se mimar. Tyler não lhe perguntou quantos anos tinha, mas presumiu que fosse uma adolescente que não representava ameaças e podia se dar ao luxo de ser amável com ela.

— Não me enturmo com facilidade. — confessou Nell, sorrindo — E, para falar a verdade, não confio muito nos homens. Alguns dos hóspedes... Bem, são homens mais velhos e as esposas não estão mais interessadas neles. Acho que qualquer jovem, até mesmo alguém como eu, é uma diversão para eles. Não quero criar problemas, por isso, procuro me manter afastada. — seus olhos escuros buscaram os dele — Não se incomoda se eu ficar aqui atrás com você?

— Claro que não. — Tyler se recostou em um dos pilares que sustentavam o celeiro, onde ocorria a quadrilha, e se ocupou trançando três fios de couro cru que encontrou — Há muito tempo não freqüento esses bailes, isto é comum por aqui?

— Sábado sim, sábado não. — confidenciou ela — Convidamos as crianças, assim todo mundo pode participar. A banda — disse, indicando para quatro músicos — ...é um grupo local. Pagamos a eles quarenta dólares por noite. Não são famosos, mas são muito bons.

— E são mesmo. — concordou Tyler, com um sorriso. Ele olhou para Nell, desejando saber o que ela pensaria do tipo de festa que ele estava acostumado a freqüentar. Festas em que as mulheres usavam vestidos de estilistas famosos e nas quais havia orquestras inteiras ou, pelo menos, quartetos de cordas e quintetos de jazz.

Nell torceu uma mecha de cabelo num gesto nervoso, assistindo aos casais dançarem. Havia uma expressão saudosa em seus olhos e Tyler fez uma carranca ao fitá-la.

— Quer dançar, Nell? — perguntou suavemente.

Ela se ruborizou.

— Não. Não danço bem. — confessou, emocionando-se com o simples pensamento de se ver envolvida por aqueles braços fortes. Mas isso era algo insensato. Tyler poderia perceber o quanto ela se sentia atraída por ele. Ficava perturbada quando a mão dele roçava a sua acidentalmente. Não estava certa se seria capaz de se controlar ficando assim tão próximo, sem deixar transparecer a crescente paixão que nutria por aquele homem.

— Eu poderia lhe ensinar. — ofereceu-se Tyler, divertindo-se um pouco com a reticência da jovem.

— Não, é melhor não. Não quero... — ela ia dizer-lhe que não queria ter que explicar aos convidados do sexo masculino por que não dançava com eles, mas dançava com Tyler. Seria difícil fazê-lo entender que sua carne formigava só de pensar em ser conduzida por mãos estranhas. Porém, desejava o toque dele e isso era novo.

— Está bem, docinho. Não precisa se preocupar. — interrompeu ele, sorrindo — Mas acho que estou a ponto de ser seqüestrado. O que fará enquanto eu estiver fora? — perguntou, apontando para uma mulher gorda de meia-idade que caminhava em sua direção, com um alegre sorriso nos lábios.

— Ajudarei na mesa de refrescos. — respondeu ela, desculpando-se. Então, observou Tyler sendo conduzido para a pista de dança e suspirou, desejando ser o par do alto e esbelto texano. Mas não se sentia segura. Era melhor não apressar as coisas.

Depois daquela noite, ele se tornou seu porto seguro. Se houvessem reuniões de negócios ou problemas que ela tivesse que discutir com os homens ou hóspedes masculinos, sempre chamava Tyler. Começou a pensar nele como um escudo a protegê-la de um mundo que a amedrontava. Mas, mesmo confiando nele, não podia deixar de sentir uma atração que tornava impossível as coisas continuarem do modo que estavam. Queria que ele a notasse, que a visse como mulher. Era a primeira vez em anos que desejava exibir sua feminilidade e aparentar ser uma mulher de verdade.

Mas, numa manhã quando se encarou no espelho, sentiu vontade de chorar. Não dispunha de uma boa "matéria-prima". Tinha visto fotografias de estrelas de cinema que pareciam quase tão ruins quanto ela sem o efeito da maquiagem, mas sabiam o que fazer para parecerem bonitas. Seus cabelos, embora longos e brilhantes, precisavam de um corte. As sobrancelhas quase não existiam porque estavam desbotadas pelo sol. Tinha um bom físico, mas era muito tímida para usar roupas mais ousadas. Talvez não fosse uma boa idéia exagerar, disse a si mesma. Levava anos para superar a experiência ruim que tivera com o primeiro homem por quem se apaixonara.

Por fim, fez duas tranças uma de cada lado e as prendeu com miçangas indígenas.

Não lhe pareceu muito ruim, considerando que sua avó paterna era uma autêntica apache.

Só desejava que seu rosto ficasse tão bem quanto os cabelos. Bem, milagres acontecem, pensou. Talvez algum dia lhe acontecesse algum. E Tyler parecia gostar dela de verdade.

Tentou passar um pouco de batom nos lábios. Vestiu o jeans mais novo, o único que lhe ficava realmente bem, com um pulôver de tricô. Sorriu ao ver sua imagem refletida no espelho. Não ficou muito ruim, pensou. Com exceção do rosto. Talvez pudesse usar um saco de juta para escondê-lo.

Então, Bella a chamou para almoçar, antes que ela tivesse tempo de se preocupar mais.

Minutos depois, entrou na sala de jantar com uma energia que não experimentava há semanas. Sentiu-se renascida, renovada, autoconfiante. Estava florescendo.

A chuva havia se precipitado sobre o deserto, deixando os hóspedes entediados e o rancho perigoso. Os homens estavam trabalhando além do horário para manter o gado e os cavalos afastados das fendas que poderiam matá-los de repente, quando se inundavam.

Nos últimos três dias, caíra um verdadeiro dilúvio e dois dos hóspedes estavam pensando em voltar para casa. Os outros oito resolveram permanecer. Nell riu da persistência daquela gente e resolveu tornar suas vidas tão agradáveis quanto possível.

Os hóspedes costumavam jantar uma hora depois de Nell, Tyler e Bella, na enorme sala de jantar decorada com madeira de carvalho, cadeiras, mesas pesadas e mobília confortável.

Tyler ainda não havia aparecido, mas Bella, estava ocupada com a tarefa de colocar as travessas de comida na mesa. Então, relanceou um olhar rápido à dona da casa e quase deixou cair a bandeja que trazia nas mãos.

— É você, Nell? — perguntou indecisa, inclinando a cabeça grisalha para um lado.

— Quem esperava que fosse? — perguntou ela, sorrindo — Bem, não pretendo ganhar nenhum concurso de beleza, mas não estou melhor?

— Muito melhor! — exclamou a empregada — Oh, querida, não faça isso. Não queira sofrer uma nova decepção.

Nell prendeu a respiração.

— Como assim? — perguntou.

— Você leva coisas para ele na cabana. Prega botões na camisa dele. Confere se está seco e aquecido quando chove. Está sempre lhe fazendo coisas especiais na cozinha. E, agora, esta transformação. Querida, ele é um homem sofisticado, viajado, que até bem pouco tempo era muito rico. — Bella parecia preocupada — Não quero destruir seus sonhos, mas ele está acostumado com um tipo diferente de mulher. Está sendo amável com você. Só isso. Não confunda bondade com amor verdadeiro. Não outra vez.

A face de Nell corou. Não havia percebido que estava fazendo todas aquelas coisas. Gostava dele e queria vê-lo feliz. Mas não era essa a impressão que estava passando. E sua nova aparência por certo o deixaria em uma situação muito embaraçosa.

— Gosto dele. — balbuciou Nell — Eu não estou... não o estou seduzindo. — dizendo isso, virou-se e correu para a escada — Vou mudar de roupa.

— Nell!

Ignorando a lamúria arrependida de Bella, ela subiu os degraus. E não desceria para o jantar, apesar da súplica do outro lado da porta. Sentia-se magoada e ferida, embora a empregada tivesse tentado ser amável. Precisava se conter. Não podia deixar Tyler pensar que ela estava tentando seduzi-lo. Que Deus a livrasse de arrumar outra dor de cabeça!

Minutos mais tarde, no andar de baixo, Tyler e Bella compartilharam uma refeição tranqüila. Ele observava a mulher grisalha com curiosidade.

— Há algo a incomodando? — perguntou educadamente.

— Nell. — murmurou ela — Não vai descer para jantar. Arrumou os cabelos, mudou de roupa e eu... — Ela pigarreou — ... Bem, eu disse algo.

— A Nell podia ter um pouco mais de autoconfiança. — disse Tyler, num tom suave — Não foi inteligente de sua parte criticá-la.

— Não quero que ela sofra novamente. — gemeu Bella — Você está apenas pretendendo ser amável, eu sei disso. Mas aquela criança nunca teve qualquer afeto, exceto de mim. Não sabe o que é ser amada e desejada. O pai dela vivia para o Ted. Nell ficava sempre em segundo plano. E, na única vez em que se interessou por um homem, acabou se magoando. — a mulher deu outro suspiro — Talvez eu esteja sendo super-protetora. Mas não quero vê-la se atirando para cima de você apenas porque lhe dispensa um pouco de atenção.

— Nunca pensei que ela estivesse agindo dessa forma. — falou Tyler, sorrindo — Você está enganada. Nell está apenas querendo ser agradável. Ela é uma menininha linda. Tem bonitos olhos castanhos e modos educados. Gosto dela e ela de mim. Mas isso é tudo. Não precisa se preocupar.

Bella o encarou, desejando saber como ele podia ser tão cego.

— Nell tem 24 anos.

As sobrancelhas pretas de Tyler se arquearam.

- O quê?
- Que idade pensou que ela tivesse? — perguntou a mulher.
- Dezenove... Dezoito, talvez. — ele fez uma careta — Está falando sério?
- Como nunca estive em toda a minha vida. — respondeu Bella — Não cometa o

erro de tratá-la feito uma boneca. Ela é uma mulher adulta que vive sozinha e foi menos-prezada durante toda a vida.

Tyler mal a ouviu. Pensava em Nell como uma criança atraente, mas talvez estivesse totalmente enganado. Com certeza, ela não o via como um possível *affair*. Isso era muita pretensão. E, para falar a verdade, ela nem mesmo fazia o seu tipo. Preferia mulheres mais sofisticadas, cosmopolitas. Tyler voltou a remexer a comida.

— Não percebi que ela poderia estar se interessando por mim. Vou me cuidar para não encorajá-la. — ele sorriu para a empregada — Não quero uma menina boba e apaixonada no meu pé. Não gosto de ser assediado, nem por mulheres atraentes. E Nell é uma doce criança, mas nem mesmo um homem cego poderia chamá-la de bonita.

— Coma mais um pouco de carne. — ofereceu Bella um minuto depois, grata por Nell ainda estar no quarto e não ter ouvido o que ele dissera.

Claro que, por ironia do destino, Nell havia começado a caminhar pelo corredor e parado do lado de fora da porta. Ouvira toda a conversa e ficara branca feito papel. E, antes, de conseguir voltar para o quarto, às lágrimas que tentara reter saltaram-lhe dos olhos.

Talvez fosse melhor ter sabido logo o que Tyler de fato pensava a seu respeito. Parecia ter perdido o juízo por causa da atenção que ele lhe dispensava, mas agora que sabia o que ele realmente sentia por ela, faria tudo para manter os estúpidos impulsos sob controle.

Segundo as palavras de Bella, ela havia confundido bondade com interesse. E deveria ter sido mais esperta. Pelo amor de Deus, será que não aprendera a lição? Não tinha nada para atrair um homem.

Com esse pensamento, enxugou os olhos e vestiu de novo as roupas habituais. Em seguida, desceu para jantar como se nada tivesse acontecido.

Nem Bella nem Tyler perceberam que ela havia escutado e também preferiu não lhes contar.

Mas, depois de saber o que Tyler sentia a seu respeito, sua atitude em relação a ele mudou. Era cortês e atenciosa. Porém, o brilho que flamejava em seu olhar toda vez que o fitava se esvaneceu. Jamais voltou a encará-lo e passou a não procurá-lo com tanta frequência. As atenções desapareceram, bem como sua tímida adoração. Pôs-se a tratá-lo como qualquer outro empregado da fazenda. E o que realmente sentia, só ela sabia. Nunca mais falou sobre ele, nem mesmo com Bella.

Mas, naquela noite, no silêncio do seu quarto, ainda se ressentia pelo que poderia ter acontecido. Pelo visto, não nascera para ter um relacionamento amoroso com um homem, muito menos com Tyler Jacobs. No entanto, a constatação não evitava o seu sofrimento. Fora a primeira vez em muito tempo que se esforçara para parecer mais feminina. Mas também seria a última, jurou. Rolando sobre o colchão, fechou os olhos. Minutos depois, adormeceu.

Duas semanas se passaram e o sol voltou a brilhar. Graças a Deus, porque as últimas chuvas tinham sido catastróficas. Vários registros haviam sido cancelados e as finanças do hotel-fazenda sofreram com isso. Mas agora contava com os 18 quartos lotados, a maioria de dois leitos. O hotel promovia atividades para as famílias com crianças e a diversão contava com cavalgadas, passeios, churrascos e quadrilhas.

Possuíam vários clientes cativos. O Sr. Howes e a esposa se hospedavam ali há mais dez anos e, embora ele passasse a maior parte do tempo caindo do cavalo, nada parecia fazê-lo desistir de tentar se manter sobre uma sela. E, apesar do fato da Sra. Sims agravar sua úlcera com a pimenta-malagueta caseira de Crowbait, nos últimos cinco anos, continuava insistindo em comê-la. A mulher era uma viúva que lecionava em uma escola do Leste durante o ano e tirava férias de uma semana na fazenda, todos os verões.

A maioria desses freqüentadores assíduos já havia se tornado parte da família. E até mesmo os maridos não aborreciam mais Nell porque ela os conhecia. Mas sempre havia exceções, como o olhar pegajoso do Sr. Cova que tinha uma esposa pacata e amorosa, cujo afeto ele parecia determinado a desperdiçar. Estava sempre olhando para Nell, fazendo com que ela ansiasse pela partida do casal.

— Pode falar com Tyler se o Sr. Cova se exceder. — disse Bella, arrumando a mesa para o almoço.

— Não, obrigada. — respondeu Nell, com a voz tranqüila — Sei muito bem me cuidar sozinha.

Com essas palavras, virou-se e quase colidiu com Tyler, quando ele surgiu silencioso à entrada. Resmungando uma desculpa, passou por ele sem dizer mais uma palavra.

Ele observou a irritabilidade de Nell durante um minuto, antes de se sentar com as pernas afastadas em uma das cadeiras da cozinha e lançar o chapéu sobre a mesa. As mãos morenas e esguias sustentavam um cigarro, enquanto ele se ressentia por perder a amizade que um dia ambos compartilharam. Sentia como se, de alguma maneira, a tivesse ferido. A sensibilidade de Nell o perturbava. Ela o afetava como jamais outra mulher o fizera.

— Está sorumbático novamente. — murmurou Bella, num tom seco.

Tyler esboçou um breve sorriso.

— É porque Nell mudou — explicou ele, levando o cigarro aos lábios bem-feitos — Pensei que seríamos grandes amigos. Mas, agora, quando entro em um cômodo, ela sai rapidamente. Manda recados através de Chappy. Se eu preciso ver os livros, ela manda alguém me trazer. — Tyler encolheu os ombros — Sinto-me como um leproso.

— Ela fica nervosa perto dos homens. — amenizou Bella — Nell sempre foi assim. Pergunte ao Chappy.

Os olhos verdes de Tyler encararam a mulher.

— Mas não era assim no início. Não podia me virar sem me deparar com ela por acaso. Sabe por que as coisas mudaram?

Bella deu de ombros.

— Se eu soubesse — disse, escolhendo as palavras com cautela. —, ela me agradeceria por não lhe dizer coisa alguma. Embora, de fato, ela tenha se mostrado muito reservada nestes últimos dias.

— Certo. Bem, talvez seja melhor assim. — murmurou Tyler pensativo — O que temos para o almoço? — perguntou, inalando a fumaça do cigarro.

— Sanduíche de rosbife, batata frita caseira, salada, pudim de banana caseiro, chá gelado e café.

— Hum! Parece delicioso! A propósito, contratei mais dois homens para ajudar com o equipamento e na reforma do estábulo e do celeiro. Isso vai ter que ser feito antes de terminarmos a forragem, como suponho que você já saiba.

Bella bufou.

— Nell não vai gostar nada. Ela odeia ter que lidar com homens novos.

Tyler fez uma careta.

— O que aconteceu a ela?

— Não posso lhe contar. Ela mesma terá que fazer isso.

— Já perguntei, mas tudo o que recebi foram evasivas.

— Nell é uma pessoa reservada. Não fala sobre sua vida particular e não vou falar por ela. — a mulher sorriu para suavizar as palavras — Confiar em alguém não é algo fácil para aquela criança.

— Confiar é difícil para a maioria de nós. — ele inclinou a aba do chapéu sobre os olhos — Até mais.

O celeiro, como todas as outras construções na fazenda, ficava encharcado com a chuva, mas num dia ensolarado como aquele, era confortável e bem quentinho.

Nell se encontrava de joelhos ao lado de um pequeno *bezerro Hereford* numa baia minúscula, cheia de feno verde-dourado. Estava acariciando a cabeça do animalzinho.

Com o olhar pensativo, Tyler permaneceu no corredor, observando-a durante um longo momento.

Nell parecia uma órfã abandonada, e talvez se sentisse desse modo. Ele sabia o que era viver sem amor, ficar só e perdido. Podia entendê-la, mas ela não permitiria que ele se aproximasse o bastante para lhe dizer isso.

Havia cometido um erro com Nell. Mas nem mesmo sabia o que tinha feito para fazê-la tratá-lo com tamanha indiferença. Sentia falta do modo como as coisas eram no início. A adoração tímida que ela lhe devotava o tocava e o aquecia.

Naquele momento, sentia um tipo de vazio que não conseguia compreender.

Com esse pensamento, deu alguns passos à frente, estudando o modo como ela reagia à sua aproximação. Os olhos escuros baixaram e se ergueram rapidamente com a intenção de deixar a baia. Como se não pudesse suportar dividir o mesmo espaço com ele, pensou Tyler, irritado.

— Achei melhor lhe avisar que contratei dois homens, temporariamente, para ajudar com alguns consertos. — anunciou ele — Não entre em pânico. — continuou ao perceber o flash de medo no olhar dela — Eles não são assassinos e não pretendem estuprá-la.

Nell se ruborizou e as lágrimas queimaram seus olhos. Não disse uma palavra. Apenas se virou e deixou o celeiro, ferida como nunca se sentira na vida. Velhas, recordações arderam como labaredas no fundo de sua mente.

— Maldição! — estourou Tyler, furioso. Ele estava a um passo atrás dela. Quando Nell alcançou a porta do celeiro, ele a segurou bem firme pelo braço, detendo-a. A reação que presenciou o deixou chocado.

Ela gritou e contorceu o corpo numa tentativa de se livrar, os olhos escuros arregalados de medo.

Tyler percebeu tardiamente que o que a amedrontava era a raiva estampada no rosto dele, a intensidade desse sentimento expresso no aperto firme que a impedia de se mover.

— Eu não bato em mulheres. — falou ele, num tom suave, afastando-se um passo — E não pretendia perturbá-la. Não deveria ter feito aquele comentário sobre os novos homens. Nell...

Ela engoliu em seco, enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans, enquanto lutava para se recompor. Odiava deixá-lo perceber o medo que sua violência lhe incitara. Desviou o rosto e os cílios negros e espessos impediram que ele notasse a emoção que fazia seus olhos escuros brilharem.

Tyler se aproximou, avultando-se sobre ela. As mãos esguias e fortes tocaram-lhe as longas mechas de cabelo e as orelhas, deslizando depois até o queixo delicado, erguendo-o e forçando-a a encará-lo.

— Pare de fugir. — disse Tyler — Está fazendo isso há semanas. Não posso mais suportar. Não consigo chegar perto de você.

— Não quero que chegue perto de mim! — disparou Nell, sufocada pelas palavras — Deixe-me.

As palavras feriram o orgulho dele, mas Tyler não permitiu que ela percebesse.

— Então, me diga por quê. — insistiu, encarando-a com firmeza — Vamos, diga.

— Ouvi o que você disse a Bella naquela noite. — respondeu Nell, desviando o olhar — Pensou que eu era uma menininha e quando ela lhe disse quantos anos eu tinha, você... Você disse que não queria uma menina boba e apaixonada no seu pé.

Tyler percebeu as lágrimas saltarem dos olhos dela, antes de senti-las escorrendo sobre a parte de trás de sua mão.

— Então foi isso... — ele fez uma careta. Não havia lhe passado pela cabeça que ela pudesse tê-lo ouvido. Suas palavras a magoaram. — Nell, não imaginei que você tivesse me ouvido. — falou, num tom suave.

— Foi bom. — respondeu ela, erguendo o queixo com altivez, ao mesmo tempo em que lutava contra o embaraço — Não havia percebido o quão ridículo vinha me comportando. Não o deixarei mais embaraçado, prometo. Gostei de você, foi só isso. Queria que se sentisse feliz aqui. — ela deixou escapar uma risada rouca — Sei muito bem que não sou o tipo de moça que atrairia um homem como você. Não estava tentando seduzi-lo. — os olhos escuros se fecharam com uma sombra de dor — Agora, por favor, deixe-me ir.

— Oh, Nell... — murmurou Tyler, puxando-a para junto do peito e estreitando os braços ao redor da delgada cintura. Embalou-a, sentindo como se o sofrimento dela também o ferisse. Seus olhos se fecharam enquanto a aconchegava ao peito, o contato íntimo aliviando as lágrimas, a dor. Ela chorou em silêncio pela doçura daquele instante, mesmo sabendo que não podia esperar nada além disso. Alguns segundos de piedade e culpa. Um frio conforto para uma vida solitária.

Nell se deixou ficar contra aquele tórax forte por um momento encantador, amando a energia que aquele corpo másculo transmitia, o cheiro do couro e tabaco que se desprendia da camisa de algodão que ele usava. O som das batidas do coração dele penetrava seus ouvidos. Era só o que lhe restaria para sonhar quando Tyler partisse. Mas naquele instante, tinha que ser forte.

Com um movimento repentino, afastou-se e ele a soltou. Tinha consciência de que não havia lugar para ela na vida daquele homem. Margie era mais parecida com ele. Sofisticada, bonita e madura. Ambos arderiam como uma casa em chamas. Precisava se lembrar disso e não deixar seu coração se viciar em Tyler. Porque a cunhada o desejava, tinha certeza. E Margie sempre conseguia o que queria.

— Obrigada pelo conforto. — agradeceu, forçando um sorriso — Não precisa se preocupar comigo. Não vou mais dificultar as coisas para você. — ela ergueu a cabeça, com os olhos castanhos suaves e sombrios exibindo uma dor que ela tentava desesperadamente mascarar.

Tyler sentiu algo mexer dentro dele, que o abalou. Ela possuía os olhos mais belos e sensuais que ele já vira. Deixavam-no faminto, mas por coisas que não tinham nenhuma expressão física. Nell o fazia sentir como se ele tivesse vivido toda a vida no frio e de repente encontrado uma fogueira à sua espera.

Ela percebeu o brilho de interesse iluminando aqueles olhos verdes e abaixou a cabeça. Tyler tinha o poder de enfraquecê-la. Se a olhasse daquela maneira com muita frequência, Nell teria que se refugiar no deserto para sempre. Tinha a impressão de que ele poderia possuí-la sem um único movimento sequer.

Então afastou-se, nervosa e insegura.

— É melhor eu entrar.

— Aqueles dois homens novos são apenas temporários. Só ficarão até reunirmos o gado. — a voz soou estranhamente forçada. Tyler acendeu um cigarro, surpreso ao perceber que seus dedos estavam trêmulos. — Chegarão dentro de algumas semanas.

Nell administrou um sorriso tímido.

— Bem, tentarei não tratá-los como assassinos. — prometeu, nervosa — Sinto muito pela quadrilha. Por deixá-lo se virar com Margie. — ela sacudiu os ombros.

— Não tem importância. Mas não torne isso um hábito, certo? — disse ele, sorrindo para suavizar as palavras. Tyler a alcançou e segurou uma mecha de seus longos e indomáveis cabelos. — Sinto-me um pouco confuso, Nell. Perdi minha casa, meu trabalho tudo com que eu estava acostumado. Estou tentando encontrar meu caminho. Não há lugar para uma mulher na minha vida por enquanto.

— Sinto muito pelo que perdeu. — falou ela, com genuína sinceridade, contemplando o rosto moreno e forte de Tyler — Mas vai recuperar tudo um dia. Você é assim. Não consigo imaginá-lo fazendo corpo mole e se conformando com salários semanais.

Ele deu um pequeno sorriso, surpreso pela percepção dela.

— Não? Você também não é nenhuma molenga, pequena Nell.

Ela se ruborizou.

— Não sou pequena.

Tyler deu um passo vagaroso à frente, com um movimento sensual que fez o coração dela disparar feito louco dentro do peito.

Nell mal conseguia respirar. A água-de-colônia masculina que ele usava penetrou em suas narinas, seduzindo-a.

— Bom, grande você não é — provocou ele, tocando-lhe a pulsação visível no pescoço delicado com a ponta dos dedos — Nervosa, querida?

Com o ar mal lhe chegando aos pulmões, Nell receou não ser capaz de responder.

— Eu... Eu tenho que entrar.

Tyler curvou a cabeça de modo que seus olhares se nivelaram, enquanto aquele dedo enlouquecedor traçava um caminho eletrizante ao longo do pescoço dela.

— É mesmo? — perguntou ele, num sussurro rouco. O hálito morno tocou os lábios semi-abertos de Nell como um beijo.

— Tyler... — Estranho como sua voz soou diferente, pensou ela. Forçada. Quase frenética.

De repente, o olhar de Tyler recaiu sobre os lábios dela e ele desejou prová-los. O peito estava arfante e os olhos exibiam um brilho selvagem. Quase ultrapassou aqueles poucos centímetros que conduziriam aquela boca macia e sensual de encontro à sua. Mas Nell estava tremendo e por certo era de medo, meditou. Era cedo. Muito, muito cedo.

Fez um tremendo esforço para se afastar, mas sua mão continuava firme no ombro dela como se não quisesse deixá-la partir.

— Até logo. — despediu-se com um sorriso lento.

Nell limpou a garganta. Por um momento, pensou que seria beijada, mas isso era um absurdo.

— Tudo bem. Eu o vejo mais tarde.

Dizendo isso, virou-se e se dirigiu à casa com as pernas bambas. Teria que manter a imaginação sob controle. Tyler só a estava provocando como no início. Mas, pelo menos, ele ainda gostava dela.

Se fosse capaz de domar aquele coração tolo, ainda poderiam se tornar grandes amigos. No entanto, com Margie por perto, não podia esperar por mais nada.

Capítulo Três

Dois finais de semana mais tarde, Margie e os meninos voltaram à fazenda. Curt e Jess acordaram bem cedo no domingo de manhã e Nell notou, bem-humorada, que as crianças seguiam Tyler onde quer que ele fosse. Isso dava a Margie uma boa desculpa para ir junto, mas a mulher parecia preocupada. Tentara engatar uma conversa com ela mais cedo, embora Nell não estivesse disposta. Era difícil ouvi-la tentando ordenar sua vida. Margie, pelo visto, não havia notado que a cunhada era uma mulher adulta. Passava a maior parte do tempo na fazenda tentando transformá-la no tipo de pessoa que queria que ela fosse. Ou assim deixava transparecer.

— Gostaria que você me deixasse dar um jeito nesse seu rosto e ajudá-la a comprar

algumas roupas novas. — murmurou Marguerite à mesa de café-da-manhã. Então, observou o traje habitual de Nell — Podia muito bem usar algo mais moderno em vez dessa roupa velha. Ia chamar muito mais a atenção dos homens.

— Não quero que os homens me notem. — esbravejou Nell, sucinta.

— Bem, mas deveria querer. — rebateu Marguerite, obstinada — Aquele incidente aconteceu há muito tempo. — continuou, com o olhar fixo — E não foi tão traumático quanto você quer fazer parecer. E não discuta. — acrescentou, quando Nell se irritou — Você era apenas uma criança na idade que se deixa impressionar e estava apaixonada por Darren. Não estou dizendo que provocou aquilo, porque nós duas sabemos que não. Mas está na hora de enfrentar o que é uma relação de verdade entre um homem e uma mulher. Não pode ser uma menininha para sempre.

— Não sou uma menininha. — resmungou Nell entre dentes, ciente de que seu rosto estava corado — E sei muito bem o que é uma relação de verdade. Não quero que aconteça comigo.

— Mas deveria querer. Vai ficar uma velha solteirona e isso é um desperdício lamentável. — Margie cruzou os braços sobre o corpete do rústico vestido branco, com graciosos babados e rendas — Ouça, querida. — começou, suavizando o tom de voz — Sei que a culpa foi principalmente minha. E sinto muito. Mas não pode deixar isso arruinar sua vida inteira. Você nunca conversa comigo ou com Bella. Eu gostaria que conversasse, porque acho que poderíamos ajudá-la.

— Não preciso de ajuda. — disparou Nell, de modo seco.

— Sim, precisa. — insistiu Margie — Tem que parar de se esconder da vida.

— Ah, aí está você. — disse Tyler, interrompendo o discurso de Margie — Seus filhos encurralaram uma cobra no jardim. Curt disse que você não se importaria se ele a criasse como bicho de estimação.

A mulher o fitou, horrorizada. Tyler riu da expressão dela.

— Tudo bem. Eu o farei soltá-la. — ele olhou para Nell, notando o modo como ela evitava encará-lo e brincava nervosamente com a xícara de café — Alguns dos hóspedes vão ao culto. Pensei em levá-los. Na verdade, aprecio um bom sermão.

— Está bem. Obrigada. — disse Nell, ignorando a óbvia surpresa de Margie.

— Pensou que eu fosse a imagem ambulante do pecado? — perguntou Tyler à bela mulher — Sinto decepção por ela, mas, na realidade, não passo de um caipira do Texas, apesar do estilo de vida que costumava ostentar.

— Santo Deus! — Margie sacudiu a cabeça, divertida — As aparências enganam. — ela relanceou o olhar à cunhada, petrificada — Deveria levar Nell junto. Ela, provavelmente, desfrutaria bastante.

— Posso muito bem ir sozinha à igreja depois. — dizendo isso, Nell se ergueu e deixou a sala. O andar duro expressava mais do que as palavras.

Ela foi à igreja, para o último culto da manhã, trajando um vestido cinza que não lhe valorizava o físico, sem maquiagem e com os cabelos castanho-mel presos em um coque.

Bella a levou à cidade e prometeu vir buscá-la quando o culto terminasse. Fez questão de não ir mais cedo com o grupo de Tyler, especialmente depois daquele irritante convite de Margie para que ele a levasse.

Portanto, quando o culto terminou, a última pessoa que imaginou encontrar espe-

rando por ela era Tyler. O belo texano estava encostado na caminhonete em frente à igreja, vestindo um terno cinza impecável.

— Onde está Bella? — perguntou Nell abruptamente.

As sobranceiras escuras de Tyler se ergueram.

— Ora, ora! — repreendeu-a, num tom suave — Hoje é domingo. E eu odiaria ter que deixá-la caminhar até a fazenda.

— Combinei com Bella de ela vir me buscar. — disse ela, recusando-se a se mover.

— Não havia necessidade de fazê-la vir até aqui, já que eu teria que voltar à cidade de qualquer maneira, não acha?

Ela o encarou, desconfiada.

— Por que teve que fazer duas viagens para a cidade no domingo?

— Para vir buscá-la, é claro. Vamos.

Nell não teve escolha. Ele a guiou até o lado do passageiro e a fez entrar, fechando a porta suavemente atrás dela.

— Está acabando com o meu ego. — observou Tyler, conduzindo o veículo para a estrada.

As mãos nervosas de Nell torceram a bolsa cinza de couro macio.

— Você não tem ego. — respondeu ela, fitando a paisagem montanhosa através da janela.

— Obrigado. — retrucou ele, com um débil sorriso — E a primeira coisa agradável que me diz em semanas.

Ela suspirou e olhou para a bolsa em suas mãos.

— Não pretendi ser desagradável. — confessou — E que... — seus ombros se ergueram e caíram em seguida — ...Não quero que pense que estou correndo atrás de você. — Nell fez uma careta — Afinal, acho que me comportei como uma idiota quando você chegou aqui.

Tyler desviou o carro para um pasto que conduzia a um portão fechado e desligou o motor. Seus olhos verdes a estudaram, enquanto ele acendia um cigarro com movimentos lentos e firmes.

— Muito bem, vamos colocar as cartas na mesa. — disse, com a voz calma — Estou arruinado. Trabalho para o seu tio porque o que tenho no banco não daria para me sustentar durante uma semana e não posso economizar muito. Tenho dívidas que estou tentando pagar. Isso faz de mim um péssimo partido para qualquer mulher. E não estou procurando um relacionamento...

Nell gemeu, movida pelo embaraço e saiu do veículo, humilhada.

Mas, antes que pudesse escapar, a figura alta e ameaçadora de Tyler bloqueou-lhe a passagem.

— Por favor, não precisa me dar explicações. — suplicou ela, com a voz entrecortada — Sinto muito, eu não pretendia...

— Nell...

O som do seu nome sendo pronunciado por aquela voz grave fez com que seus olhos feridos encontrassem os dele. Por entre uma névoa de lágrimas, viu os traços marcantes de Tyler. Então, aqueles maravilhosos olhos verdes começaram a brilhar novamente, como brilharam uma vez, quando ele se aproximou dela.

— Você é muito vulnerável. — havia algo solene naquele olhar — Estou tentando lhe dizer que nunca pensei que estivesse me perseguindo. Isso não combina com você.

Nell poderia ter rido daquela declaração. Ele não sabia que anos antes ela correria descaradamente atrás de Darren McAnders e quase implorara o seu amor. Mas preferiu não lhe contar. Seu olhar recaiu sobre o arfar apressado daquele tórax largo sob o tecido do terno, e ela desejou saber por que ele parecia tão ofegante. Sua própria respiração também era rápida, porque estava próxima o bastante de Tyler para sentir seu calor e o cheiro daquele perfume másculo excitante.

— Fico nervosa quando estou perto de homens. — disse ela, incapaz de encará-lo — Você é o primeiro que me deu alguma atenção. Acho que fiquei tão lisonjeada que passei dos limites, tentando fazê-lo sentir-se feliz aqui na fazenda. — esboçando um sorriso, Nell ergueu o olhar e o baixou outra vez — Mas nunca imaginei receber mais do que amizade da sua parte. Não sou como Margie.

— O que quer dizer com essa besteira? — perguntou ele, num tom ríspido. Nell estremeceu.

— Ela é como as pessoas do seu mundo, só isso. E equilibrada, sofisticada e bonita...

— Existem muitos tipos de beleza diferentes. — retrucou, com uma suavidade na voz que ela ainda não tinha ouvido. Entre a surpresa e o deleite, Nell sentiu o toque dos dedos esguios de Tyler erguendo-lhe o queixo, obrigando-a a encará-lo. — Uma beleza que vai muito além da maquiagem.

Involuntariamente, seus lábios se apartaram. No instante seguinte, se viu cativa do poder daqueles olhos verdes. Ele a fitava de um modo que a deixava com os joelhos bambos.

— E melhor irmos embora... não acha? — perguntou ela, num sussurro rouco.

O timbre de voz baixo e suave fez Tyler sentir um arrepio na espinha. Contemplando-a demoradamente, descobriu segredos e desejos inconfessáveis em seus olhos escuros. Quase conseguia perceber a solidão e os anseios ocultos daquela mulher.

E, de repente, uma irresistível necessidade de apagar a dor que sombreava aquele olhar dominou seus sentidos.

Distraído, jogou a guimba de cigarro no chão e pisou-a com a pesada ponta da bota. Suas mãos esguias deslizaram ao longo do rosto de Nell, acompanhando-lhe a curva das orelhas.

— Tyler... — ofegou ela.

— Shh... — devagar, ele a encostou à porta da caminhonete e a estreitou contra o corpo. Seu peito largo tocou-lhe os seios macios e seus olhos buscaram os dela, prendendo-os, atraindo-a para si.

As mãos nervosas de Nell, a bolsa, pressionaram-lhe o tórax, mas não como uma forma de protesto, era fácil perceber. Assim tão perto, ela não podia ocultar o desejo que a dominava.

— Mas... — murmurou ela.

— Nell... — Tyler sussurrou seu nome ao mesmo tempo em que seus lábios roçaram os dela. Não foi um beijo. Era uma sensação febril, um toque sedutor que a fez enrijecer, porque tinha medo que ele parasse se ela se movesse.

Os dedos esguios brincaram em sua nuca, tirando-lhe os grampos e soltando-lhe os

cabelos. O tempo todo, a boca máscula provocava a sua, mantendo-a cativa. Ele fechou uma das mãos ao redor dos grampos e correu os dedos lentamente pela cascata de cabelos que havia soltado, desfrutando a maciez das mechas.

— Abra a boca um pouco mais... — murmurou mordiscando-lhe o lábio inferior.

Nell se ruborizou, mas obedeceu sem pestanejar.

Os lábios sensuais de Tyler se apartaram e ela percebeu como se ajustavam com perfeição aos dela. Então, o fitou e a sensação começou a penetrar em seus nervos. Com a respiração ofegante, fechou os olhos abalados de prazer.

Um som rouco emergiu da garganta de Tyler. Nell sentiu o contato do corpo rijo de encontro ao seu, enquanto os pássaros trinavam no prado, um avião voava no céu e o sol brilhava sobre sua cabeça. Gemeu fascinada.

Ele sentiu o tremor do corpo feminino e ouviu os gemidos que escapavam daqueles lábios macios. Erguendo a boca apenas o suficiente para ver a dela, assustou-se com o prazer que testemunhou. Os olhos de Nell se abriram, pareciam feitos de veludo negro. As mãos de Tyler deslizaram com suavidade pelas costas dela até a linha da cintura delicada. Nesse instante, ele percebeu que respirar havia se tornado um suplício.

— Meu Deus... — murmurou, rouco, mas com reverência, porque jamais sentira aquela ternura irresistível por uma mulher.

— Você... Você não devia me abraçar... desse modo — sussurrou ela, a voz trêmula de medo e desejo.

— Por que não? — Tyler roçou o nariz de encontro ao dela, enquanto falava e dava um sorriso lânguido.

As faces de Nell coraram.

— Você sabe por quê.

— Não, não sei. — dizendo isso, Tyler pousou os lábios sobre os dela, sentindo toda a rendição, toda a submissão daquela mulher, como uma droga que o afogava na suavidade daquele corpo feminino e na doçura daquela boca. Relaxou, cedendo ao próprio desejo. Então, pressionou devagar a pélvis de encontro à dela, fazendo-a perceber o que, por certo, ela já sabia. Que ele estava febrilmente excitado.

Nell se enrijeceu e ofegou. Tyler percebeu que o ardor havia se transformado em medo quando ela o empurrou, embaraçada. Afastando-se, libertou-a da pressão suave do seu corpo. Seus olhos buscaram a face, notando o modo como ela evitava encará-lo.

— Nunca fez isto antes. — afirmou ele, com uma súbita convicção.

— Não, não voluntariamente... — respondeu Nell, com uma leveza forçada, mordendo o lábio inferior — Sinto muito. E... é um pouco assustador. — ela se ruborizou novamente. Dessa vez, com mais intensidade.

Tyler riu, fascinado, e pressionou a boca com ternura contra a testa dela.

— Imaginei que fosse, para uma pequena virgem que não persegue os homens.

— Por favor, não caçoe de mim.

— Passei essa impressão? — ele ergueu a cabeça, tocando-lhe os lábios com o dedo indicador, enquanto a contemplava — Não tive essa intenção. Não estou acostumado com mulheres inocentes, Nell. O mundo de onde venho não as aceita de bom grado.

— Oh, entendo...

— Não, não entende, doçura. E isso é uma coisa boa. Não pertenco mais àquele

mundo. E acho que não sinto falta de nada. — ele brincou com uma mecha longa e sedosa dos cabelos dela — Você está tremendo.

— Estou... Isto é... novo para mim.

— Para mim, também. Embora suponha que não acredite nas minhas palavras. — ele afastou-lhe os cabelos para trás da orelha e seus olhos verdes buscaram os dela — Quanto tempo faz desde que um homem a beijou de verdade pela última vez?

— Acho que isso nunca aconteceu — confessou.

— Por quê?

— Não atraio os homens.

— É mesmo? — ele sorriu ao mesmo tempo em que a pegou pela cintura e a puxou para si. Nell corou e tentou se afastar, mas, dessa vez, ele a segurou com firmeza.

— Tyler! — protestou nervosa.

— Fique quietinha. — murmurou ele, num tom suave, mas permitindo que ela afastasse os quadris sem protestar — Tem 24 e não sabe nada sobre homens. Está na hora de ter uma pequena lição. Não vou machucá-la, mas não posso beijá-la e manter uma distância segura.

— Não, pare! — implorou ela — Não é justo... ficar brincando comigo.

Tyler não pestanejou.

— E o que acha que estou fazendo, Nell? — perguntou, suavemente — Acha que estou brincando?

— O que mais poderia estar fazendo?

— Sim, de fato, o que mais poderia estar fazendo? — respirando fundo, Tyler se curvou, puxou-a para si e apossou-se de seus lábios num beijo que era um misto de paixão e raiva, porque se sentia excitado de um modo como nunca havia sonhado antes. Não podia evitar o que estava acontecendo e isso o deixou ainda mais irritado. Nell era a última mulher no mundo que ele deveria beijar daquele modo. Não tinha o direito de se envolver com aquela jovem, já que não possuía nada para lhe oferecer. Mas aqueles lábios doces e suaves sob os seus. O corpo tentador, derretendo-se contra o seu, depois da primeira resistência. Erguendo-a de encontro ao peito, afogou-se no prazer duradouro, doce e dolorido do mais puro beijo que alguma vez compartilhara com uma mulher. Seu corpo latejou junto ao dela, mas se esforçou para manter o controle. Era algo que não podia terminar em um quarto. Tinha que se lembrar disso.

Com um gemido rouco, deu ouvidos à voz da razão. Colocou-a de volta no chão. Suas mãos ainda seguravam os braços delicados com firmeza, enquanto ele lutava para respirar e recuperar a sanidade.

Nell parecia atordoada. Seus olhos procuraram os dele e ela percebeu o tremor nas mãos que a seguravam. Tyler estava tão ofegante quanto ela. Ele a desejava. De repente, isso ficou bem claro. Chocada, notou o quanto aquele homem era viril.

— Preciso me sentar. — disse Nell, com a voz trêmula.

— Eu também, se quer saber a verdade. — respondeu ele, com um suspiro irregular. Abrindo a porta da caminhonete, conduziu-a para o interior, antes de deslizar suas longas pernas para dentro e sentar-se em frente ao volante.

Acendeu um cigarro e permaneceu imóvel em silêncio, enquanto Nell apalpava os grampos e procurava uma pequena escova na bolsa para ajeitar os cabelos desalinhados.

Gostaria de conferir seu visual em um espelho, mas isso pareceria suspeito. Não queria que Tyler percebesse o quão desesperadamente doce aquele encontro fora para ela.

Repôs a escova na bolsa e a fechou. Então, baixou o olhar. Agora que havia terminado, desejou saber como Tyler estaria se sentindo. Será que ele pensou que ela estava tão faminta de afeto que reagiu do mesmo modo que qualquer homem teria reagido? Fitou-o nervosa, mas ele parecia alheio à sua presença. Contemplava o pára-brisa, aparentemente perdido em pensamentos.

Na realidade, Tyler estava tentando fazer sua respiração voltar ao normal. Era incomum se sentir trêmulo por causa de um simples beijo inocente. Não se lembrava da última vez que uma mulher lhe abalara o equilíbrio. Mas Nell não precisava fazer muito esforço e isso o aborrecia. Perder o controle com uma virgem era a última coisa de que precisava. Tinha que puxar os freios, e rapidamente. A pergunta era: como fazer isso sem fazê-la pensar que ele não passava de um playboy querendo apenas se divertir?

Virando a cabeça, deparou-se com Nell contemplando a paisagem sem qualquer expressão relevante na face delicada.

— Chegaremos atrasados para o almoço. — observou ela, sem ousar encará-lo. Não era capaz. Estava envergonhada demais pela sua reação ao beijo dele.

Tyler procurou as palavras certas para explicar o que havia acontecido, mas Nell era uma jovem muito pura para aquele tipo de discussão. Parecia bastante ingênua em vários aspectos. Seu abandono talvez tivesse sido tão vergonhoso para ela quanto sua falta de controle fora perturbadora para ele.

Era melhor deixar as coisas se assentarem, supôs. Pelo menos por ora. Colocando a chave na ignição, ligou o motor e, sem mais palavras, rumou para a fazenda.

Marguerite aprontou os meninos para partirem no início da tarde e Tyler se ofereceu para levá-los de volta a Tucson. Isso pareceu empolgar Margie e foi um alívio para Nell, que receava ter que ficar sozinha com a cunhada. Margie tinha um modo todo peculiar de lhe arrancar informações e não estava com vontade de compartilhar com ninguém o que havia acontecido com Tyler.

Era um segredo. Um segredo doce e muito íntimo que pretendia manter vivo por muito tempo.

— Não está pensativa novamente, está? — perguntou Bella naquela noite enquanto lavavam os pratos do jantar.

Nell sacudiu a cabeça em uma negativa.

— Não. Só estou contente porque vou ter um pouco de paz. Margie estava novamente empenhada em me embelezar. — ela deu um suspiro — Não sei se gostaria de andar na moda, mesmo se tivesse matéria-prima para tal. Gosto de mim do jeito que sou.

— Deselegante. — concordou Bella.

Nell fitou a empregada. Suas mãos ensaboadas se ergueram da água.

— Olha quem fala de deselegância!

Bella retribuiu o olhar.

— Não sou deselegante. — a mulher mudou de posição e sacudiu a vasta cabeleira

grisalha para trás — Sou uma pessoa de hábitos simples.

Nell não pôde argumentar.

— Está bem, eu me rendo. Sou deselegante.

— Você podia tentar melhorar. Talvez Margie não seja o terror que pensamos que é. Sabe, ela se preocupa com você, ao modo dela. A pobre coitada só está tentando ajudar.

— Está tentando ajudar a si mesma a conquistar Tyler.

— Ela se sente sozinha. — disse Bella. De repente, os olhos astutos buscaram o rosto vulnerável de Nell — Você não?

— Acho que a maioria das pessoas se sente. — falou ela, encarando a água e o sabão

— E acho que Tyler poderia arranjar algo pior. Pelo menos Margie o faz sorrir.

— Você também poderia, se mudasse de humor.

— Já fui magoada antes. — murmurou Nell.

— Isso não é motivo para se enterrar. Tem apenas 24 anos e muito tempo pela frente para sofrer de solidão se não mudar logo de atitude. Não ganha nada se tiver medo de arriscar uma chance. Isso não é modo de uma jovem viver.

A mente de Nell voltou para aquela manhã, para Tyler, a boca morna e faminta envolvendo a sua, o contato do corpo forte pressionando-a. Corou pela simples e doce lembrança e, naquele momento, soube que morreria se nunca mais pudesse experimentá-la outra vez.

Mas Tyler não a queria. Já lhe dissera que não tinha espaço para uma mulher na vida dele. Precisava manter a cabeça no lugar e não ficar correndo atrás daquele homem. Não quando tinha certeza de que seria rejeitada.

— Bella, talvez eu tenha nascido para ser uma solteirona. — murmurou, pensativa — Acontece com algumas mulheres, você sabe. E assim que funciona. Só as mulheres bonitas se casam.

— Eu não era bonita e me casei. — lembrou-a Bella, com um ar arrogante — Além do mais, a beleza acaba. Caráter dura. E você tem bastante, juvenzinha.

Nell sorriu.

— E você é uma senhorinha adorável.

— Fico feliz que goste de mim. Também gosto de mim, mas só de vez em quando. Agora, lave essa sujeira, querida. Assim, não teremos uma intoxicação alimentar. No dia em que tiver sua própria casa e cozinha, terá que fazer tudo isso, sem eu estar por perto para lembrá-la.

Nell precisou abafar uma risadinha. Bella podia ser autoritária, mas era um anjo.

Nos dois dias que se seguiram, Tyler se atirou de cabeça no trabalho e Nell mal o viu. Vinha fazer as refeições, mas parecia abatido e tossia vez ou outra. Desde o domingo em que fora buscá-la na igreja, quase não voltaram a se falar. Tratava-a com educação, porém com uma certa distância, o que a fez começar a pensar que ele a estava evitando. Entendia a razão: Tyler não queira se envolver. Provavelmente, tinha medo de que ela interpretasse errado aqueles beijos apaixonados.

Bem, disse a si mesma, ele não tinha motivo para se preocupar. Não ia correr atrás

dele. Só desejava ter oportunidade de poder lhe dizer isso.

Mas tudo continuou igual. Não conseguia parar de se preocupar com aquele homem. Ele não parecia muito bem e inevitavelmente, um dia, no meio da semana, não apareceu para jantar.

Bella foi até a cabana do administrador para descobrir o motivo. Pedira a Nell que fosse perguntar, mas ela se recusara de imediato. Outra confrontação com Tyler era a última coisa de que precisava no momento.

A empregada voltou cerca de meia hora depois com uma expressão pensativa.

— Ele não parece muito bem. — observou — Está pálido e diz que não tem apetite. Espero que não tenha pegado aquele vírus que assolou o alojamento dos empregados a semana passada.

— Ele ficou bem? — perguntou Nell, depressa.

— Disse que uma boa noite de sono lhe daria outro ânimo. Vamos ver.

Nell deixou a cozinha devagar e precisou se controlar para não ir até a cabana ver Tyler. Ele era o símbolo da boa saúde. Sabia desse detalhe, porque ele lhe dissera que jamais ficara doente. Mas sempre havia uma primeira vez, e ele trabalhava como um cavalo desde que chegara ali.

Às vezes, parecia que estava trabalhando para conseguir mais do que a fazenda que perdera no Texas. Talvez houvesse uma moça que Tyler desejava e que o desprezou quando ele perdeu tudo. Isso criava uma nova perspectiva e Nell começou a se preocupar ainda mais. Não lhe passara pela cabeça que ele pudesse ter uma namorada. Mas o texano era um homem bonito e experiente. Muito experiente, até mesmo para sua mente inocente. Devia ter tido muitas mulheres no passado. Podia até mesmo ser comprometido. Ela gemeu. Não gostava de considerar a possibilidade de Tyler tê-la beijado apenas porque sentia falta de alguma mulher que deixara no Texas. Mas isso podia ser verdade. Oh, se pelo menos existisse um modo de descobrir!

Caminhou repetidas vezes pelo chão da sala de estar, até Bella reclamar que ela estava arruinando o tapete. Então, resolveu subir para o quarto, onde podia caminhar sem ser interrompida.

Mas, quanto mais caminhava, mais confusas as coisas se tornavam. Por fim, despiu-se, vestiu uma camisola macia e se deitou. Minutos depois havia adormecido, livrando-se de todos os problemas que a afligiam.

Na manhã seguinte, seu primeiro pensamento foi Tyler. Vestiu uma calça jeans e uma blusa de linha amarela, prendeu os longos cabelos em um rabo-de-cavalo e desceu a escada correndo.

— Já foi ver Tyler? — perguntou a Bella.

A mulher mais velha fez uma careta, em frente a um tabuleiro de biscoitos que estava preparando.

— Vou assim que colocar estes biscoitos no forno.

— Então, eu vou.

Bella não disse uma palavra. Mas sorriu para si mesma quando Nell deixou a cozi-

nha, apressada, pela porta dos fundos.

A cabana do administrador era agradável. Grande o bastante para abrigar uma pequena família. Bateu na porta. Ninguém respondeu.

Bateu de novo. Nada ainda.

Pausou, desejando saber o que fazer. Mas realmente não havia escolha. Se Tyler não respondia, era porque estava dormindo, o que era improvável. Ou teria saído, o que era igualmente improvável. E, na pior das hipóteses, poderia estar muito doente para se levantar.

Nell abriu a porta, contente por achá-la destrancada e espiou o interior. Parecia tudo arrumado demais para o alojamento de um solteiro. Os tapetes indígenas eram impecáveis e não havia roupas jogadas sobre o velho sofá de couro e a cadeira.

Seu coração bateu descompassado quando se aventurou até a sala de estar.

— Tyler? — chamou.

Nesse instante, ouviu um gemido baixo vindo do quarto. Seguiu o som, receosa de encontrá-lo despido. Indecisa, deu uma olhada, da porta.

— Tyler?

Ele estava debaixo das cobertas, mas o tórax e os braços bronzeados e musculosos estavam nus. Tyler abriu ligeiramente os olhos.

— Nell! Oh, meu Deus! Estou me sentindo muito mal. Pode chamar Bella, querida?

— Para quê? — perguntou ela, num tom suave, aproximando-se mais.

— Para chamar um médico. — murmurou Tyler, ofegante — Quase não dormi e meu peito dói. Acho que estou com bronquite.

— Posso chamar o médico. — Nell pôs a mão sobre a testa dele. Estava ardendo em febre.

— Fique deitado e não se mova. Vou lhe buscar algo frio para beber e depois chamarei o médico. Fique tranquilo. Vou cuidar de você.

Tyler buscou os olhos escuros de Nell. Era estranha a sensação que aquelas palavras lhe causaram. Jamais alguém cuidara dele. Então, de repente, ocorreu-lhe que não havia ninguém no mundo que ele desejasse mais que cuidasse dele do que Nell.

— Não vou demorar. — prometeu ela, escondendo a apreensão sob um lânguido sorriso e saindo apressada. Num piscar de olhos, todo o antagonismo se transformou em preocupação. Tyler tinha que ficar bom. Tinha que ficar!

Capítulo Quatro

Nell pegou uma bebida gelada no refrigerador e a ofereceu a Tyler, ajudando-o a sorver pequenos goles, antes de se apressar até a casa principal e telefonar para o médico.

Bella permaneceu na entrada, escutando, enquanto Nell descrevia os sintomas ao Dr. Morrison, que a orientou a levar Tyler a sua clínica assim que pudesse.

Ela se sentiu insegura quando desligou.

— Aposto que ele está pensando que é pneumonia. — disse, preocupada — E acho que pode ser mesmo. Ele está tossindo demais e ardendo em febre.

— Vou chamar Chappy para ajudá-la a levá-lo para a caminhonete. — prontificou-se Bella — Ou então vou eu...

— Não, tudo bem. — respondeu Nell.

— Chappy pode vir conosco. Teremos que adiar o tour de compras com os hóspedes, mas Chappy poderá levar os Sims e os outros ao centro comercial assim que voltarmos.

— Ele vai detestar. — Bella riu.

— Eu sei, mas alguém tem que cuidar de Tyler.

A empregada quase se estrangulou, tentando se manter calada. Podia cuidar do texano, no entanto, era evidente que Nell já se nomeara para aquela tarefa. E, é lógico, ela não iria interferir.

— Tem razão. — concordou ela, sorrindo.

— Vou chamar Chappy.

Mas, quando as duas se dirigiram à porta, notaram de imediato que a caminhonete não estava lá. E tampouco a picape.

— Aonde ele foi? — gritou Bella a Marlowe, que conduzia um cavalo selado para fora do estábulo.

— Chappy teve que ir à cidade apanhar aquele remédio de estômago para os bezerros doentes. Saiu há uma meia hora mais ou menos. Deve estar chegando a qualquer momento.

— Onde está a picape? — perguntou Nell.

Marlowe encolheu os ombros.

— Desculpe, madame. Mas não sei.

— Que maravilha! — resmungou Nell. Ela olhou para Bella. — Bem, mande Chappy para a cabana assim que ele chegar. Só espero que ele não resolva demorar no consultório do veterinário.

— Vou telefonar para lá e pedir que o avisem. Não se preocupe. Tyler é forte.

— Creio que sim. — Nell suspirou. Então, forçou um sorriso e rumou apressada em direção à cabana.

Tyler estava esparramado sobre os travesseiros, adormecido, quando Nell entrou no quarto. Ela suspirou desanimada, desejando saber como faria para vesti-lo.

— Tyler? — chamou suavemente, tocando-o de leve no ombro nu — Tyler, acorde.

Os olhos verdes se abriram de imediato, um pouco vidrados, devido ao sono e à febre.

— Nell? — murmurou ele, remexendo-se debaixo das cobertas.

— O Dr. Morrison me pediu para levar você ao consultório dele. Temos que vestir você.

Tyler curvou os lábios num débil sorriso.

— Vai ser mais difícil do que imagina. Estou tão fraco quanto um gatinho. — de repente, um súbito acesso de tosse o fez se erguer com uma careta de dor — Droga! Parece que estou com uma costela quebrada.

Nell sentiu o coração apertado. Com certeza era pneumonia. A mãe dela morreria

com a maldita doença e as lembranças ainda a aterrorizavam.

— Consegue se vestir? — perguntou, indecisa.

Tyler deu um suspiro.

— Acho que não, Nell.

— Chappy não está aqui. — disse, pensativa — Mas posso chamar Marlowe ou Bella...

— Não. — respondeu Tyler, fitando-a com um brilho febril no olhar — Pode lhe parecer estranho, mas não gosto da idéia de ser vestido por brutamontes ou mulheres idosas. De jeito nenhum. Se quiser me vestir, doçura, eu a ajudarei. Mas ninguém mais. Nem mesmo Chappy.

Era surpreendente. Jamais imaginara que homens se incomodassem com esse tipo de coisa. Entretanto, Tyler não era igual aos outros.

Nell hesitou.

— Está bem. Se conseguir vestir... — ela pigarreou, visivelmente embaraçada — ...as peças de baixo, acho que posso ajudá-lo com o restante.

— Nunca viu um homem sem roupa? — perguntou ele, bem-humorado.

— Não. E, para falar a verdade, não pretendo ver. — respondeu, nervosa.

— Não tem escolha. — ele começou a tossir novamente e teve que controlar a respiração, antes de poder falar — Minhas roupas íntimas e meias estão na gaveta de cima da cômoda. As camisas e a calça jeans, no armário.

Nell fez uma pausa, mas só por um instante. O mais importante era levá-lo ao médico. Precisava ter isso em mente e colocar a saúde dele antes de seus pudores. Já que Tyler não queria que mais ninguém o ajudasse, ela não tinha outra escolha mesmo.

Tão depressa quanto possível, pegou tudo de que ele iria precisar. Mas, quando começou a tentar erguê-lo, ele pôs uma das mãos no tórax e se deitou novamente.

— Oh, meu Deus, está doendo, Nell! Deve ter sido a poeira. Entramos em uma nuvem de poeira alguns dias atrás, reunindo o gado extraviado e devo ter aspirado um meio quilo, eu acho. Tive muita congestão, mas achei que era apenas uma alergia. Até esta manhã.

— Oh, Tyler! — gemeu ela.

— Deveria ter usado minha bandana. — murmurou ele — E por isso que os caubóis de antigamente as usavam para cobrir o rosto nas tempestades de areia e tudo mais.

— Como vai se vestir? — quis saber Nell.

Ele a fitou com um olhar astuto.

— Quer dizer, como você vai me vestir. Se isso ajuda, não é algo que eu escolheria para sobrecarregá-la. Também não gosto de tirar a roupa na frente de homens.

Nell sentiu o rosto ardendo.

— Não sei se vou conseguir. — sussurrou.

— Não será tão ruim, prometo. — falou ele, num tom suave — Puxe o lençol até os meus quadris e, depois, deslize minha cueca para cima até onde se sentir confortável. O resto, acho que posso fazer.

O rubor na face de Nell se intensificou enquanto ela pegava a cueca dele.

— Sinto muito. — desculpou-se, enfiando-lhe a peça pelos pés e tornozelos — Solteironas não levam muito jeito com este tipo de coisa.

— Nem solteirões. — Tyler tossiu e gemeu ao mesmo tempo — Vamos querida, você consegue. Feche os olhos e puxe.

Nell não conteve o riso.

— É o único jeito. — com um movimento desajeitado, puxou a cueca para cima. Suas mãos frias roçaram os rijos músculos daquelas coxas másculas, o que a fez perceber novamente o quanto aquele homem era bem constituído e viril. Ao alcançar os limites do lençol, empacou, com os nervos à flor da pele — Já é... suficiente? — perguntou, com a voz rouca.

— Sim. Agora, pode deixar comigo. — ele enfiou as mãos por baixo do lençol, puxou a peça para cima e se deitou com um suspiro pesado — Muito bem. O resto é com você, doçura.

Nell calçou-lhe as meias. Tyler possuía pés proporcionais e belos tornozelos. As pernas eram bronzeadas, tal como o rosto e os braços. E parecia ser uma tonalidade natural, já que quase não tomara sol nas últimas semanas.

— Essa é a primeira vez na minha vida, depois que fiquei adulto, que fui vestido por uma mulher. — observou ele, enquanto Nell lhe enfiava a camiseta pela cabeça, deslizando-a pelo tórax largo recoberto de pêlos.

— Dizem que existe uma primeira vez para tudo. — retrucou ela, sem tirar os olhos das curvas daquele torso bem-feito. Podia sentir o calor da pele morena e a textura dos pêlos escuros que o recobriam até um pouco abaixo da cintura. Quando puxou a camiseta para ajustá-la às costas de Tyler, sua face quase roçou a pele dele. Teve que trincar os dentes para não beijá-lo. As sensações mais indesejáveis queimavam-lhe o corpo como labaredas. Não era hora nem lugar, lembrou a si mesma. Ele estava doente e ela precisava levá-lo ao médico. Além do mais, era suicídio sentir-se daquele modo por um homem que já a advertira do perigo de um envolvimento.

— Está parecendo uma lagosta cozida. — observou ele — Não foi tão ruim quanto imaginou, não é?

— Não. — concordou Nell, com um sorriso sem graça, enquanto o ajudava a vestir a camisa de cambraia, fechando os punhos e os botões da frente — Pronto!

— Nunca precisou vestir seu irmão?

— Não. Ted era muito mais velho que eu. E ia para escola. Então, não passávamos muito tempo juntos. Papai e mamãe o adoravam. Ele era o mundo deles. Acho que nasci por acidente. Mas eles tentavam não me fazer sentir tão desprezada.

— Meu pai nunca quis filhos. — observou Tyler — Ele fez tudo para que eu não viesse ao mundo e depois quase teve êxito com minha irmã, Shelby. Mas nós sobrevivemos. É irônico pensar que a fazenda foi vendida. Ele teria mandado sacrificar nós dois para garanti-la.

Nell desdobrou a calça jeans dele.

— Terá sua própria fazenda um dia. — disse, num tom suave — E não vai querer sacrificar seus filhos para mantê-la.

— Se eu tiver filhos. Alguns homens não nascem para o casamento. Posso ser um deles.

— Sim. Pode ser. — ela deslizou o jeans pelas longas pernas de Tyler e as ergueu até onde foi capaz. A calça era apertada e o tecido grosso. Nell precisou de toda sua força para

ajustá-la às coxas musculosas. Sabia que ele jamais seria capaz de puxar o restante, não com o tórax doendo daquele jeito — Se não conseguir erguê-las, acho que posso puxá-las até os seus quadris. — murmurou entre dentes, sem o encarar, enquanto afastava o lençol e tentava não se ruborizar ante a visão que seus olhos captaram.

— Desculpe, pequena. Mas estou sentindo muita dor.

— Eu sei. — falou ela, suavemente — Afinal, não sou mais uma criança. — continuou para o alívio dos dois — Então, vamos lá. — fechando os olhos, puxou até acomodar a calça sobre os quadris dele. Mas evitou o zíper ao notar o corpo em chamas.

— Pode ir buscar minhas botas, querida? — perguntou ele, percebendo a hesitação de Nell — Consigo fechar o zíper sozinho.

Ela quase chorou de alívio ao mesmo tempo em que se dirigiu ao armário para buscar as botas. Encontrou-as no mesmo lugar onde achou a camisa e a calça jeans. Eram botas *Tony Lama* — maravilhosas, caras, pretas e brilhantes como carvão molhado.

— Vai ser difícil conseguir calçá-las. — disse, preocupada.

— Você empurra e eu ajudo. Elas não são tão apertadas.

— Tudo bem.

Trabalhando em conjunto, ambos conseguiram calçar as botas nos pés dele. Em seguida, Nell pegou um pente e arrumou-lhe os cabelos desalinhados. Tyler permaneceu o tempo todo recostado no travesseiro, observando-a com seus olhos febris, estudando-a com um silêncio enervante.

O ruído de um carro se aproximando quebrou a tensão.

— Deve ser Chappy. — supôs ela, levando ar aos pulmões — Tyler, não conte a ele que eu...

— Que você ajudou a me vestir? — um sorriso terno tomou seus lábios — Não contarei. Ficará apenas entre nós dois e mais ninguém. — o sorriso enfraqueceu dando lugar a um olhar intenso e perturbador. O coração de Nell acelerou até ela virar o rosto e sair para ir ao encontro de Chappy.

Os dois puseram Tyler no assento de trás da caminhonete, onde ele podia se deitar, e rumaram para o consultório do Dr. Morrison.

Chegando lá, a enfermeira o acompanhou até o setor de exames, enquanto Chappy caminhava de um lado para o outro e Nell roia as unhas na sala de espera. Passaram-se algumas horas e ela continuava esperando que Tyler saísse com a enfermeira. Porém, em vez disso, foi o Dr. Morrison que surgiu junto à entrada e sinalizou para que ela o seguisse.

O médico a conduziu até o seu consultório, mas Tyler não se encontrava em parte alguma.

— Ele vai ficar bom. — disse o doutor, sentando-se na extremidade da escrivaninha — Mas está com uma bronquite aguda.

— Achei que fosse pneumonia. — disse Nell, deixando-se cair na cadeira, aliviada — A dor que ele sente no tórax...

— A dor do tórax é proveniente de um músculo distendido, porque ele tem tossido demais. — informou o Dr. Morrison com um sorriso tolerante e os braços cruzados — Quero que ele repouse até a febre passar. Pode levantar, mas não o deixe trabalhar durante uma semana. Depois disso, quero vê-lo novamente. Prescrevi dois medicamentos. Um é

um antibiótico e o outro é um expectorante para a tosse. Para a febre, basta dar a ele uma aspirina e o manter na cama. Se Tyler piorar, me chame.

— Disse a ele tudo isso? — perguntou Nell.

— Claro. Ele respondeu que só morto ficaria na cama durante uma semana. Foi por isso que eu quis falar com você.

Nell sorriu.

— Obrigada. Ele está fazendo maravilhas na fazenda. Eu odiaria ter que sepultá-lo lá.

— Ele parece ser um excelente administrador. — concordou o médico — Fique atenta para que ele não se levante escondido e volte ao trabalho, sem você perceber.

— Vou amarrá-lo na cama. — prometeu Nell.

— Entupa-o de remédios enquanto puder. — acrescentou o Dr. Morrison, levantando-se em seguida e abrindo a porta — Ele ficará tão dócil quanto um gatinho até que o antibiótico faça efeito. E fique de olho nele.

— Montarei guarda na porta da cabana. — disse ela, com um sorriso, sentindo-se mais leve do que o ar. Tyler ia ficar bom. O alívio era delicioso. — Obrigada!

— Foi um prazer. Ele é todo seu.

Nell sorriu, enquanto deixava o consultório. Se pelo menos isso fosse verdade.

Após instruir a recepcionista a enviar a conta para a fazenda, chamou Chappy para ajudá-la a levar Tyler para a caminhonete. Tinha um pressentimento de que o belo texano não veria com bons olhos o fato de ela ter pago as suas despesas médicas. Porém, isso era algo que poderiam discutir mais tarde quando ele ficasse bom.

Durante todo o trajeto de volta, desejou saber como faria para despi-lo novamente. Mas ele resolveu o problema sozinho. Assim que entraram na cabana, ele suspirou e murmurou:

— Não se preocupe, querida. Acho que posso tirar toda essa parafernália sozinho.

— Vou pedir que Bella faça uma canja de galinha para você. — disse Nell, saindo pela porta, apressada. Fora mais fácil do que imaginara.

No caminho, mandou Chappy de volta à cidade comprar os remédios, porque lhe parecia mais sensato trazer Tyler direto para casa. Minutos depois, juntou as poucas coisas que poderia precisar e disse a Bella para onde estava indo.

— Nas condições em que ele se encontra não representa uma ameaça, suponho. — falou a empregada, assentindo com a cabeça e ignorando o olhar ultrajado de Nell — Você pode dormir no sofá. Mas, se precisar de mim, estarei aqui. Posso ficar com ele enquanto você dorme se ele piorar à noite.

— Você é maravilhosa!

— Tenho um lado secreto meio *Florence Nightingale**. — corrigiu a mulher — Certa vez, cismeí que queria ser enfermeira, mas desmaio ao ver sangue.

— Dizem que isso acontece com alguns médicos na primeira vez em que assistem a uma operação, mas fico feliz por ter preferido cozinhar em vez disso. Você é muito especial para mim.

Bella sorriu radiante, desacostumada a elogios.

— Um dia terei isso esculpido em minha lápide. Enquanto isso, entupa o Tyler com este suco que lhe dei e não o deixe botar a cara para fora da janela.

— Não deixarei. Obrigada, Bella.

A mulher mais velha encolheu os ombros.

— Assim que ficar pronta, eu lhe levarei uma canja de galinha. Deixarei um pouco para você em uma vasilha térmica.

— Vou adorar. Traga também um pouco de café, por favor. Não sei se Tyler tem uma cafeteira, mas duvido muito.

— Ele costuma carregar o café dele em uma garrafa térmica. — informou Bella, surpreendendo-a — Encho uma para ele todas as manhãs e todas as tardes.

— Tudo bem. Vou para a cabana, antes que ele fuja. Até logo.

Ao entrar, Nell encontrou Tyler adormecido e aparentemente nu sob o único lençol que o cobria. Ela o observou por um longo momento, contemplando as linhas marcantes atenuadas pelo sono e a beleza máscula daquela boca. A simples visão era um deleite para seus olhos. Forçou-se a se afastar dali. Enquanto ele dormia, podia muito bem fazer algo de útil como, por exemplo, arrumar a cozinha.

Pôs o suco que Bella lhe dera na pequena geladeira e, então, lavou os poucos pratos que achou na bancada da pia. Terminando, viu se ele ainda estava dormindo antes de se dirigir à estante de livros da sala de estar e procurar algo para ler.

Aparentemente, Tyler era fã de suspenses. Possuía inúmeros títulos de *Sir Arthur Conan Doyle* e *Agatha Christie* nas prateleiras. Também havia algumas biografias e livros de história sobre o Velho Oeste e até mesmo um livro sobre a Roma Antiga. Nell escolheu uma obra sobre uma tribo apache e se sentou para ler. Nesse instante, notou uma fotografia sobre a estante de livros. Olhou curiosa. Era de uma jovem com cabelos escuros, olhos verdes e uma expressão triste na bela face. Ao lado, havia uma fotografia menor da mesma mulher vestida de branco, em pé ao lado de um homem alto, com um olhar desafiador, trajando um terno. Devia ser Shelby, a irmã de Tyler, supôs. Nell sabia que ela havia se casado recentemente, porque ele viajara ao Texas, a fim de assistir ao casamento. Aquele homem devia ser seu marido. Não era bonito, mas talvez tivesse posses, concluiu.

** Enfermeira britânica, famosa por ser pioneira no tratamento de feridos na Guerra da Criméia (séc. XIX).*

Não viu mais nenhuma fotografia. Era um bom sinal. Se existisse uma mulher especial na vida dele, com certeza haveria uma foto da eleita. Ou talvez não. Se a tivesse perdido para outra pessoa, poderia estar magoado demais para manter um retrato dela em um lugar de destaque.

Sentindo-se melancólica, voltou ao livro e começou a leitura.

Mais tarde, Bella trouxe a canja de galinha e Chappy, os remédios. Tyler continuava dormindo, mas, quando as visitas partiram, Nell lhe levou os remédios com um copo de suco e uma tigela de sopa dispostos em uma bandeja.

A medicação era importante e ele precisava se alimentar. Não havia comido nada o dia inteiro.

Nell sentou-se devagar na beirada da cama, com os olhos passeando esperançosos desde o tórax largo nu até a face estonteantemente bela.

— Tyler? — chamou com suavidade. Ele não se mexeu. Hesitante, Nell esticou o braço e tocou-lhe o peito musculoso, estremecendo ao sentir seu calor. Era a primeira vez que tocava um homem daquele modo e, apesar das circunstâncias, era totalmente delicioso.

— Tyler, tenho que lhe dar o remédio.

Ele suspirou e abriu os olhos devagar.

— Odeio tomar remédio. Que tal um bife?

— Vá sonhando. Agora, vai tomar uma canja. Trouxe uma bandeja para você.

— Que horas são?

— É quase noite. — respondeu ela — Chappy levou os hóspedes à cidade para fazer compras e agora está fazendo presepadas à mesa do jantar. Posso ouvi-lo contando "causos" pela janela da cozinha e todos rindo.

— Não há como negar que o homem é um bom contador de histórias. — concordou Tyler. Com um ruidoso suspiro, ele deslizou a mão pela lateral do corpo e, ao encontrar a mão morna de Nell, puxou-a para cima do seu tórax. — Está fria... — murmurou.

— E impressão sua porque você está febril. — disse ela, vibrando ao sentir o toque dos dedos esguios em sua pele macia — Vamos. Tem que tomar o remédio e depois a sopa e o suco. Está com fome?

— Meu estômago está vazio. Mas não tenho muito apetite.

Nell lhe deu o antibiótico com um gole de suco e, em seguida, o xarope para tosse.

— Que gosto horrível! — murmurou ele.

— A maioria dos remédios tem gosto ruim mesmo. — concordou ela — Pode se erguer para comer?

— Sob protesto. — Tyler deixou que ela o ajudasse, sustentando-o com os travesseiros e se sentou. O lençol caiu livremente sobre os quadris estreitos. Porém, ela percebeu de relance que ele usava roupa íntima, não estava nu. — É para o seu bem. — disse ele, num tom seco, rindo do rubor dela — Recuso-me a usar pijama, mas não quero ultrajá-la desse modo.

— Obrigada. — murmurou, tímida.

— Eu é que tenho que agradecer por você estar aqui comigo. Bella não quis brincar de enfermeira?

— Sim, mas não permiti. Crowbait teria que fazer o jantar se ela viesse para cá. Então, todos os hóspedes deixariam este lugar no mesmo dia.

— Ele não é tão ruim assim. O exército adoraria tê-lo à disposição. Imagine um cozinheiro que pode fazer de um simples biscoito inocente uma arma letal.

— Tome jeito!

Tyler suspirou e fez uma careta.

— Acho que meus biscoitos não são muito melhores. Não tenho respaldo para criticá-lo. Nell, sinto muito pelo trabalho que estou lhe dando.

— Qualquer pessoa pode adoecer. — retrucou ela depressa, começando a alimentá-lo com a sopa, sem pensar em quanto sentimento aquele simples ato expressava — Interessante quantas pessoas deixam o Leste, pensando que suas alergias sumirão da noite para o dia. O que elas não percebem é que a poeira pode ser tão ruim quanto o pólen e que o solo por si só está cheio de substâncias que provocam alergia. Repare nos espirros e na respiração ofegante do Sr. Davis durante as cavalgadas, se não acredita em mim.

— Bem, é a primeira vez na minha vida que tive bronquite, mas vou resistir. — respondeu ele, tranqüilo — E voltarei ao trabalho depois de amanhã.

— Não. Não vai voltar. O Dr. Morrison falou que você não pode sair da cama até a febre passar e que não deve trabalhar durante uma semana.

Tyler a fitou desconfiado.

— Ele lhe disse isso?

— Disse. — respondeu Nell, com um sorriso cínico — Portanto, não tente me passar para trás. Se tentar, chamarei meu tio e sabe o que vai acontecer?

— Ficarei desempregado e doente, creio. — respondeu Tyler, exausto — Está bem. Vou ficar de repouso. Mas sob protesto, você sabe.

— Sei. Mas você vai conseguir. Agora tome um pouco mais de sopa.

Ele poderia conseguir, pensou Nell, mas e ela?

Tyler dormiu a noite toda sem despertar, embora ela o inspecionasse a todo instante ou até ser forçada a se enroscar no sofá e dormir.

No dia seguinte foi a mesma coisa. Alimentava-o, dava-lhe o remédio e ele dormia a maior parte do dia e a noite toda. Mas, na manhã do terceiro dia, quando se sentiu melhor, nada o agradava. O café-da-manhã de Bella tinha todos os defeitos do mundo. Era muita coisa, estava muito quente, salgado demais, ralo, espesso. Não queria permanecer na cama, alegando que precisava começar o planejamento do inverno e cuidar do gado. Isso significava mais trabalho do que o habitual. Entre outras coisas, preparar os bezerros para a venda de outono. Não gostava dos remédios, odiava o confinamento e até a presença de Nell também já o estava incomodando.

Ela o fitou com os olhos escuros, emoldurados por uma cascata desalinhada de cabelos castanho-mel. Ainda trajava a blusa amarela de tricô e a calça jeans amarrotada com que havia dormido. Não se preocupou em calçar as botas, quando foi abrir a porta para Chappy que trazia uma bandeja de café-da-manhã nas mãos.

— Se eu o estou cansando, isso é ruim, Sr. Jacobs. — disse Nell — Alguém tem que mantê-lo aqui e todo mundo está muito ocupado. E só se passaram dois dias. O antibiótico ainda está fazendo efeito e você já quer fazer estripulias. Ótimo. Mas só faça isso enquanto estiver dormindo, por favor. Não gosto de pessoas que se suicidam na minha fazenda.

— A fazenda ainda não é sua, segundo o seu tio. — lembrou ele.

— Mas será. — retrucou Nell, determinada — Agora vá se deitar e durma.

— Não quero deitar. Quero ir trabalhar. Passe-me as minhas roupas. — ordenou Tyler, num tom de voz autoritário, apontando com a cabeça para a cadeira onde Chappy as havia colocado.

— Oh, não, não vou vesti-lo novamente! — replicou Nell, sentindo o rosto arder — E não pode fazer isso sozinho.

— Para o inferno que não posso! — dizendo isso, Tyler se sentou, respirou fundo e tentou se erguer. Então, fez uma careta de dor, gemeu e tornou a se deitar — Dane-se essa dor de cabeça, dane-se esta doença e dane-se você também! — disparou, furioso.

— Muito obrigada. Que coisa mais amável para se dizer a alguém que há dois dias está se alimentando mal e não dormindo direito para cuidar de você.

— Não lhe pedi para fazer isso.

— Alguém tinha que fazer! — rebateu ela, colocando as mãos nos quadris esbeltos e encarando-o. Tyler parecia magnífico, deitado sobre os travesseiros com fronhas de algodão branco. O tórax atlético ainda estava nu e os cabelos pretos caíam-lhe sobre a testa, lisos e vastos. Parecia incrivelmente viril e a visão daquele corpo seminu estava mexendo com os nervos dela.

— Tudo bem, obrigado. Você é um anjo disfarçado e me lembrarei de incluí-la no meu testamento. Agora chega. Saia daqui e me deixe voltar ao trabalho.

— Você precisa repousar por uma semana. São ordens do Dr. Morrison. — repetiu Nell pela décima vez em alguns minutos — E ele quer vê-lo novamente para ter certeza de que está se recuperando. Ele me disse para não deixá-lo montar.

— Não recebo ordens de mulheres. — respondeu Tyler, sucinto — Eu trabalho para o seu tio, e só respondo a ele. Você não tem que ficar me dizendo o que devo fazer.

— Vai ouvir a voz da razão ou não? — exigiu ela, relevando o tratamento insolente.

— Claro. Se você for buscar as minhas calças.

— Bem, não vou.

— Então vou eu. — retrucou, convicto.

Nell cruzou os braços, com um sorriso. Sabia que ele estava usando roupa íntima, não ia amedrontá-la.

— Muito bem. Vá em frente. — desafiou.

Ela não percebeu seu engano até Tyler dirigir-lhe um olhar presunçoso e abruptamente se livrar do lençol. Sua face passou de cor-de-rosa pálido a vermelho escarlata em segundos, quando ele deslizou as longas pernas nuas bem devagar e se ergueu da cama, sem uma peça de roupa no corpo.

Capítulo Cinco

Nell agradeceu a Deus por não ter desmaiado. Ruborizou-se do pescoço para cima e, após um longo e chocado olhar, virou-se e saiu correndo do quarto.

Tyler arrependeu-se de imediato e se sentou novamente. Esquecendo o mau humor, puxou o lençol e cobriu os quadris.

— Nell... — chamou num tom gentil.

Ela não respondeu. Estava na sala de estar, olhando através da janela, com os braços cruzados firmemente sobre a blusa amarela, decidindo se ficava ou se saía. Se Tyler resolvesse se comportar daquela maneira, ela não saberia como lidar com a situação. A visão daquele corpo masculino a fez lembrar o passado. Devido a sua experiência com Darren McAnders quando era jovem, acabara levando uma vida reclusa. Mas morava em uma fazenda, e por isso, tinha conhecimento de quase todos os detalhes técnicos de reprodução. Mas um homem nu era uma experiência nova. E um Tyler nu era... extraordinário. Ainda estava tremendo quando o ouviu chamá-la com mais insistência.

Respirando fundo, virou-se, trincou os dentes e caminhou até a porta do quarto, pálida e calada.

— Sinto muito. — desculpou-se Tyler quando a viu — Isso não se repetirá.

— Se está determinado a se matar, não posso impedi-lo. Mas, para o seu próprio bem, gostaria que você fizesse o que o médico mandou.

— Farei qualquer coisa para tirar essa aparência de seu rosto. Incluindo... — acrescentou ele, deitando-se novamente — ...ficar na cama.

Tyler parecia cansado. Talvez estivesse mesmo. E Nell desejou ser mais velha e mais sofisticada. Desse modo, não teria feito papel de boba. Aquele homem a fazia se sentir com 13 anos.

— Quer que lhe traga algo? — perguntou ela.

— Um pouco mais de suco. E se puder me trazer uma cueca lavada. Poderei vesti-la novamente.

Nell sentiu o corpo todo arder e tentou esconder sua reação quando trouxe um copo de suco. Em seguida, pegou uma cueca na cômoda. Ao colocar a peça ao lado dele, Tyler segurou-a pelo pulso e a obrigou a sentar-se na cama, prendendo-a lá firmemente enquanto a encarava.

— Como pode ser tão inocente com 24 anos? — perguntou, num tom de voz suave — Ainda mais com todas essas pessoas circulando por aqui há anos?

— Não me misturo muito com as pessoas. — respondeu Nell, deslizando o olhar pelo tórax largo e nu de Tyler — Convivo com elas apenas o necessário. E, já que a maioria das pessoas que vêm aqui se vira por conta própria, com exceção das atividades organizadas, não tenho muitos problemas. Se eu gerisse este lugar sozinha, isto seria apenas uma fazenda de gado e eu não teria que aturar hóspedes. Mas o hotel-fazenda está pagando a criação de gado. Então, não tenho muita escolha.

— Você não namora?

Ela baixou o olhar.

— Não. Não tenho tempo.

— Quantos segredos existem entre nós, Nell? — murmurou ele, acariciando-lhe a mão — Quantos?

— Você disse que não estava interessado em relacionamentos. Bem, eu também não. — mentiu ela.

— Verdade? Ou é porque pensa que não atrai os homens?

Nell se lembrou de quando lhe dissera aquilo e o do modo como ele reagiu no caminho de volta da igreja para casa. Os lábios dela se apartaram ao recordar o beijo ardente que haviam compartilhado e ela teve que se esforçar para não se atirar nos braços dele e implorar-lhe para que a beijasse de novo.

— Não atraio os homens. — respondeu, sucinta.

— Você é uma mulher bonita. Subestima os seus atrativos, mas eles existem. Por que não compra um vestido novo, não faz um penteado e usa um pouco de maquiagem para a quadrilha do próximo sábado? — sugeriu Tyler, afagando-lhe uma mecha dos cabelos — E eu vou ensiná-la a dançar.

Nell mal conseguia respirar. Sentia-se nervosa e insegura, e o traçado lento daqueles dedos longos em sua mão e o pulso estava começando a mexer com o ritmo do seu sangue.

— Isso não está certo. — disse ela, meio sem pensar.

— Por que não?

— Porque... Porque você... — ela mordeu os lábios — Você está apenas entediado e quando ficar bom e voltar a se virar sozinho você... Oh, estou fazendo uma tremenda confusão.

— Acha que eu estou só me divertindo.

Nell deu um suspiro.

— Sim.

Tyler ergueu-lhe a mão e a colocou sobre o próprio tórax, friccionando-a sobre a trilha de pêlos escuros, onde seu coração batia feito um tambor.

— Nell, acha que sou insensível o suficiente para me divertir com uma garota virgem? — perguntou num tom suave,

Claro que não, mas ela não conseguia manter os pensamentos em ordem. O efeito que ele lhe causava era incrível e se sentia desejosa de um afeto que jamais tivera de um homem.

— Isso não importa — falou ele, com a voz rouca, puxando a mão dela — Venha cá.

— Tyler, você está doente.

— Não tenho febre e me sinto novinho em folha. — dizendo isso, puxou-a para si, até deitá-la na cama e reclinar o torso nu sobre o dela. Seus olhos verdes brilhavam enquanto a fitavam. — Nunca conheci uma mulher com menos autoconfiança que você, Nell. Não há nada de errado com você ou com a sua aparência.

— Tyler, você está me assustando. — sussurrou ela, espalmando as mãos de encontro ao tórax largo. Parte dela tentou protestar. Aquilo estava lhe trazendo terríveis recordações de outro homem que havia amado, ou pensado que amava, e o modo rude como fora tratada. Mas Tyler não era McAnders e aquele olhar penetrante entorpecia-lhe os sentidos. Ele a desejava. Não como substituta para outra mulher, mas por ela mesma.

— Não, isso não vai funcionar. — disse ele, segurando-lhe o queixo e forçando-a a encará-lo — Não vou ser rude com você, jamais. E tudo o que fizermos juntos será porque você quer.

Aquilo era tão novo quanto aquela proximidade e Nell começou a relaxar. Não havia nada de ameaçador naquele homem. Parecia completamente controlado e inofensivo.

— Assim está melhor. — falou ele, percebendo a tensão abandoná-la — Não vou machucá-la.

Enquanto falava, Tyler curvou a cabeça. Nell sentiu a boca máscula roçando-lhe as pálpebras, o nariz, o queixo e, por fim, pousando suavemente sobre os seus lábios. O ar parecia não lhe chegar aos pulmões, enquanto ele exercia a pressão certa, a quantidade exata de ternura e habilidade para forçá-la a abrir a boca. E, enquanto a beijava, Tyler pôs as mãos esguias sob a blusa dela, acariciando-lhe as costas, fazendo-a vibrar ao sentir a aspereza do toque dele em sua pele nua.

Aquele homem era viciante, pensou atordoada, arrebatada pelo efeito devastador de suas carícias. Não podia pensar em fugir para se salvar. Cada toque era mais excitante que o outro. Aquela boca se tornou uma necessidade. Sem seu calor, não estava certa se conseguiria sobreviver.

Num gesto tímido, Nell espalmou as mãos contra o tórax de Tyler e as deixou experimentar a maciez daqueles pêlos escuros que recobriam os contornos dos músculos fortes. Prendendo a respiração, Tyler abriu os olhos e a fitou com uma expressão interrogativa.

— Sinto muito, eu não pretendia... — desculpou-se apressada.

— Isso é muito bom. — falou Tyler, achando graça da expressão chocada de Nell — Posso fazê-la sentir o mesmo.

Ela se enroscou como um gatinho pedindo para ser acariciado. Sentia-se trêmula e maravilhada pelas imagens sensuais que se formavam em sua mente. Aquelas mãos fortes acariciando-a, tocando-a...

— Você... Você pode? — murmurou ela, abrindo os lábios. Não era bem aquilo que pretendia dizer, mas era muito tímida e sem experiência para exprimir seus anseios em palavras.

Tyler, com sua vasta experiência, percebeu de imediato que ela aceitaria de bom grado tudo que ele quisesse fazer. A constatação tomou conta de sua mente, fazendo seus pensamentos girarem com as novas possibilidades. Suas mãos já haviam lhe dito que Nell era um barril de pólvora prestes a explodir de desejo. Precisava fazer amor com ela mais do que tudo na vida, embora ainda não entendesse totalmente o modo como aquela mulher afetava os seus sentidos.

— Sim, posso. — murmurou Tyler, inclinando-se e colando os lábios aos dela mais uma vez.

Enquanto a beijava, sua mão rumou para o fecho do sutiã que ela usava. Sutilmente, quase sem Nell perceber, soltou o fecho e deslizou as pontas dos dedos, explorando, com um movimento lento e torturante, a região das axilas e a lateral de um dos seios macios.

O toque a fez estremecer, mas ela não o afastou ou protestou, fazendo o sangue de Tyler correr mais quente e rápido nas veias. Queria vê-la. Fitá-la nos olhos enquanto a tocava.

Ergueu a cabeça. O brilho dos olhos verdes a amedrontou de início, até que ela sentiu o traçado leve dos dedos dele mais uma vez em sua pele.

As sensações se acumulavam uma após a outra, incendiando-a, fazendo-a ansiar pelas carícias daquelas mãos. Seu corpo parecia mais exigente que o cérebro, porque tentou se contorcer, forçar um contato que ele estava deliberadamente lhe negando.

— Ty... ler? — murmurou com a voz entrecortada.

Com a mão livre, Tyler afagou-lhe a nuca e os vastos cabelos, enquanto buscava os olhos enormes e famintos de Nell.

— Shh... — sussurrou, carinhoso. Então, a mão que estava sob o braço dela moveu-se mais uma vez, o que a fez estremecer e arquear o corpo, fitando-o com uma expressão suplicante. — Está tudo bem. Tudo bem, querida.

E, nos minutos que se seguiram, os dedos de Tyler quase a levaram à loucura. Nell sentia como se todas as células do seu corpo estivessem tão estiradas quanto uma corda. Como se a tensão fosse parti-la ao meio. Suas unhas se cravaram na pele dos braços musculosos e, quando ela percebeu, ficou chocada com sua reação.

— Oh, desculpe... — murmurou ofegante, acariciando os arranhões que lhe provocara na pele. — Desculpe, eu... não pude... evitar.

— Não me machucou. Sabe que estou fazendo isto deliberadamente. Sabe por quê?

— Não. — respondeu Nell com um murmúrio rouco, estremecendo quando as pontas dos dedos provocantes avançaram um pouco mais em seus seios.

— E como se fosse uma sinfonia, garotinha. — sussurrou ele, num tom meigo, com um sorriso nos lábios — Começa lenta e suave e aumenta progressivamente, até chegar ao

clímax. Quando eu, por fim, lhe der o que está implorando, vai sentir um tipo de prazer que não sou capaz de lhe descrever.

Os dentes de Nell se contraíram, porque a tensão estava se tornando insuportável.

— Mas... quando...?

— Agora. — cobrindo-lhe a boca com um beijo, Tyler envolveu-lhe o seio e esfregou o mamilo ereto com as pontas dos dedos, permitindo a minúscula consumação pela qual aquele corpo feminino havia implorado.

Era como fogos de artifício. Nell gemeu com a boca colada à dele e estremeceu, arqueando o corpo desesperada. Sua mão encontrou a dele através do tecido da blusa e a pressionou lá, mantendo-a cativa. Ela soluçou e ele aprofundou o beijo. Durante longos segundos, o som da respiração de ambos era audível no quarto silencioso.

— Ainda não é o bastante. — disse Tyler, afastando os lábios enquanto começava a desabotoar-lhe a blusa. Erguendo a cabeça, fitou-a nos olhos. — Vou mais além, prometo. Mas... preciso... olhar para você.

Nell sentia as pálpebras pesadas e mal conseguia abri-las para protestar. O que sentira era como mel e estava exaurida de tanto prazer. Mas queria mais. Queria os olhos dele nos seus.

Era extraordinário, pensou, observando Tyler livrá-la da blusa e do sutiã. Extraordinário aquele brilho no olhar e no rosto dele, enquanto a deitava nos travesseiros e contemplava-lhe os seios intumescidos.

— Ty... — murmurou, rouca — Assisti um filme um pouco picante uma vez. O galã... fazia mais do que tocar a mocinha. Ele colocava a boca...

— Aqui? — sussurrou Tyler, esfregando-lhe o seio com as costas da mão, sem deixar de fitá-la.

Nell se contorceu involuntariamente.

— Sim...

— Quer que eu faça isso com você?

Ela enrubesceu, mas não estava disposta a mentir.

— Oh, sim...!

Então, Tyler curvou-se sobre a carne macia, acariciando-a, sensibilizando-a. A sensação ia muito além de qualquer coisa que Nell pudesse ter imaginado. Excitada, deixou escapar pequenos suspiros que o fizeram perder o controle sobre a mente. Gemendo de encontro aos seios túrgidos, ele a puxou para si, cedendo ante a necessidade de prová-la, de satisfazê-la.

Nell não ouviu a primeira batida. Mas a segunda soou mais alta. Contudo, continuou deitada, escutando, e sentiu Tyler enrijecer sobre ela.

Respirando o ar lentamente, ele olhou através da porta aberta do quarto para a sala de estar com os olhos vidrados e a mente atordoada.

— Sr. Jacobs, trouxe a sua correspondência. Vou deslizá-la por baixo da porta.

Era a voz de Chappy, e, por Deus, ele fora embora depressa.

Nell sentiu um intenso rubor, imaginando o que teria acontecido se o homem tivesse entrado.

Tyler a fitou com uma expressão serena, deslizando o olhar desde a boca intumescida até a pele alva dos seios.

— Você está bem? Não a assustei?

— Não. — ela o fitava tão atentamente quanto ele a estudava, comparando a lembrança e a imaginação com a doce realidade do que haviam compartilhado juntos — Não mesmo.

Tyler tocou-lhe os seios com ternura e sorriu.

— Foi bom?

— Sim.

Apoiando-se nos cotovelos, ele pressionou o tórax devagar sobre os seios sensíveis de Nell, observando o arrepio que a deliciosa sensação lhe causou.

— Isto também é bom. — disse, de encontro aos lábios dela — Eu a quero, querida. — ela enrijeceu e Tyler sorriu sem se afastar da boca trêmula — Mas não vou fazer nada contra a sua vontade. — reafirmou — Beije-me e depois é melhor ir embora.

Deslizando os braços ao redor do pescoço dele, ela ofereceu-lhe a boca num beijo doce e selvagem, igual ao que haviam compartilhado antes. Mas, segundos depois, ele se afastou e rolou na cama, trazendo-a consigo. Deitando-se de costas, estremeceu com um desejo que não podia ser satisfeito.

— Você podia muito bem se livrar das roupas folgadas. — murmurou Tyler, pressionando-lhe os seios nus de encontro ao tórax largo — Jamais cairei nessa camuflagem novamente, depois de hoje.

— Por quê? Meus seios são grandes demais? — perguntou Nell.

A resposta era importante para ela.

— Não. Você é perfeita. Da cabeça aos pés. — dizendo isso, ele lhe deu um caloroso beijo nos lábios e a soltou — É melhor você se vestir. Estou fraco, mas ainda sou capaz. Não quero que as coisas fujam do controle.

Nell o tocou, com os dedos frios e nervosos, traçando os contornos rijos do rosto másculo, completamente fascinada por aquele homem.

— Não pode imaginar o que isso representou para mim. — murmurou — Eu... Bem, não era o que eu pensava que fosse.

Tyler sorriu.

— Nem mesmo depois ter assistido àquele filme picante?

Ela engoliu em seco, recordando-se do que falara e do que aconteceu depois.

— Não... Ver e experimentar são coisas bem diferentes.

— Claro que são. — ele a ajudou a se erguer e despendeu um longo minuto contemplando-a, antes de recolher o sutiã e a blusa e ajudá-la a vesti-los — Não. — disse, quando ela tentou fazê-lo parar — Você me vestiu. Agora, é minha vez.

Então, Nell se sentou e permitiu que ele a vestisse, encantando-se com o toque suave e o prazer óbvio que despertava nele.

— Não pode ficar aqui hoje à noite. Espero que entenda por quê.

— Sim. Eu sei por quê.

Tyler abotoou a blusa dela até o colarinho e deslizou os dedos, arrumando-lhe os longos cabelos desalinhados.

— Adoraria tirar suas roupas, deitá-la sobre este lençol e fazer amor com você até não ter mais forças. — falou, sério — Eu poderia fazer isso, apesar da sua inocência. Mas me odiaria por abusar de sua confiança e você acabaria me odiando por eu tê-la pressiona-

do. Não quero que nada destrua o que está surgindo entre nós. Acho que você também não quer.

Nell entrelaçou os dedos nos dele, enquanto ele brincava com uma mecha dos seus cabelos.

— Não. Não quero que nada estrague isso, também.

Tyler levou a mão dela aos lábios e beijou-a suavemente.

— Não vou conseguir dormir. Ficarei pensando no amor que fizemos nesta cama e desejarei ansiosamente tê-la aqui comigo.

Nell estremeceu ao ouvi-lo falar sobre o que haviam feito. Tinha sido como fazer amor, mesmo se Tyler estivesse apenas se referindo ao aspecto físico. Ela o fitou com um olhar apaixonado e a face radiante de prazer.

Havia esperança e novos sonhos que pareciam estar se transformando em realidade.

— Jamais imaginei que seria desse modo. — confessou, pensativa.

— Como pensou que seria?

— Pavoroso. — admitiu, sem lhe explicar por quê. McAnders fizera aquilo parecer um ato terrível e violento que a feriu como se ele tivesse obtido êxito. Mas o que experimentara com Tyler não fora horripilante. Fora bonito.

— E não foi assustador? — insistiu ele, num tom suave.

— Um pouco, mas de um modo agradável. — respondeu Nell com um sorriso recatado — Foram tantas sensações...

— Para mim também. — confessou melancólico. Os olhos verdes buscaram os dela.

— Não foi uma diversão casual. Não se esqueça disso. Não sou um playboy.

— Mas também não é um padre. — disse ela, sorrindo nervosa — Posso ser ingênua, mas não sou estúpida.

Tyler suspirou, afagando-lhe os dedos fechados com o polegar.

— Se quer saber a verdade, sim, tive muitas mulheres. Mas não mulheres para casar ou ter um relacionamento mais sólido. E nunca paguei para ter sexo. O ato de fazer amor é muito bonito para se reduzir a um rápido encontro a fim de satisfazer uma fome casual.

Nell não conseguia falar. Não esperava ouvi-lo dizer aquelas coisas e de repente lhe ocorreu que de fato não o conhecia muito bem.

— Fico feliz que pense desse modo. — falou.

— Não pensa dessa maneira? — perguntou Tyler.

— Com você, sim. — respondeu Nell, um minuto depois. O tratamento rude de McAnders estava se desvanecendo como um sonho ruim. Agora quando ela pensasse em afeto, sempre se lembraria das mãos de Tyler em seu corpo.

Ele pousou o dedo indicador sobre os lábios dela.

— Agora vá. Eu a desejo loucamente, senhorita Regan.

Ela sorriu.

— Fico muito feliz por ouvir isso. Mas eu irei.

Com essas palavras, Nell se ergueu da cama. Os olhos possessivos deslizaram pelo corpo excitado de Tyler.

— Gostaria de uma lição de anatomia? — perguntou ele com um sorriso — Posso afastar este lençol e lhe ensinar um monte de coisas sobre homens.

Ela desviou o olhar, com as bochechas ardendo.

— Posso apostar que sim. — murmurou, lembrando-se de como o corpo dele mudara quando entrara em contato com o seu — E pare de se divertir à minha custa, porque não sou experiente.

— Acontece que gosto de você do jeito que é, acredite ou não. — garantiu Tyler — Volte amanhã de manhã. Podemos ter outra discussão.

— Não quero discutir com você.

— A outra opção poderá nos causar problemas.

Nell riu porque ele pareceu sombrio e divertido ao mesmo tempo. Sua expressão mudou com o som, ficou mais leve, suave e radiante.

— Fica adorável quando ri. — disse Tyler, com a voz rouca — E, se não for embora agora mesmo, vou me livrar deste maldito lençol e possuí-la.

Ela deixou escapar um suspiro e dirigiu-se à porta.

— A mente nos prega peças. — murmurou Nell, relanceando o olhar por sobre ombro e sorrindo — Durma bem.

— Oh, muito engraçado. — concordou ele — Lembrarei de escrever isso em minhas memórias.

— Também vou ter dificuldades para dormir. — disse Nell, relutando em deixá-lo.

No momento seguinte, saiu pela porta fora sorrindo, com o coração tão leve que parecia flutuar à sua frente. Jamais se sentira tão feliz em toda a sua vida. Às vezes, as coisas mais inesperadas aconteciam. Haviam discutido, o que a fez perder as esperanças. Mas depois ele a beijara com tanta volúpia e tratou-a com tanto carinho, que começara a sonhar acordada novamente. Porém, não era um sonho, disse a si mesma obstinada. Tyler lhe dissera que não estava apenas se divertindo. Então, tinha que ser verdade. Tinha que ser!

E, de repente, ela começou a recordar o passado, pensando no homem que a seduzira e a beijara algumas vezes. Um homem que ela pensava que a amava. E aquele homem traíra sua confiança e tentara forçá-la na cama, tudo porque era apaixonado pela bela Margie. O simples pensamento a perturbou.

Certamente, a história não se repetiria com Tyler. Nell fechou os olhos, temerosa. Não podia sequer pensar nisso.

Se Bella notou que a patroa tinha os lábios intumescidos, os cabelos desalinhados e a face radiante com um novo brilho, guardou para si. Mas parecia menos corrosiva do que o habitual quando Nell a ajudou a lavar os pratos, e sorriu ao ver a jovem subir para o quarto.

Nell despertou na manhã seguinte, após uma noite mal dormida, ouvindo o som de alguém furioso na cozinha.

Apressada, vestiu a calça jeans e uma blusa limpa, deixou os cabelos soltos pelos ombros e se dirigiu à cozinha para o café-da-manhã. Ao chegar lá, escutou o final de uma conversa que parecia, no mínimo, curiosa.

Bella ainda estava argumentando com alguém.

— ...Não posso imaginar o que deu nele! Claro que não sabia... Ele não é um homem ruim. Mas temos que mandá-lo embora daqui!

— Não podemos fazer isso — era a voz de Chappy, lenta e comedida — O velho Regan lhe deu poderes para contratar e despedir. Até mesmo Nell não pode confrontá-lo nessa situação. É uma pena que vocês mulheres não pensaram em lhe falar!

— Bem, isso não é o tipo de coisa que se converse com estranhos. — murmurou Bella.

— Está acordado e se movimentando desde a última vez que o vi. Acha que eu deveria ir falar com ele?

— Espere um pouco mais. Preciso de um tempo para pensar.

— Está certo. Diga-me quando.

Uma porta bateu. Nell hesitou alguns segundos, antes de entrar na cozinha. Quando Bella a viu, ficou tão vermelha quanto um pimentão.

— Nell! Eu não a estava esperando tão cedo! — exclamou, com um sorriso tão falso quanto ouro de tolo.

— Ouvi tudo. O que está acontecendo? E alguma coisa com os homens novos? Estavam sendo esperados hoje. — ela mordeu o lábio inferior — Acho que podemos mandá-los falar com Tyler. Ele estava muito melhor ontem. Não pode trabalhar, mas pode delegar ordens.

— E melhor você se sentar. — começou Bella.

— Por quê? Por acaso, ele contratou o Jack Estripador? — Nell sorriu. Sentia-se muito bem. O dia estava bonito e queria resolver logo aquele assunto para poder ir ver Tyler. Sua vida inteira havia mudado da noite para o dia. Tudo parecia belo.

— Pior do que isso. — Bella respirou fundo — Oh, não há por que ficar fazendo rodeios. Ele contratou Darren McAnders.

Um silêncio mortal se abateu no recinto. De todas as coisas que poderia ter esperado ouvir, aquela era a última. Nell se deixou cair pesadamente sobre uma cadeira, com o coração batendo na garganta. Pesadelos se formaram em sua mente e as velhas feridas voltaram.

— Como ele pôde? — perguntou, irritada — Como pôde contratar aquele homem para trabalhar aqui? Pensei que Darren estivesse em uma fazenda no Wyoming.

— É óbvio que ele deve ter voltado e parece que pensou que nove anos foram suficientes para curar os ressentimentos.

— Não os meus. — disparou Nell, com os olhos escuros flamejando — Nunca. Ele me usou, me feriu, me assustou... Bem, ele não vai trabalhar aqui. Diga ao Chappy que o despeça.

— Sabe que ele não pode fazer isso. Nem mesmo você. — disse Bella — Terá que contar a Tyler o que aconteceu.

Nell empalideceu. Depois do que compartilharam no dia anterior, o pensamento de contar a Tyler sobre McAnders a estava torturando. Teria que pô-lo a par de tudo o que aconteceu. Que McAnders flertara com ela da mesma maneira que ele. Que lhe tinha feito algumas carícias e ela se jogara sobre ele. A culpa não foi apenas de Darren. Jamais fora capaz de contar a Bella ou Margie o quanto tivera participação naquilo, desde o início. Mas amava Darren, ou pelo menos pensava que o amava e imaginou pelos seus avanços afetuosos que ele sentia o mesmo por ela. E, então, veio o grande choque da sua juventude quando um dia ele entrou no quarto dela, esperando que ela o ajudasse a esquecer Margie e a encontrou pouco disposta e, aparentemente, morta de medo. Dissera coisas horríveis e estava bêbado. Jamais soube se ele a teria forçado, porque seus gritos atraíram Bella e Margie. Será que Darren estaria pensando que ela ainda o amava e lhe daria as boas-vindas? Não. Ele sabia como ela o odiava.

— Conte a Tyler o que aconteceu. — aconselhou Bella — Ele entenderá.

Nell não estava tão certa. Então, pensou em procurar Darren, mas não podia agüentar sequer falar com aquele homem. Nove anos não foram suficientes para apagar a vergonha, o medo e o embaraço pelo próprio comportamento que a conduziu a tal confrontação trágica.

— Vou tentar. — prometeu, enquanto deixava a cozinha pela porta dos fundos. Não ia se confessar, sabia disso. Mas talvez houvesse outro modo.

Minutos depois, bateu à porta de Tyler, tremendo dentro das botas. Ele a convidou a entrar e ela o encontrou na cozinha, fritando ovos.

Tyler a fitou com uma estranha reserva, como se tivesse esquecido o dia anterior ou não quisesse lembrar.

— Bom dia. — disse, num tom calmo. Os olhos verdes a fitaram e desviaram depressa. — Quer uma xícara de café?

A frieza de Tyler roubou sua coragem. Não parecia o mesmo homem que a beijara com tanta paixão. Talvez estivesse envergonhado. Talvez estivesse arrependido. Ou talvez tivesse medo que ela passasse a persegui-lo. As sombras do passado desabaram sobre ela.

— Não estou com fome. — Nell respirou fundo — Um dos novos homens que você contratou é Darren McAnders. Quero que o despeça. Agora mesmo.

As sobrancelhas escuras de Tyler arquearam. Apagando o fogo, ele retirou a panela do fogão, antes de se virar de frente e encará-la.

— Acho que não ouvi direito.

— Eu disse que quero que despeça McAnders agora mesmo. — repetiu ela, com a voz firme — Não o quero nesta fazenda.

— Quantos vaqueiros acha que posso contratar a tempo de reunirmos o gado? — quis saber ele — Já conto com poucos e McAnders veio altamente recomendado pela equipe do Wyoming, onde ele trabalhava. É um homem pacato, não bebe e sabe manejar um laço muito bem. E quer que eu o despeça, antes mesmo de ele ter começado? Pense bem, tolinha. Ele poderia nos processar por isso e acabaríamos tendo problemas com o governo!

— Então não vai despedi-lo? — perguntou Nell num tom frio.

— Não. — respondeu Tyler, com uma carranca — Não sem motivo. Se quiser despedi-lo, diga-me por quê. — os olhos verdes pareciam estranhamente concentrados.

Nell tentou começar a falar. As doces recordações estavam desaparecendo de sua mente e já estava lamentando pelo que poderia ter acontecido. Tyler parecia irritado. Ela fizera tudo errado. Deveria ter tentado usar mel em vez de vinagre, mas agora era tarde demais. Se tentasse, ele desconfiaria daquela tática.

— Nós dois somos velhos inimigos. — informou ela por fim — E tudo o que posso lhe dizer, por enquanto.

Tyler abriu os lábios num sorriso cínico e havia uma frieza nova no seu tom de voz.

— Que interessante! McAnders me disse esta manhã que vocês eram velhos amigos. Na realidade, amigos bem íntimos...

Capítulo Seis

Nell permaneceu imóvel, encarando Tyler, inexpressiva, enquanto tentava decidir o que dizer. O tom dele fora claro o bastante para convencê-la de que achava que ela estava mentindo. Só Deus podia saber o que Darren lhe contara sobre o passado. Mas fosse o que fosse, provocara uma súbita mudança na atitude de Tyler para com ela. Podia sentir sua desconfiança e isso a deprimiu.

— Não precisa se afligir procurando uma explicação. — disse Tyler, ao perceber sua hesitação. Era óbvio que McAnders dissera algo sobre ela. — Mas não espere que eu despeça um homem apenas porque ele é um de seus antigos amores. — acrescentou, zombeteiro — Não é argumento suficiente.

Nell não disse uma palavra. Tyler a fitava como se estivesse preparado para não acreditar em nada do que ela dissesse. Não a conhecia o suficiente para saber que ela jamais lhe pediria para despedir um empregado por motivos pessoais. Era muito mais grave do que isso. McAnders era uma parte desagradável do seu passado, uma lembrança constante da sua falta de autocontrole e vulnerabilidade. Tyler lhe mostrara que desejo físico não era uma coisa tão terrível quanto ela se lembrava. Mas a história dos dois terminara, antes mesmo de começar, tudo porque não tinha coragem de lhe contar a verdade.

— Nada mais a dizer? — quis saber ele.

Nell sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada. Sinto muito tê-lo perturbado.

Tyler fez uma carranca enquanto ela deixava à cabana. Antes impetuosa, Nell agora parecia subjugada. O que McAnders representaria na vida ela? Ainda seria apaixonada por ele e tinha medo de sucumbir? Ou havia algo mais? Desejou tê-la feito falar. Mas, agora, tinha um terrível pressentimento de que era tarde demais.

Nell sentia-se nervosa e apreensiva em relação a sua primeira confrontação com Darren, que aconteceu inesperadamente naquele mesmo dia, ao entardecer, quando ele passou pela varanda dos fundos ao mesmo tempo em que ela saía pela porta.

Ergueu a cabeça e lá estava ele. Seu primeiro amor. Sua primeira e única paixão, até Tyler aparecer. Darren McAnders tinha uns 20 e poucos anos na época. Atualmente, devia estar na casa dos trinta, mas pouco mudara. Tinha cabelos ruivos escuros, agora com alguns fios grisalhos nas têmporas, e olhos azuis. Estava um pouco mais gordo do que era. Mas foi seu rosto que mais lhe chamou atenção. Parecia ter envelhecido uns vinte anos. Exibia rugas profundas e o sorriso calmo, do qual ela se lembrava, desaparecera por completo.

— Olá, Nell. — cumprimentou ele, num tom tranquilo.

Ela não se esquivou, embora tivesse vontade. Aquele homem lhe trazia recordações de sua própria estupidez e das conseqüências desastrosas. Ele era a prova de que seu autocontrole era uma ilusão e isso a incomodava.

— Olá, Darren. — respondeu, sucinta.

— Suponho que já tenha dado ordens para me despedirem. — disse McAnders, surpreendendo-a — Quando soube que você ainda vivia na fazenda, tive certeza de que tinha cometido um erro aceitando o emprego sem antes contar toda a verdade ao seu novo administrador. — Darren fez uma careta, empurrando o surrado chapéu para trás da cabeça — Minha presença aqui não a incomoda?

— Claro que sim. — respondeu Nell, com um tom frio e os olhos escuros flamejando — Incomodo-me por ter feito papel de boba e por você ter me usado por causa de Margie. Mas, se as lembranças não o preocupam, comigo acontece o mesmo. Fique com o emprego. Não me interessa de um modo ou de outro.

Darren observou o rosto dela por um longo momento e depois deslizou o olhar pelo pouco que podia ser visto daquele corpo feminino. Então, um tipo de tristeza se somou à sua expressão.

— Pode não acreditar, mas senti muito remorso pelo que aconteceu. E isso tem pesado bastante em minha consciência durante todos esses anos.

Para surpresa de Nell, havia sinceridade na fisionomia de Darren. Ela não disse uma palavra, porque não conseguia pensar em nada para dizer.

Ele deu um breve suspiro.

— Como está Marguerite? — perguntou enfim.

Nell suspeitou que a viuvez da cunhada tivesse algo a ver com a decisão de McAnders em aceitar o trabalho na fazenda. Pelo visto, nove anos não foram suficientes para diminuir a paixão que ele sentia por Margie. Desejou saber como Marguerite reagiria.

— Está muito bem. — respondeu — Vive com os filhos em Tucson. De vez em quando vêm aqui para passar o final de semana.

— Fiquei sabendo sobre a morte do seu irmão. Sinto muito. Sempre gostei muito do Ted. Odiei-me por ter traído a confiança dele daquele modo.

— Ele nunca ficou sabendo o que você sentia por ela. Agora, se me dá licença.

— Você mudou. — disse Darren, de repente — Não a teria reconhecido nessas roupas.

Nell corou de raiva e embaraço, lembrando-se dos trajes que usava para chamar a atenção dele.

— Tenho certeza de que não. — falou, com a voz determinada — Todos nós mudamos com a idade.

— Mas não tanto quanto você. Ted teria me matado se soubesse o que eu fiz a você. Aliás, ele deveria ter feito isso mesmo.

Com essas palavras, Darren McAnders deu meia-volta e partiu, antes que ela pudesse responder. Aquele não era o homem de quem ela se lembrava. Não era mais o jovem convencido e arrogante que flertara com ela e se divertiu à sua custa. Estava mais velho e muito mais maduro, e a época das provocações parecia ter sido enterrada. Mas ainda era muito cedo para confiar nele e Margie teria uma síncope quando soubesse que ele estava de volta à fazenda.

Bella teve o mesmo pressentimento, porque, após o jantar, aconselhou-a a ligar para a cunhada e contar-lhe a novidade.

— Eu não. — disse Nell, convicta — Ela vai descobrir logo. Está vindo com os meninos para passarem o fim de semana.

A empregada deixou escapar um suspiro.

— Isso aqui vai pegar fogo.

— Ela que vá reclamar com Tyler. Não fui eu que o contratei.

— Nell!

Ela deu um salto. A voz grave de Tyler era potente, mesmo quando ele não a elevava. Mas, no momento em que entrou na cozinha, estava claramente elevada e irritada.

— É você, ou alguém provocou um leão montes? — perguntou Nell, com mais coragem do que sentia.

Tyler não riu. Não estava usando o chapéu e tinha várias notas em uma das mãos.

— Precisamos conversar. — falou, seco. Nell fitou Bella apreensiva, mas a mulher mais velha começou a assobiar como se não tivesse ouvido uma palavra. Então, Nell tirou o avental e o seguiu ao longo do corredor, até um cômodo à frente que servia de escritório. A escrivaninha estava repleta de livros, como se Tyler tivesse passado horas examinando-os. Há várias semanas, ele vinha analisando as finanças da fazenda, no seu tempo livre, tentando entender o, às vezes sim e às vezes não, bem-sucedido sistema de contabilidade de Nell. Aparentemente, havia feito alguns cálculos e não gostou do resultado.

— Estes... — ele apontou para dois livros — ...São os livros novos. Separei todos os créditos e débitos. De agora em diante, todas as compras terão que passar pelo meu aval. Se quiser comprar uma simples agulha ou uma linha, precisará de uma ordem de compra. Isto... — disse, pegando um bloco de ordens de compra — ... Está cheio delas. Vai ficar aqui na escrivaninha e eu tenho a única chave.

— Por quê? — perguntou Nell.

Tyler a conduziu até uma cadeira e em seguida se empoleirou na extremidade da escrivaninha, acendendo um cigarro.

— Do modo como as coisas estão sendo geridas aqui, qualquer vaqueiro pode ir à loja de ferragens e comprar querosene ou suprimentos de vacinas ou ir ao armazém e comprar sal e gastá-lo, sem qualquer autorização. — ele lhe entregou as notas que tinha nas mãos — Leia isto.

Nell fez uma cara de curiosidade, mas fez o que ele pediu.

— Um par de esporas... — murmurou, lendo em voz alta — ...Uma sela nova... Não autorizei nenhuma dessas compras.

— Sei que não autorizou. — Tyler esboçou um breve sorriso — Esse é o problema de dar carta branca aos vaqueiros.

— Quem comprou a sela e as esporas? — exigiu ela.

— Marlowe.

— Deveria despedi-lo.

— Já o despedi. Ainda bem que contratei dois homens novos em vez de um. — ele contemplou a ponta do cigarro — Eu a vi conversando com McAnders. Algum problema?

Nell não se sentia confortável discutindo aquele assunto com ele.

— Não vai haver problema algum. Darren e eu saberemos como administrar as coisas.

A resposta soou abominável para Tyler. Era como se Nell tivesse intenção de retomar o passado. Ele fechou a cara, os olhos verdes reluzindo de raiva.

— Contanto que mantenha seu flerte depois do horário de trabalho, não me preocupo com o que você faz.

Nell sentiu algo morrer dentro de si. Tyler não imaginava o quanto a estava ferindo com aquela indiferença. Mas supôs que isso não fosse preocupá-lo. Ela baixou os olhos, fitando a própria calça jeans.

— Já conversou com os homens sobre as ordens de compra?

— Falei com a equipe do alojamento na hora da ceia. Falarei com os casados pela manhã. Mas haverá outras mudanças. — dizendo isso, ele pegou o livro de contabilidade e começou a folheá-lo — Para começar, vamos ter que reduzir as atividades que requerem a participação de um vaqueiro. Está se aproximando a hora de reunir o gado e vou precisar de todos os homens que disponho. Isso pode ser bom para grandes propriedades, mas péssimo para uma deste tamanho. Despenderemos a maior parte da semana cuidando dos bezerros que serão vendidos dentro do cercado.

— Podemos pedir emprestado o helicóptero de Bob Wyler, se você quiser. Ele sempre ajuda a gente e fornece o piloto, também.

— A que preço? — perguntou Tyler, de modo sucinto.

Nell sorriu involuntariamente.

— Por alguns potes de conserva da Bella.

Tyler não pôde conter o riso.

— Está bem. É uma solução. Mas você pode administrar os passeios com os hóspedes sem Chappy?

— Eu já fazia isso antes de Ted morrer. Posso voltar a fazer. Mais alguma coisa?

— Agora vem o pior. Estamos gastando uma fortuna para ter um profissional de golfe na folha de pagamento, para visitantes que querem jogar nos gramados do Western Terrace. Isso é muito bom para hotéis-fazenda de grande porte, mas aqui estamos operando quase sem capital. Posso lhe comprovar através de documentos que apenas um em dez hóspedes faz uso desse serviço, mas o profissional ganha seu salário do mesmo jeito.

— Isso foi idéia do Ted. Só mantive como estava. Deve ter notado que a maioria das pessoas que vêm aqui na verdade não é muito atlética. — Nell se ruborizou e Tyler riu.

— Sim, já notei. — ele procurou os olhos escuros dela lentamente e pequenas faíscas pareceram crepitar entre ambos, antes de ele desviar o olhar para o cigarro mais uma vez

— Então, vou cuidar desse profissional. E também dessa viagem de compras diária a Tucson. Isso é obrigatório?

— Poderíamos reduzi-la, fazendo-a somente a cada dois dias. — concordou Nell — Já percebi que isso pesa demais no orçamento de gasolina, com o furgão sendo usado para transporte. Acho que as excursões também pesam no orçamento.

Tyler assentiu com a cabeça.

— Essa é a minha próxima pergunta. Não seria melhor terceirizar as excursões a uma agência da cidade?

— Claro! Conheço uma senhora maravilhosa que ama esse negócio, e seus preços são bem razoáveis.

— Certo. Ligue para ela e combine tudo.

— Tem trabalhado um bocado. — observou Nell, acenando com a cabeça para todos os livros e papelada.

— Sim, tem sido um trabalho longo. Mas não quis fazer recomendações específicas até saber como a fazenda estava sendo gerida. Seu trabalho não foi ruim, Nell. Sua única falha foi dar continuidade a políticas ultrapassadas. Mas vamos mudar algumas delas e fazer este lugar operar no azul novamente.

— Você parece otimista.

— É um negócio pequeno e bom. — respondeu ele — Não será difícil fazê-lo prosperar. Precisa de ajuda em outras tarefas?

Nell pensou durante um minuto, tentando não reparar no modo como a calça jeans de Tyler se ajustava àquelas pernas longas e poderosas. Ou no fato de os três botões da camisa vermelha dele estarem desabotoados, deixando transparecer boa parte da pele bronzeada daquele tórax recoberto de pêlos escuros. Lembrava-se muito bem de tudo que sentira ao tocá-lo com paixão.

— Gostaria que alguém me acompanhasse nas cavalgadas enquanto aquele homem do Leste estiver aqui. — confessou, com um sorriso lânguido — A esposa dele tem um péssimo temperamento e parece ter colocado na cabeça alguma idéia insana de que estou atrás do marido dela.

Os olhos de Tyler se estreitaram.

— Sim, eu vi como ele tentou tirá-la para dançar na quadrilha. Eles vão embora na quinta-feira, não é? — Nell assentiu com a cabeça — Eu a acompanharei nas próximas cavalgadas. Chappy pode cuidar das coisas para Bella enquanto estivermos fora.

— Obrigada.

— A menos que queira que eu permita que McAnders vá com você. — acrescentou, com um sorriso zombeteiro.

Nell quis protestar, mas isso seria perda de tempo. Ela engoliu em seco.

— Faça o que achar melhor. Para mim, tanto faz.

Aquela não era a resposta que Tyler queria ouvir. Ele apagou o cigarro, irritado.

— Então McAnders pode ir com você. Tenho trabalho mais importante a fazer do que bancar a babá.

As palavras tinham intenção de feri-la e conseguiram. Nell se ergueu, evitando encará-lo e dirigiu-se à porta.

— Obrigada por tudo que está fazendo. — disse por sobre o ombro.

— E um prazer. Boa noite.

— Boa noite.

Nell não o viu sozinho depois disso. Sempre havia alguma razão para ter outras pessoas presentes ou evitar discussões até ela poder arranjar argumentos. Mas isso não impediu Tyler de feri-la verbalmente sempre que tinha oportunidade.

O que mais a magoava era que Darren McAnders não se importava em acompanhá-la nas cavalgadas com os hóspedes e parecia até desfrutar de sua taciturna companhia. Até começara a sorrir novamente, como se o simples fato de estar ao lado dela tornasse sua vida mais leve. Ela não entendia por quê. E entendia menos ainda aquela animosidade de Tyler.

Mas o fogo se inflamou no fim de semana, quando Margie e os meninos chegaram de táxi.

Nell havia acabado de voltar de uma cavalgada, com Darren McAnders a seu lado.

Marguerite, imaculada em um terninho branco de linho, saiu do veículo que contratara em Tucson, com os longos cabelos ruivos flutuando ao sabor da brisa e olhou diretamente para o rosto atordoado de Darren.

— Darren! — exclamou, perdendo o passo e caindo de joelhos no chão empoeirado.

McAnders saltou depressa da sela e, com suas mãos fortes, ergueu-a pelos braços, sem tirar os olhos da face corada da mulher.

— Margie... — disse ele, suavemente — Você não envelheceu. Está bonita como sempre.

— O que está fazendo aqui? — ofegou Marguerite. Ela olhou para Nell, ainda mais chocada por encontrar a cunhada aparentemente à vontade na companhia de Darren.

— Ele é nosso mais novo empregado. — falou Nell — Tyler o contratou.

— Ele não sabe? — perguntou Margie e, então, corou quando percebeu o sorriso sentido de Darren — Oh, sinto muito. É que...

— O passado só se torna um problema se permitirmos que isso aconteça. — declarou Nell, obstinada — Darren e eu estamos nos dando muito bem. Não é, Darren?

Ele sorriu pesaroso.

— Melhor do que esperávamos. Nell foi muito generosa. Era este trabalho ou o fundo de assistência social e não podia culpá-la se ela tivesse me escorraçado deste lugar. Eu merecia.

Margie desviou o olhar lentamente para Nell, ainda sentada sobre a sela do cavalo.

— Precisou de muita coragem para voltar, Darren. — observou, embora continuasse olhando para a cunhada, esperando, questionando.

— Descobri que fugir não resolve as coisas. — disse, enigmático. Ele olhou para Margie. — São os seus meninos? — a pergunta foi feita num tom suave e seus olhos expressavam aquela mesma suavidade quando olhou para as crianças. — Curt e Jess, não é? Tia Nell falou muito de vocês dois.

Os meninos saíram do carro como piratas saqueadores e o fitaram entusiasmados.

— É verdade? — perguntou Curt — Falou coisas boas? Eu e Jess ajudamos bastante na fazenda, o Tyler nos disse. Nós o ajudamos a achar cobras e lagartos e assim evitamos que eles ataquem o gado da tia Nell!

Os olhos de Nell pareciam divertidos.

— Foi o Tyler que disse isso?

— Bem, na verdade, não. — murmurou Jess — Mas é legal, não é?

— Não é, não. — repreendeu Margie. Ela estava começando a recuperar a autoconfiança após o choque de ver Darren — Meninos, é melhor entrarmos. — disse, pagando ao motorista, enquanto Nell descia do cavalo para ajudar com a bagagem.

Darren deu um passo à frente.

— Eu cuido das malas. Você pode recolher os cavalos, Nell? — disse ele, com um relance esperançoso na direção dela.

Nell sabia que ele jamais esquecerá Margie. Não a pegou de surpresa o fato de estar ansioso para reavivar aquele relacionamento. O que Margie sentia era mais difícil de perceber. Mas com certeza não era de seu feitio perder o passo enterrar a cabeça na areia do deserto.

— Claro. — concordou ela — Vou levá-los para o celeiro. Margie, eu os encontro em

alguns minutos.

— Está bem. — falou a cunhada, distraída, mas sem tirar os olhos de Darren, como se tivesse sido atacada com uma machadinha.

Nell sentiu-se um pouco aliviada. Com Darren por perto, talvez Margie não olhasse tão cobiçosa para o administrador da fazenda. Não que isso tivesse importância agora. Tyler havia deixado bem claro que não estava interessado nela. E a evitava como se ela tivesse uma doença contagiosa.

Pensativa, conduziu os cavalos para o celeiro, onde Chappy tomou as rédeas observando de relance suas rígidas feições.

— Você está bem? — quis saber o homem.

Nell sorriu.

— Sim. — ela olhou ao redor — Onde está Caleb?

Caleb era o capão preto que Tyler sempre montava. Perguntar pelo paradeiro do cavalo era um pouco menos óbvio do que perguntar por Tyler.

Chappy a encarou com um olhar penetrante.

— Ele está lá fora inspecionando a cerca que colocamos ao redor dos currais.

Ela piscou.

— Tyler odeia cercas de equitação.

— Ele ouviu dois dos rapazes conversando sobre o modo como McAnders fica ao seu redor desde que chegou aqui. — disse o vaqueiro enrugado, com um brilho afiado nos claros olhos azuis — Então, mandou-os limpar os estábulos e foi embora inspecionar a cerca. Acho que ninguém mencionará tais coisas novamente perto dele, uma vez que essas coisas costumam se espalhar rápido pela fazenda.

Nell mordeu o lábio inferior.

— Por que ele se preocupa com isso?

Chappy começou a conduzir os cavalos para o estábulo onde dois suados e irritados vaqueiros retiravam estêreo das baias e lançavam feno fresco.

— Está precisando de óculos. — respondeu o homem secamente.

Nell voltou para casa devagar, com os olhos vagueando por todos os lugares no horizonte, procurando avistar Tyler. O relacionamento dos dois estava estremecido. Isso e a presença de McAnders tornaram sua vida miserável. Não que se importasse com Darren ao seu redor. Ele tinha mudado muito, nem parecia mais o mesmo homem que ela conhecera. Também não havia nenhum resquício da grande paixão que sentira por ele, ou qualquer sentimento de amargura. Era como um estranho com o qual ela começara a simpatizar, nada mais.

Se pelo menos pudesse ir até Tyler e dizer-lhe isso. Mas, apesar de seu comportamento estranho naquela tarde, ele não dissera nada que a levasse a acreditar que sentia algum afeto duradouro por ela. Na realidade, lhe dissera mais de uma vez que, atualmente, não havia lugar para uma mulher em sua vida. E o pensamento de se lançar sobre outro homem, depois do que sofrerá com Darren, não era bem-vindo. Tyler podia ser amável, mas sabia que ele não gostaria da idéia de tê-la no pé dele como dissera a Bella.

Deu um suspiro. Sabia tão pouco sobre homens! Se pelo menos pudesse falar com Margie, talvez a cunhada descobrisse um modo de ajudá-la a sair da enrascada em que se

metera.

Entrou na casa para ajudar Bella a pôr a mesa do jantar, antes que os hóspedes fossem chamados para o elegante pátio para comer. Cada mesa de madeira era guarnecida com um guarda-sol e estava disposta ao lado de uma piscina olímpica, bastante usada durante o dia. Todas as refeições eram feitas ali, com Bella e Nell cuidando da mesa de bufê, na qual os hóspedes podiam escolher suas porções. Ao redor, havia muito verde, árvores e todas as espécies de cactos conhecidos no sudoeste do deserto. Era divertido ver os hóspedes do Extremo Leste perguntarem pelo jardim de flores mencionado no panfleto e, depois, vê-lo ao vivo. As plantas nativas eram rodeadas por canteiros de pedra, o que fazia o arranjo ter um aspecto misterioso e atraente ao mesmo tempo. Floridos, os cactos ornamentais eram belíssimos, assim como o plumoso paio verde com suas flores amarelas e perfumadas.

— Não está comendo? — perguntou Nell quando Margie se sentou a uma boa distância dos hóspedes. Com um especial deleite, os meninos tinham ido comer no alojamento com os vaqueiros.

Marguerite sacudiu a cabeça. Trajava calças jeans de grife e uma blusa vermelha e, parecia elegante e mal-humorada.

— Não estou com fome. Há quanto tempo ele está aqui?

— Há alguns dias. Tyler o contratou.

— E você permitiu que ele ficasse?

— Não por vontade própria. — disse Nell, após um minuto — Tentei convencer Tyler a despedi-lo. Ele queria saber por quê. — ela abaixou os olhos — Não tive coragem de contar.

— Sim. Eu entendo. — ela se sentou, apoiando os braços sobre a mesa — Nell, não é tão terrível, é? Quero dizer, tê-lo por perto?

A intensidade da pergunta era interessante. Nell esboçou um breve sorriso.

— Não, não é tão terrível. — respondeu, num tom suave, estudando as belas e pálidas feições da cunhada — Você ainda se interessa por ele, não é?

Margie ficou estática.

— Eu... bem, não, claro que não. Não me interessa por ele!

— Já faz muito tempo que Ted morreu. — murmurou Nell, num tom tranqüilo — E tenho certeza de que meu irmão não se importaria se você refizesse a sua vida. Se quer saber o que sinto em relação à Darren, ele é como um estranho para mim. — ela sorriu — Acho que você e Bella estão certas sobre o que aconteceu. Exagerei porque não tinha experiência suficiente para avaliar. Não provoquei exatamente o que aconteceu, mas o levei a acreditar que o queria, mesmo sem perceber.

— A culpa também foi minha. — admitiu Margie — Mas jamais pretendi magoá-la. — ela olhou para a mesa, em vez de encará-la — Eu gostava dele. Não do jeito que gostava do Ted, mas de um modo diferente. Mas era casada e, a despeito do modo como eu o provocava, jamais teria tido um caso com ele.

— Eu sei. — disse Nell.

Margie sorriu tristemente.

— Passei muitos anos tentando fazer você ser igual a mim, não é? Sendo autoritária, impondo minha vontade. Mas não era por mal. Queria apenas ajudá-la. Só não sabia

como.

— Não preciso de ajuda. — retrucou Nell, num tom seco — E não quero reviver o passado com Darren McAnders.

— E Tyler? — perguntou Margie — Onde entra nessa história?

A pergunta a confundiu novamente. Margie estaria apaixonada por Tyler? Seu interesse por Darren seria apenas fingimento, um modo de ela sondar o interesse de Nell pelo belo texano?

— Tyler é o administrador da minha fazenda, nada mais. — rebateu Nell, na defensiva — Não sente nenhuma atração por mim. — ela deixou a mesa — Não estou com fome, Margie. Acho que vou ver televisão.

— Está certo. Vou buscar os meninos.

— Eles já estão a caminho. — observou Nell, com um sorriso amargo, acenando para Tyler, que trazia as crianças pela mão. Os três estavam rindo. Margie contemplou-os com tanto interesse que Nell se virou. — Eu a vejo mais tarde. — disse, mas a cunhada parecia não ouvi-la. Toda a sua atenção estava focada em Tyler. Na verdade, estava focada em Darren, que vinha logo atrás de Tyler, mas Nell não viu o segundo homem.

Naquele momento, teve certeza de que Marguerite estava usando Darren como desculpa para mascarar seus sentimentos por Tyler.

Nell entrou e se lançou em uma faxina até se sentir quase exausta, deixando os quartos preparados para os meninos e Margie.

Quando desceu a escada, foi pega de surpresa ao encontrar Tyler na sala de estar, assistindo ao noticiário.

Parecia cansado. Aliás, morto de cansaço. Tinha tomado um banho e mudado de roupa, mas tinha uma expressão taciturna no rosto, que clareou um pouco quando a viu entrar na sala.

— Quer que eu lhe sirva uma limonada? — perguntou ele, erguendo o copo dele.

— Por que não um conhaque? — brincou ela.

— Não bebo. Nunca tive esse hábito.

Nell se sentou na poltrona em frente a ele.

— Por quê?

Ele encolheu os ombros.

— Não sei. Não aprecio o gosto ou o efeito, eu acho. — seus olhos verdes a acariciaram como se fossem mãos e Nell corou, porque as lembranças brilhavam naquele olhar. Era difícil se lembrar exatamente o quanto haviam se tornado íntimos, depois de toda aquela distância que se formara entre os dois.

— Também não bebo. — disse distraída — Sou muito antiquada para isso.

— Sim, eu sei... — murmurou Tyler, com as recordações lá novamente, opressoras. Seus olhares se encontraram, tornando-se cativos um do outro. — O que sente por McAnders?

Nell endireitou os ombros. Tinha que esconder seu verdadeiro sentimento, disse a si mesma.

— Não sei.

— Não sabe? Tem passado tanto tempo com ele, ultimamente... — acusou ele.

— E você com Margie... — rebateu ela. Tyler curvou os lábios num sorriso

zombeteiro.

— Sim, tenho, não é mesmo? Mas você não parece gastar muito tempo tentando imaginar por quê.

— É óbvio que ela o atrai. Não sou cega.

— Ah, é. — disse Tyler, num tom sereno — Mais cega do que imagina.

— Tenho direito de passar o tempo com quem me agrada. — continuou ela, com uma certa frieza na voz.

— Você e McAnders eram íntimos? — perguntou ele, de repente.

Nell ofegou. Suas bochechas arderam quando se lembrou do que havia acontecido naquela noite, do que Darren tentara fazer com ela.

Tyler percebeu a expressão, mas interpretou como culpa e algo dentro dele explodiu. Não era de se admirar que Nell só tivesse olhos para McAnders. O homem fora o seu primeiro amor e agora estava de volta e a queria e ela o deixaria tocá-la do mesmo modo que ele a havia tocado. Talvez até mais. Seus olhos brilharam furiosos.

— Como pôde fazer isso? — perguntou, amargo.

— Fazer o quê?

Tyler ergueu as mãos e começou a caminhar de um lado para o outro.

— E pensei o tempo todo que... — ele parou e se virou — Bem, se é McAnders que você quer, considere-o todo seu. Cuidarei dos negócios da fazenda e do gado. Mas não cometa o erro de correr atrás de mim se ele a deixar. — falou com veemência — Não quero refugio de outro homem.

Nell ofegou com a afronta.

— Seu falso puritano! Quantas mulheres você dispensou, já que estamos levando para o lado pessoal?

— Isso não é da sua conta. — respondeu, de maneira áspera.

— Bem, Darren também não é da sua. — Nell apertou as mãos uma na outra, odiando a arrogância de Tyler.

Ele ficou furioso. Não havia percebido até então o quanto Nell o afetava. Tinha que enfrentar a possibilidade de um homem do passado dela estar a ponto de roubá-la dele, e não sabia o que fazer para evitar que isso acontecesse. Nell estava errada sobre a cunhada. Ele gostava de Margie, contudo podia perceber suas artimanhas.

Mas Nell era tão insegura que não conseguia enxergar um palmo à frente do nariz. Considerando tal insegurança, seria um milagre se ela pudesse até mesmo contemplar uma relação com Darren McAnders. Mas talvez ela o amasse.

Tyler deu um pesado suspiro.

— Já chega. — disse, enfim, fitando-a demoradamente — Faça o que achar melhor. Não vou interferir. Como você mesma disse, a vida é sua.

Com essas palavras, virou-se para partir e Nell se ressentiu pelo rumo que as coisas haviam tomado. Não estava interessada em Darren. Queria chamá-lo e contar-lhe a verdade, mas algo a impediu. Não podia contar. Não podia enfrentar o desprezo dele quando soubesse que ela provocara e perseguira Darren tempos atrás e guardara isso para si. Então, deixou-o partir, contemplando-o com um olhar triste, enquanto ele deixava a sala e se deparava com Margie no corredor.

Nell o ouviu rindo e teve uma breve visão da expressão extasiada da cunhada. Não

podia suportar aquilo. Perderia Tyler para aquela mulher e não poderia evitar. Então, ela voltou para a sala de estar, esforçando-se para não chorar.

Deixaria que ele pensasse que ela e Darren tiveram um caso, mesmo sendo mentira. Sentando-se no sofá, lembrou-se do que acontecera alguns anos atrás. Equivocada a respeito dos sentimentos de McAnders, ficara seriamente obcecada pelo rapaz, depois que ele lhe dispensara um pouco de atenção. Recordou-se de como o provocara até que uma noite acabou se excedendo. A cunhada dera uma festa e, nessa noite, Nell flertara com McAnders, que bebera demais por ter sido rejeitado por Margie.

Mais tarde, ele foi até o seu quarto e a encontrou adormecida, ainda trajando um sumário vestido. Já que não havia fechado a porta, ele imaginou que ela o estava aguardando. Ele pulou para cima da cama e, apesar dos seus protestos, estava a ponto de seduzi-la, quando Bella chegou para salvá-la.

Mas isso acontecera havia muitos anos, muito antes de ela conhecer Tyler. Ele não falara sobre o passado. Apenas lhe perguntara se ela e Darren eram íntimos e estava se referindo ao presente.

O impacto da constatação a atingiu como um martelo. Mas agora não tinha mais jeito! Inadvertidamente, deixou-o pensar que o que ela compartilhara com ele também havia compartilhado com Darren. Ferira o orgulho de Tyler, deixando-o pensar que ela era capaz de passar dos braços dele diretamente para os de Darren, sem uma pontada de consciência.

Nell se ergueu e desejou saber se era melhor ir atrás dele e explicar tudo.

Mas, antes de chegar à porta, Curt e Jess apareceram no corredor e, quando ela olhou além dos meninos, viu Tyler segurando o braço de Margie e conduzindo-a para a porta da frente todo sorridente.

Agora era tarde demais para contornar a situação, concluiu. Alguns segundos haviam feito toda a diferença. Ela o havia perdido.

Capítulo Sete

— Olá, tia Nell. — cumprimentaram as crianças em uníssono — Podemos assistir àquele novo filme de ficção científica no DVD?

— Claro. Vão em frente. — assentiu ela, esforçando-se para ser tolerante, embora o coração estivesse despedaçado — Aonde foi a mãe de vocês?

— Tio Tyler a levará à cidade. — informou Curt, em tom casual, enquanto escolhia o filme.

Então já o estavam chamando de tio, pensou Nell, gemendo em seu íntimo. Em seguida, inventou uma breve desculpa e deixou a sala antes que os meninos notassem as lágrimas que lhe brotavam dos olhos.

Daquele dia em diante, Nell começou a evitá-lo. Não que fosse necessário. Tyler pa-

recia fulminá-la toda vez que a via. Os olhos verdes a fitavam, frios e ameaçadores, como se ela o tivesse traído de alguma forma. O que a fez murchar emocionalmente.

Margie e os meninos partiram. Porém, a cunhada desfrutara muito tempo da companhia de Tyler durante aquela visita, enquanto se mostrava retraída e nervosa na presença de Darren. Sendo assim, qualquer esperança que Nell acalentara de que Margie estivesse interessada em reacender a velha chama caiu por terra. Era em Tyler que estava interessada, o que acabava com suas chances, com Tyler a odiando por algo que julgava que ela havia feito. Como se ela sequer suportasse tocar a mão de um homem que não fosse a dele. Parecia-lhe impossível que ele não percebesse aquilo.

Após a partida de Margie, um taciturno Darren McAnders começou a procurá-la para comentar o modo como a cunhada o havia evitado. Estava tão ferido quanto ela e a dor em comum os aproximou como amigos. Nell sentia até mesmo um estranho conforto na presença dele.

Na verdade, era uma estranha mudança de comportamento, pensou Nell, enquanto se dirigia com Darren ao curral, a fim de ver as duas novas éguas que Tyler havia comprado para a fazenda. McAnders havia se tornado um amigo.

— Tem estado melancólica, ultimamente. — comentou Darren, enquanto observavam Chappy treinando uma das éguas com uma comprida rédea. Ele a fitou, sorrindo malicioso — E o patrão está cuspidando fogo. Os homens estão apostando quanto tempo levará até que ele surre alguém apenas para aliviar a tensão.

Nell corou.

— E complicado... — limitou-se a dizer.

Darren pousou o pé sobre a parte mais baixa cerca.

— É um tanto divertido para mim oferecer-lhe um ombro amigo para chorar, quando um dia fui seu pior inimigo. Mas os tempos mudaram, assim como eu. E, se precisar de alguém para desabafar, estou aqui, querida.

Nell lhe voltou um olhar lacrimoso. Darren de fato havia mudado. Era um homem inteiramente novo. Aquilo a fez conseguir sorrir.

Ele retribuiu o sorriso e a puxou para si, envolvendo-a em um amistoso abraço.

Porém, Tyler os observava pela janela do alojamento de operários. E, para um homem que tentava enfrentar emoções nunca antes experimentadas e consumido por um desconhecido ciúme, o abraço não parecia nada amistoso. Deixou escapar um sem número de xingamentos, deu meia-volta e marchou, decidido, para o local onde havia amarrado o cavalo. Montou na sela e cavalgou sem saber para onde diabos estava indo.

A quadrilha aconteceu na noite do sábado seguinte, pois quase todos os convidados estariam partindo no domingo para dar lugar a um novo grupo de hóspedes. A estadia de uma semana era o tempo padrão para a maioria deles. Era tempo suficiente para se sentirem revigorados para enfrentar suas rotinas. Margie e os meninos chegaram na tarde de sábado. A cunhada colocou uma grande caixa no colo de Nell, com um sorriso malicioso estampado no rosto.

— Para você. — anunciou, com os olhos faiscando — Abra-a.

Nell a fitou curiosa, colocando em seguida a caixa sobre a mesa da sala de jantar e abrindo-a, ciente do olhar interessado de Bella.

Era um traje próprio para dançar a quadrilha. Uma saia rodada em xadrez vermelho cheia de anáguas e uma graciosa blusa branca de algodão, estilo "camponesa mexicana". O conjunto deveria ter custado uma fortuna. Nell fitava o presente sem palavras. Era o mais belo traje que já vira.

— Para mim? — indagou, confusa.

— Sim. — replicou a cunhada, sorridente — E não prenda os cabelos em um rabo de cavalo, sim?

— Mas, Margie, eu não sei dançar. — explicou Nell.

— Use esse conjunto e arranjará alguém que a ensine. — prometeu a cunhada.

E, então, Nell estreou o conjunto, penteando os longos cabelos cor de mel de modo que caíssem em uma cascata espessa e brilhosa sobre os ombros. Margie a ensinou a aplicar uma fina camada de maquiagem e ambas se surpreenderam com o resultado. Nell parecia outra pessoa. Não estava deslumbrante, mas atraente o suficiente para que os homens a notassem.

Em um momento, tentou questionar a cunhada a respeito de Tyler, mas perdeu a coragem. Seria possível que Margie tivesse percebido que ela estava interessada em Tyler e estivesse tentando ajudá-la a esquecê-lo atraindo Darren? Por certo, a cunhada estava ciente de que ela não se sentia atraída por McAnders, pois já havia negado a Margie qualquer interesse por ele.

Quando desceram, Bella fez estardalhaço em torno da nova aparência da patroa e Nell teve a impressão de que a cozinheira a estava compensando pela última vez em que se vestira de modo especial e ela a alertara para o fato de Tyler a interpretar mal. Mas, naquele momento, o elogio era reconfortante.

A orquestra podia ser ouvida afinando os instrumentos no celeiro, que fora arrumado para o baile. Bella sorriu.

— Bem, ao menos Tyler não reclamou dos quarenta dólares que temos de pagar à orquestra duas vezes por mês. — comentou, em tom seco.

— Tenha paciência com ele. — Nell suspirou — Ultimamente ele tem reclamado de quase tudo. Ouvi dizer que fez Chappy devolver uma corda que comprou sem sua permissão.

— Caso ainda não saiba... — começou Bella, referindo-se a Margie —, Tyler está bastante irritado ultimamente. Anda por aí fulminando a todos com o olhar e falando sozinho.

A cunhada ergueu uma sobrancelha, olhando para Nell, que corou, furiosa.

— Não tenho nada a ver com isso. — defendeu-se — Talvez esteja sentindo falta de sua companhia.

Margie trocou um olhar cúmplice com Bella e sorriu, maliciosa.

— Bem, é possível, claro. — fitou o rosto vermelho de Nell — Vamos descobrir? Bella, tem certeza de que pode tomar conta dos meninos? Eles já vestiram os pijamas e estão aguardando a história que prometeu lhes contar.

— Claro, eu e os meninos vamos ficar bem. — retrucou Bella, pegando um livro e começando a subir a escada — Não se preocupe conosco.

— O que lera para eles? — indagou a mãe.

Bella se voltou e sorriu, maliciosa.

— Tudo sobre as invasões piratas no Caribe. Em pormenores.

Nell bufou, mas Margie soltou uma gargalhada.

— Bom para você.

— Eles não vão ter pesadelos? — quis saber Nell.

A cunhada meneou a cabeça em negativa.

— Eles adoram esse tipo de leitura. Disseram-me que a maioria dos meninos gosta. É normal. O mundo deles é repleto de batalhas e monstros.

— Não é assim com o de todo mundo? — indagou Bella, rindo à socapa — Divirtam-se.

Nell não levou agasalho e a noite estava fria, mas tentou não notar o arrepio na pele enquanto caminhava ao lado da cunhada em direção ao celeiro. O salão estava em plena atividade e ela percebeu o olhar de Margie vagar, como se estivesse procurando por alguém. Deixou escapar um suspiro, pensando que a cunhada iria monopolizar Tyler por toda a noite. Houve uma época em que Nell estava certa de que Darren era o centro das atenções de Margie, mas por certo se enganara.

Os convidados ocupavam a pista de dança, enquanto Chappy anunciava a quadrilha, batendo as mãos e falando ao microfone em frente à orquestra. Tyler se encontrava parado em um dos cantos do celeiro, próximo à mesa dos refrescos, trançando três tiras de couro cru de modo descuidado, enquanto observava a dança. Trajava jeans e uma camisa xadrez azul. Os cabelos impecavelmente penteados e o rosto recém-barbeado fizeram o coração de Nell disparar. Aquele era o homem mais belo que jamais vira em toda sua vida.

— Aí está você! — Margie sorriu, tomando-lhe o braço — Como vai?

— Bem — respondeu ele, voltando o olhar para Nell, mantendo-o fixo nela por instantes e dando a atenção de novo a Margie — Está estonteante, querida. — afirmou, em um tom meloso que seria capaz de atrair um enxame de abelhas.

— Obrigada. — agradeceu a cunhada, dirigindo o olhar a Nell — Ela não está bonita? — acrescentou.

Nell corou e Tyler não lhe respondeu, limitando-se a tomar a mão de Margie.

— Vamos nos juntar à quadrilha. — convidou, puxando-a sem notar o ar de surpresa da sofisticada mulher.

Nell se afastou do círculo de dançarinos e sentou-se em uma cadeira, sentindo-se sozinha e rejeitada. Foi então que Darren a encontrou. Trajando uma blusa preta e uma bandana vermelha, parecia tão belo quanto Tyler, mas de um modo totalmente diferente.

— Olá, companheira. — cumprimentou-a, sorrindo — Escondendo-se?

Nell deu de ombros.

— Não danço. — respondeu, forçando um sorriso — Nunca aprendi.

Darren ergueu a sobrancelha.

— Sempre há tempo. — comentou o amigo.

A orquestra havia mudado para um ritmo lento e suave e ele lhe estendeu a mão.

Porém, Nell meneou a cabeça em negativa.

— Não estou disposta.

Darren olhou para a multidão que dançava e a expressão de seu rosto se fechou

quando avistou Margie com Tyler. Postou-se ao lado de Nell, recostando-se a uma das pilastras com os braços cruzados, sem desviar o olhar do casal.

— Ele não perde tempo, não é? — indagou, entre dentes.

— Eles pertencem ao mesmo mundo — retrucou Nell, em tom calmo — Têm passado muito tempo juntos desde que ele veio para cá, e os meninos o adoram.

— Os garotos não me tratam exatamente como um leproso. — observou Darren, em tom frio — Bem, um covarde nunca conquistará a mulher de seus sonhos.

Ela o fitou, sorrindo.

— Nesse caso, boa sorte.

Darren piscou para ela e se dirigiu à pista de dança. Em seguida, bateu de leve no ombro de Tyler, fez um aceno de cabeça e tomou Margie em seus braços.

Tyler se afastou da pista, fitando Nell de soslaio e se encaminhando à mesa de refrescos, onde havia deixado as fitas de couro. Pôs-se a trançá-las mais uma vez.

— Acho que perdeu seu acompanhante, não? — comentou, em tom frio, sem dirigir o olhar a ela.

— Qual o problema? Não suporta concorrência? — rebateu Nell, em um incomum tom venenoso.

Tyler não acreditou que havia ouvido aquelas palavras. Os olhos verdes perscrutaram-lhe a face calma.

— Pensei que esse fosse o *seu* maior problema, querida. — declarou ele — Embora esteja vestida para este fim.

— Está se referindo a este trapo velho? — indagou Nell, exibindo um sorriso amargo — Até pouco tempo atrás, era a toalha de mesa da cozinha.

Tyler não sorriu. Voltou o olhar a Darren e Margie, que dançavam alheios ao mundo ao redor.

— É um belo grupo. — comentou Nell, quando o silêncio entre eles se alongou.

— Sim. — concordou Tyler, terminando a trança e a amarrando.

— Como vão seus planos para o rodeio?

— Bem.

Nell inspirou profundamente.

— Meu Deus! Como está falante!

— Estou?

— Deveria se oferecer para me ensinar a dançar. — arriscou Nell, timidamente e com reservas. Tremeu por dentro ao fazer o comentário. — Um dia me disse que o faria quando eu estivesse usando um vestido.

Os olhos verdes a fitaram, penetrantes.

— Alguns homens tornam-se poéticos quando ficam sem mulher por alguns meses. — respondeu, insolente — Mas você costuma levar tudo ao pé da letra, não?

Nell sentiu todo seu sangue correr para o rosto.

— Eu, não quis dizer...

— Desculpe, querida, mas não tenho atração por mulheres com jeito de homem. — disse, de modo zombeteiro — Acho melhor ficar com seu atual queridinho, se conseguir segurá-lo. Parece ele que gosta de diversificar.

Nell se ergueu.

— Isso é injusto.

— O quê? — o olhar de Tyler se estreitou — E quanto à sua oferta, não quero dançar com você, nem agora nem nunca. E melhor jogar esse... — ele fez um gesto, indicando-lhe o vestido — ...no lixo se o comprou para chamar minha atenção. Não estou interessado em você.

Nell sentiu o mundo afundar à sua volta. Ergueu o olhar, fitando-o feito um animal pequeno e acuado. Às lágrimas banhavam-lhe os olhos.

Sequer conseguia lutar contra a dor que as palavras descuidadas lhe causaram. Enchera-se de esperança. E, então, ele deixou claro seu interesse por Margie. Fora louca em apostar em seus encantos contra os da cunhada.

— Desculpe-me! — sussurrou, com a voz entrecortada. Sem dizer mais nada, virou e saiu correndo do celeiro. A saia lhe roçou as pernas, quando passou em disparada pelo portão e se dirigiu à casa. Nell subiu a escada e só parou ao trancar o próprio quarto, cedendo ao iminente pranto.

Tyler a observou afastar-se, angustiado. Não esperara tal reação, ainda mais quando a vira sentada em companhia de McAnders. Bem, talvez tivesse sido a visão de Margie dançando com o amado que a fizera sair daquela forma, e não suas palavras. Tinha de se agarrar àquele pensamento. Se, porventura, se permitisse acreditar que fora ele a colocar aquelas lágrimas nos olhos de Nell, não estava certo se conseguiria suportar.

Nell chorou até cair em sono profundo. Ao despertar, sentiu-se arrasada, imaginando como conseguiria encarar Tyler outra vez. Margie estivera em seu quarto na noite anterior, parecendo disposta a conversar, mas ela fingira dormir. Não sabia o que a cunhada tinha a lhe dizer, mas, por certo, queria falar sobre as lembranças de Tyler e da noite anterior e Nell se recusava a ouvir.

Seu único arrependimento era ter deixado Tyler perceber o quanto a magoara. Não deveria ter perdido o controle daquela forma. Deveria ter se entregado ao espírito da dança, rido e se divertido com Darren. Mas não era o tipo de mulher que conseguia fazer aquele tipo de jogo. Expusera seu coração e Tyler o massacrara.

Surpreendeu-se ao encontrá-lo na sala de jantar quando desceu para o café-da-manhã, especialmente pela forma como se separaram à noite.

— Quero falar com você. — começou ele, devagar.

— Não imagino o motivo. — replicou Nell, erguendo o olhar para fitá-lo. Os olhos negros ainda mais escurecidos pela frieza.

— Sobre ontem à noite. — informou ele, sucinto — Não quis ofender você. Estava graciosa.

— Obrigada. — agradeceu Nell, de modo seco — Ontem, o elogio teria significado muito.

— Cansei de vê-la com McAnders. — admitiu ele.

Nell não sabia se ouvira bem.

— Com ele? — quis saber ela.

— Vê-la se atirar para ele. — explicou Tyler, com um sorriso sarcástico — Não foi esse seu objetivo? Vestindo-se daquela forma e colocando maquiagem? Espero que ele tenha apreciado seu esforço.

Ela respirou fundo, sentindo todos os pêlos do corpo se eriçarem, enquanto o fitava

com os olhos faiscando de raiva.

— Para ser honesta, não mirei Darren como alvo de meus encantos, mas obrigada. Talvez deva me atirar para ele outra vez! Afinal, foi McAnders quem me elogiou e se ofereceu para me ensinar a dançar!

— Ele sente pena de você. — disparou Tyler, sem medir as palavras.

— Assim como todo mundo? — gritou Nell — Sei que não sou bonita! Não passo de uma moleca estúpida que não sabe distinguir um homem de um rato! E fico feliz que ele sinta pena de mim. Pelo menos, não debocha de mim!

— Tampouco eu!

— E como chama isso?

Bella adentrou furtiva na sala com os olhos arregalados, mas nenhum dos dois pareceu notá-la.

— Acho que errei na mão.

— Então por que não tenta acertar a mão? E eu lhe direi onde pode enfiá-la.

— Nell! — gritou Bella, chocada.

— Se quer partir para a ofensa, desistirei do assunto. — sibilou ele, entre dentes. Uma das mãos quase esmagou a aba do chapéu que segurava, mas estava por demais transformado para notar.

— Deus! Por que não vai andar a cavalo ou coisa parecida?

— Não quer sequer me escutar!

— Eu escutei! — rebateu Nell, com o rosto vermelho — Disse que eu deveria jogar minha roupa no lixo se a estava usando para impressioná-lo. Que não estava interessado e que eu levo tudo ao pé da letra!

— Oh, Deus! — gemeu ele.

— E que sua abstinência sexual foi responsável por tudo! — concluiu Nell, determinada — Muito bem, a recíproca é verdadeira, caubói! E saia da minha sala de jantar. Está coalhando meus ovos.

Tyler a fitou com uma expressão de ódio. Os olhos faiscavam como duas chamas verdes.

— Danem-se seus ovos! Quer me escutar?

— Não. E quer saber? Não vou comer mais essa porcaria de ovos. Tome, pode ficar com eles! — gritou Nell, atirando o prato na direção dele antes de disparar pela porta.

Tyler permaneceu no mesmo lugar, imóvel, com os ovos espalhados pelo rosto, camisa e jeans. Um pedaço ficou preso no chapéu.

Bella ergueu a cabeça, esperando pela explosão de raiva. Ele a fitou por um minuto e colocou o chapéu na cabeça.

— Gostaria de, bem, bacon para comer com os ovos? — indagou a empregada.

— Não, obrigado. — retrucou Tyler, em tom calmo — Não tenho onde colocá-los. — dizendo isso, deu meia-volta e saiu da sala, deixando Bella em um ataque de risos. Imaginar Nell gritando com alguém! Aquela menina estava de fato criando coragem e Tyler teria de penar um bocado, se não estivesse enganada.

A guerra fria teve início. Nell enviava mensagens a Tyler através de Chappy durante o torneio e nunca se aproximava dos cercados dos currais. O máximo que fez foi falar com Wyler sobre o helicóptero e tomar providências para transportar as pessoas para levar os bezerros ao leilão de gado. No restante do tempo, ocupava-se com os hóspedes, que estavam gostando do clima quente do outono, das refeições ao ar livre e dos passeios que Nell administrava pessoalmente.

A autoconfiança de Nell começava a crescer, com exceção do que concernia a Tyler Jacobs. Sentia-se uma nova mulher. Jogou fora o guarda-roupa antigo e comprou um novo. Adquiriu jeans justos e blusas colantes. Mantinha os cabelos penteados e enfeitados. Começou a usar maquiagem e aprendeu com Margie como se sair com graciosidade das potenciais situações embaraçosas com os hóspedes masculinos sem ferir-lhes o ego. Começava a desabrochar, como um botão de flor de primavera.

Margie passava cada vez mais tempo no rancho e, toda vez que Nell olhava pela janela, a via em companhia de Tyler. Darren parecia tristonho e notoriamente irritado, e começou a fulminar a cunhada com o olhar toda vez que a via, no que era retribuído. Até chegarem a um ponto que passaram a evitar um ao outro como se fossem leprosos, mas Tyler parecia tirar vantagem daquilo, já que Margie passava a maior parte de seu tempo com ele. E, pela expressão da face de Tyler, ele gostava da companhia da cunhada.

Os meninos começaram a provocá-los sobre a preocupação que demonstravam um para com o outro. Mas era o tipo saudável de provocação, pois os sobrinhos o adoravam.

Darren havia atraído um pouco da atenção deles durante as freqüentes visitas, já que os filhos de Margie o procuravam para que ele lhes mostrasse os cavalos, o gado e lhes contasse histórias sobre os velhos tempos do Oeste. Aquilo parecia irritar Margie, mas não havia como impedi-los de seguirem Darren. E Tyler não parecia se importar, o que confundia Nell.

Enquanto isso, Tyler se tornava cada vez mais inacessível. Lançava olhares furiosos a Nell quando ela o fitava e a observava, faminto, nas vezes em que não estava sendo notado.

Bella percebeu, mas manteve a boca fechada. Não adiantaria interferir, pensou. As coisas costumavam correr melhor, sem a interferência de terceiros. Havia aprendido a lição. O rodeio chegou ao fim e os bezerros alcançaram um preço mais alto do que o esperado no leilão, o que muito agradou Ted. O tio elogiou Nell, pela forma como o rancho estava sendo administrado. Ele, com extrema cautela, indagou-lhe o que achava de seu capataz.

Ela inventou uma desculpa para interromper a ligação telefônica sem responder. Era difícil pensar em uma maneira delicada de dizer ao tio que, em sua opinião, o capataz que ele contratara deveria ser servido como churrasquinho.

Tão logo desligou, o aparelho voltou a tocar. A voz feminina do outro lado da linha lhe era desconhecida.

— É Nell Regan? — indagou a mulher, hesitante.

— Sim.

— Sou Shelby Jacobs Ballenger. Gostaria de falar com meu irmão.

Nell se sentou.

— Ele foi à cidade comprar algumas coisas. — informou, lembrando o afeto no tom

de voz de Tyler ao mencionar o único parente que possuía: sua irmã Shelby — Mas estará de volta dentro de uma hora. Quer que eu diga a ele para entrar em contato com você?

— Oh, querida! — Shelby deixou escapar um suspiro — Justin e eu vamos partir para Jacobsville dentro de poucas horas. Estamos em Tucson em uma rápida viagem de negócios e gostaríamos de vê-lo. — deixou escapar um riso constrangido — O fato é que Tyler estava preocupado comigo. Justin e eu tivemos um início de casamento conturbado, mas agora está tudo maravilhoso entre nós e eu queria que meu irmão testemunhasse nossa felicidade, para que acredite que estou falando a verdade.

— Por que não vêm até aqui? — ofereceu Nell, em um impulso — Estamos apenas a trinta minutos de Tucson. Dispõem de um carro?

— Sim, meu marido alugou um para ir à reunião de negócios. Não seria incômodo? Não se importaria de ter dois estranhos invadindo sua casa?

— Não são estranhos. — retrucou Nell, com um sorriso amável — Tyler fala tanto em você que sinto como se já a conhecesse. Adoraria que viessem. Bella fará um bolo e...

— Oh, por favor! Não queremos incomodar.

— Não será incômodo algum. Venham, por favor. — em seguida, prosseguiu com as indicações para que chegassem ao rancho, isso embora apenas Deus soubesse por que se esforçava em proporcionar a Tyler uma agradável surpresa, apesar de ele ter sido tão grosseiro e injusto. Deveria ter sido o excesso e sol que tomara, pensou, após desligar o telefone.

— A irmã de Tyler está vindo para cá? — quis saber Bella, com um sorriso de orelha a orelha — Vou providenciar um delicioso bolo de chocolate. Trate de arrumar a sala de estar.

Nell lhe deu um olhar furioso.

— Já fiz isso.

— Ótimo. Então, veja se a prataria está brilhando.

Nell elevou as mãos num gesto, impaciente.

— Que coisa chata!

— Foi idéia sua convidá-los. — lembrou Bella, exibindo um sorriso pretensioso — Que bela surpresa para Tyler! E eu que pensei que você o odiasse. Jogando ovos mexidos sobre ele, gritando com o rapaz...

— Vou dar uma olhada na prataria. — murmurou Nell, desaparecendo de vista.

Meia hora mais tarde, a limusine alugada estacionou na calçada e duas pessoas desceram. Nell reconheceu Shelby Jacobs Ballenger de imediato, pois se assemelhava muito ao irmão. Era graciosa, bastante esguia e elegante. Os cabelos negros estavam penteados em uma trança e ela trajava um vestido de seda verde. Não parecia surpresa, mas o homem alto a seu lado, sim. Possuía uma evidente masculinidade, mas não era belo e parecia sorrir pouco. Nell sentiu-se de pronto intimidada, tentando, no entanto, não deixar transparecer a insegurança, enquanto caminhava em direção à porta para cumprimentá-los.

— Você deve ser Nell. — disse Shelby, sorrindo antes de envolvê-la em um abraço

caloroso — É um prazer conhecê-la. Sou Shelby e este é Justin. — apresentou, erguendo o olhar ao marido, com a expressão repleta de amor.

Ele lhe sorriu por alguns instantes e, em seguida, dirigiu um olhar penetrante a Nell.

— Prazer em conhecê-la.

Nell apenas assentiu e agradeceu o fato de ter optado por um jeans limpo e uma bela blusa azul listrada, além de ter penteado os cabelos com esmero naquela manhã. Ao menos não tinha uma aparência desleixada.

Ela os guiou até a sala de estar e Bella adentrou o aposento, carregando uma grande bandeja com café e pedaços de bolo de chocolate.

— Meu favorito. — murmurou Justin, sorrindo para Bella — Obrigado, mas o que elas vão comer? — indagou, lançando um olhar pretensamente inocente às mulheres.

O gelo foi quebrado de imediato e Nell relaxou, servindo café.

— Quando Tyler chegar, fale com ele e traga-o até aqui, mas não diga por quê. — orientou Nell a Bella.

— Direi que você quer lhe oferecer mais alguns ovos. — retrucou Bella, presunçosa, deixando a sala.

O rubor de Nell intrigou a irmã de Tyler, que acrescentava creme ao café, e a fez sorrir.

— Ovos? — sondou ela.

Nell pigarreou.

— Tivemos um... bem... pequeno desentendimento.

— Ovos? — indagou Justin, demonstrando um interesse mais contido.

Aquilo estava se tornando mais embaraçoso a cada segundo.

— Acho que perdi o controle e atirei meu café-da-manhã nele. — confessou Nell, dirigindo um olhar defensivo a Shelby — Ele me insultou primeiro.

— Oh, acredito em você. — concordou a irmã de Tyler, sorrindo — Não a culparei pelo acontecido.

— Como ele está se saindo por aqui? — quis saber Justin, recostando-se ao espaldar do sofá, segurando a xícara de café em uma das mãos.

— Ele lida muito bem com os homens do rancho. — informou Nell, impaciente.

Os olhos negros de Justin pareciam captar tudo.

Shelby também a observava, atenta e com um sorriso divertido.

— Sabe de uma coisa? — começou ela — Não se parece com a descrição que Tyler fez de você no casamento.

Nell pigarreou de novo.

— Soa melhor ou pior?

— Se responder, não falarei mais com você. — a voz profunda de Tyler soou da porta.

— Ty! — Shelby se levantou num impulso e se jogou nos braços do irmão, para ser rodada e beijada enquanto ele sorria de uma forma que Nell nunca o vira sorrir. Aquilo a fez ver o que havia perdido e a entristeceu.

— Bom revê-lo. — disse Justin, erguendo-se para apertar a mão do cunhado, antes de puxar Shelby para si.

Aquele gesto simples fez Tyler perceber o clima entre os recém-casados. Justin a fita-

va com evidente possessividade e a irmã se mantinha o mais junto possível dele. Ao que tudo indicava, haviam resolvido as dificuldades iniciais, pois nenhum casal poderia fingir com tanta perfeição aquela harmonia entre os dois. Tyler relaxou, certo do futuro da irmã. Era um fardo amenos em seus ombros. Ficou preocupado com o início conturbado daquele casamento.

— Pensamos em falar com você antes de deixar Tucson. — explicou Shelby, enquanto bebiam café e comiam bolo de chocolate — Mas Nell nos convidou para vir até aqui e vê-lo antes de partirmos para o Texas.

— Muito delicado da parte dela, não? — indagou Justin, com um sorriso presunçoso que fez os cabelos da nuca de Tyler arrepiarem.

— Sim. — concordou ele, sucinto, sem voltar o olhar a Nell, que estava sentada na poltrona, enquanto ele dividia o sofá com a irmã e Justin.

— Não precisa se incomodar em me agradecer. — disse Nell, com venenosa delicadeza — Faria isso por qualquer pessoa.

Os olhos verdes lançaram-lhe faíscas através da mesa de café.

— Estou certo de que sim, lindinha de coração bondoso.

O sarcasmo de Tyler deixou-a tensa.

— Costumava tê-lo. — rebateu ela, de pronto — Mas foi destruído pelos homens.

— Isso mesmo. — concordou ele, em tom cínico — Culpe-nos. Em sua opinião, os homens não podem fazer nada certo, não é?

— Podem, se tiverem uma mulher para guiá-los. — retrucou Nell, exibindo um sorriso gélido.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Não viverei tempo suficiente para deixar que uma mulher me guie. Além disso... — Tyler ficou pálido e pigarreou de modo rude, quando notou que estavam chamando a atenção dos visitantes e sorriu — Como vão as coisas em Jacobsville? — indagou com aprazível interesse.

Justin teve de se conter para não rolar de rir pelo chão enquanto tentava responder. Ao mesmo tempo, Shelby sorria, olhando para a própria xícara de café, trocando um olhar divertido com o marido. Não precisavam ser videntes para saber o que estava acontecendo ali. Parecia que, finalmente, Tyler havia encontrado sua cara-metade.

Capítulo Oito

Shelby e Justin ficaram por mais meia hora, atualizando Tyler sobre as novidades da família. O irmão de Justin, Calhoun, e a cunhada, Abby, haviam viajado para a Europa em lua-de-mel, e um vizinho comprara Geronimo, o puro-sangue premiado de Tyler.

— Fico feliz que Harrison o tenha comprado. — murmurou Tyler, um tanto amargo, pois o comentário lhe trouxe à mente o quanto ele e a irmã haviam perdido — Era um excelente cavalo.

— Será bem tratado. — concordou Shelby — Vou cuidar disso pessoalmente. — acrescentou, sorrindo para o irmão — Não fique melancólico por causa disso. Não podemos mudar o passado.

Justin previu que o tempo iria fechar e tratou de mudar de assunto.

— Detesto interrompê-los. — começou, consultando o relógio de ouro de pulso — Mas temos de ir, querida.

Shelby tomou a mão do marido quando se ergueram, largando-a apenas por alguns minutos para abraçar Tyler e Nell.

— Obrigada por permitir que viéssemos. — agradeceu à dona da casa, para, em seguida, voltar o olhar ao irmão — Ty, tente escrever de vez em quando, ou ao menos telefone para que saibamos que está vivo.

Ele sorriu com ternura.

— Farei o possível. Cuide dela, Justin.

— Oh, essa é a parte fácil. — retrucou o cunhado, lançando um olhar amoroso, possessivo e sexy à esposa. Nell tinha a nítida impressão de que Justin compartilhava com Shelby uma parte dele que ninguém conhecia. Era assim que devia ser um casamento, pensou ela. Não que algum dia tivesse a chance de saber como era.

Caminhou até a porta com Tyler para ver o casal partir. O pôr-do-sol tomava a paisagem e ficava mais escuro a cada minuto. À distância, as casas dos hóspedes se encontravam todas iluminadas e se podia ouvir o som de uma guitarra e de uma gaita de boca no alojamento. Nell envolveu o próprio corpo com os braços, relutante em deixar Tyler, porém muito nervosa para ficar.

Virou-se apenas para sentir a mão máscula escorregando por seu braço para tomar a dela.

— Venha caminhar comigo. — convidou ele, em tom suave, puxando-a pelo caminho que levava à sua cabana.

Apesar de não oferecer resistência, Nell sabia que não deveria ir. Ele a estava levando para um confronto. Mas a noite estava impregnada da fragrância das flores, as estrelas brilhando no céu e um silêncio os envolvendo. O contato da mão masculina era cálido, em contraste com o frio da noite do deserto, fazendo-a se chegar mais para perto da força que emanava do corpo viril. A tristeza e a amargura que percebia nele fizeram desaparecer toda a hostilidade com que o tratara nos últimos dias.

Provavelmente, tudo de que ele necessitava era conversar com alguém. Nunca tivera com quem pudesse conversar até que Darren McAnders voltasse ao rancho e se tornasse seu amigo. Porém, teria preferido conversar com Tyler. Não podia fazer nada para modificar o passado daquele homem, mas, por certo, poderia escutá-lo.

Ele havia parado próximo à cerca do curral e lhe soltou a mão para acender um cigarro, enquanto escutavam os sons e silêncios da noite.

— Gosto de sua irmã. — manifestou-se Nell, enfim.

— Eu também. Sempre fomos muito próximos. Tudo o que realmente tínhamos era um ao outro, enquanto crescíamos. Depois da morte de nossa mãe, papai se tornou ganancioso e impaciente. Era difícil conviver com ele.

— Ela e Justin se conhecem há muito tempo? — indagou Nell, curiosa.

— Há anos. — retrucou ele, tragando o cigarro — Seis anos atrás, ficaram noivos,

mas Shelby desfez o compromisso. Nunca soube o motivo, embora tenha certeza de que meu pai teve alguma influência nessa decisão. Justin não era rico e ele já havia escolhido um sujeito abastado para a filha. Mas Shelby não se casou com ninguém. E, então, quando perdemos tudo, Justin foi visitá-la porque soube que ela estava sozinha. Eu já tinha vindo trabalhar aqui. Quando soube, já estavam casados. Acho que Justin fez aquilo para se vingar e tornar a vida dela insuportável. Minha irmã não parecia muito feliz no dia do casamento. — Tyler fitou-a — Mas acho que finalmente se acertaram. Percebeu o modo como se olham?

Nell recostou-se à cerca e baixou o olhar.

— Sim. Parecem muito felizes.

— Têm sorte. Muitas pessoas não conseguem uma segunda chance.

Ela ergueu os olhos para fitá-lo.

— Se isso é uma indireta pelo fato de eu tê-lo evitado desde o dia da quadrilha...

— Eu estava com ciúme. — disparou Tyler, antes de exibir um sorriso luminoso, ao perceber a expressão atordoada dela, visível à luz fraca que vinha da casa — Cheio de ciúme. Vi você e McAnders se abraçando e, quando se arrumou para agradá-lo, pensei que nunca seria capaz de fazer isso para mim. E então explodi. Não quis dizer tudo aquilo, mas não me escutaria se tentasse explicar.

— Ciúme de mim? — Nell soltou uma risada amarga — Essa é boa! Eu sou uma garota desajeitada, simples e envergonhada...

— E que, infelizmente, não tem autoconfiança. — terminou Tyler por ela — Não acha impossível um homem desejá-la pelo que é? Pelo jeito como é por dentro, em vez de sua aparência?

— Nunca ninguém fez isso. — retrucou ela, sucinta — Tenho 24 anos e morrerei solteira.

— Não acredito, querida. — afirmou Tyler — E muito fogosa para viver e morrer sozinha.

Nell sentiu a face queimar.

— Não jogue isso na minha cara. — disparou, irada — Eu estava... um tanto desequilibrada e você é muito experiente. Foi só isso.

— Experiente uma ova. — rebateu ele, de pronto — Não houve tantas mulheres assim e você não estava desequilibrada, mas, sim, faminta por um pouco de amor.

— Muito obrigada!

— Quer se calar e escutar? — ordenou Tyler — Nunca me deu uma chance de explicar o que aconteceu. Simplesmente jogou ovos em mim e saiu porta afora.

— Tinha razão de estar furiosa depois do que ouvi de você. — lembrou ela.

— Talvez sim. — concordou Tyler, resabiado — Mas deveria ter me deixado explicar.

— A explicação era óbvia. — replicou ela — Darren invadiu o que considerou seu território.

Tyler sorriu com raiva de si mesmo.

— Pode-se dizer que sim.

— Bem, não precisa se preocupar com Margie. — começou Nell após um instante de silêncio — Quero dizer, é óbvio que ela é louca por você. E homens como você...

— Do que está falando? — indagou Tyler, com expressão divertida.

— Ninguém pode culpá-lo por se sentir atraído por ela. — continuou Nell — Desculpe-me por ter dificultado as coisas para o seu lado. Não fiz por querer. Tem o direito de encontrar alguém e que esse alguém goste de você.

— Meu Deus! — exclamou ele, fitando-a, enquanto tragava o cigarro — Quer mesmo que eu seja feliz?

— Sim, muito. — retrucou Nell. A voz suave ecoava na escuridão — Não quis tornar as coisas difíceis. Apenas...

— Você não tem sequer um pinga de autoconfiança. — afirmou Tyler — É uma pena, porque é uma pessoa muito interessante. Gostaria de saber por que tem esse trauma com homens.

— Fui magoada. — murmurou Nell.

— Muitas pessoas foram.

— Não como eu fui. — rebateu ela, cruzando os braços — Quando estava no meio da adolescência, apaixonei-me por um dos caubóis. Seguiu-o por todos os lugares impiedosamente. Para resumir, esse homem era apaixonado por uma mulher que não podia ter e, em meio a uma bebedeira, decidiu me aceitar. — Nell riu, amarga — Até aquele dia, pensava que romance se resumia a sorrir um para o outro e dar as mãos. Nunca havia me ocorrido que pessoas apaixonadas costumavam ir para a cama juntas. E o que mais me feriu foi que eu não me sentia fisicamente atraída por ele. Foi por essa razão que entrei em pânico e gritei. Bella veio em meu socorro e o caubói caiu em desgraça.

Tyler a ouvia com atenção. A brasa do cigarro lhe queimava os dedos sem que notasse.

— Foi McAnders... — concluiu ele.

— Sim. Ele era apaixonado por Marguerite, mas eu não sabia até Darren tentar fazer amor comigo. Naquela noite, percebi o grande erro que havia cometido. — Nell sorriu, tímida — E, então, concluí que eu nunca mais deveria confiar em meu instinto. Deixei de usar roupas femininas e me afastei dos homens.

— Um ovo podre não torna a dúzia estragada. — argumentou Tyler.

— É verdade. Mas como descobrir o ovo podre a tempo? — Nell meneou a cabeça — Não me senti inclinada a tentar de novo.

— Até eu aparecer? Ela enrubesceu.

— Já lhe disse. Estava apenas tentando fazer com que se sentisse bem-vindo. Deu-me atenção, o que me lisonjeou.

— Qual o papel de McAnders no momento? — indagou Tyler — Suponho que tenha sido íntima dele, antes de Bella vir em seu socorro, mas e no presente? Você me trocou por ele.

O corpo de Nell ficou tenso.

— Não — respondeu com um fio de voz.

Tyler deu um largo sorriso.

— Por que não?

Não deveria esquecer que ele estava interessado em Margie, e não nela. Talvez sentisse um pouco de pena, mas não a queria para um relacionamento sério.

Nell se empertigou.

— Por que ainda não me sinto atraída por ele fisicamente.

Tyler imaginou se ela percebia o quanto revelara com aquela resposta. Se não desejava McAnders, provavelmente não o amava. Mas teria de fazê-la enxergar aquilo, o que não seria fácil.

— Eu a atraí fisicamente um dia. — afirmou ele, em tom gentil. A voz grave e profunda ecoou na noite. Tyler se aproximou, deslizando os dedos longos pelo rosto macio e, em seguida, pelos cabelos soltos de Nell. O calor que emanava dele a envolveu de pronto. A respiração de Tyler era como uma brisa suave, balançando-lhe os cabelos e lhe fazendo o coração disparar. — Se McAnders não tivesse aparecido, talvez eu lhe tivesse sido atraente de outras formas. Não tivemos muito tempo para nos conhecermos.

Nell espalmou as mãos vagorosamente sobre o peito musculoso, considerando a possibilidade de ele as afastar. Porém, Tyler as tomou nas suas e pressionou-as contra o tecido da própria camisa.

— Mas, agora, não deve estar mais interessado. — declarou Nell, com a voz entrecortada — Margie está passando um bom tempo aqui.

— E, logicamente, acha que estou apaixonado por ela.

— Não? — indagou Nell, obstinada.

— Vou lhe dizer uma coisa. — começou Tyler, erguendo-lhe o queixo para que o encarasse — Terá de sair desse casulo em que vive, querida, e começar a olhar a seu redor. Não pode aprender a nadar se não entrar na água.

— Não entendi.

— É muito simples. Se me quer, terá de acreditar que é possível a recíproca ser verdadeira. Crer em si mesma e confiar que não irei magoá-la.

— É difícil confiar. — argumentou Nell, embora achasse a proposta tentadora. Desejava-o desesperadamente, mas não queria um relacionamento efêmero. E Tyler?

— É assim com a maioria das pessoas. — retrucou ele, afastando uma mecha de cabelos do delicado rosto — Depende se acha que vale a pena correr o risco. O amor não vem com um certificado de garantia. Há uma hora em que se tem de confiar no instinto e arriscar.

Nell ficou tensa, mas ele não lhe soltou as mãos.

— Por quê? — indagou ela, de modo abrupto — Diz que me quer, mas, ao mesmo tempo, afirma que não está interessado em relacionamentos.

— Eu disse muitas coisas, não é, querida? — murmurou Tyler.

Nell tentou enxergar o rosto másculo na escuridão.

— Não sou o tipo de mulher pelo qual poderia se apaixonar.

— Minha vida virou de ponta-cabeça. — começou Tyler — Não sou o mesmo homem de antes. Não tenho dinheiro ou posição e tudo que me restou foi meu bom nome e um bocado de crédito. Isso me torna vulnerável, caso não tenha percebido.

— Como assim?

— Talvez pense que estou interessado em você pelas suas posses.

— Essa é boa. — murmurou Nell em tom seco — Não é o tipo de homem que seduz uma mulher por dinheiro.

Os olhos verdes perscrutaram a escuridão para lhe fitar o rosto.

— Ao menos me conhece bem. — declarou ele por fim — Mas uma parte de você tem

medo de mim.

— Você quer Marguerite. — gemeu Nell — Por que está me dizendo tudo isso?

— Margie envia sinais. Você poderia aprender a fazer isso também. — sugeriu Tyler — Poderia me abordar no escritório e me beijar com ardor ou comprar roupas novas para me atrair.

Nell corou e sentiu o coração pular.

— Acho que iria enlouquecê-lo, já que fez Chappy devolver até mesmo uma corda que havia comprado sem sua permissão. — lembrou ela, aliviando a tensão entre ambos.

Tyler sorriu.

— Compre um vestido novo. Prometo não criar confusão.

— Margie comprou-me um e você me fez sentir um espantinho quando o usei.

— Eu sei. — concordou ele, deixando escapar um suspiro — Estou tentando me desculpar, mas se recusa a me ouvir.

O coração de Nell batia descompassado. Enquanto ele falava, as mãos longas desceram para seus quadris, puxando-os de encontro ao corpo viril. Ela tentou dar um passo para trás, mas Tyler a manteve gentilmente no lugar.

— Não. — disse ele, em tom suave — Não vou deixá-la fugir desta vez. Não a soltarei.

— Tenho de entrar. — Nell quase suplicou, sentindo o pânico invadi-la ante a intimidade do contato físico. Aquilo lhe trazia doces e perigosas lembranças.

— Assustada? — quis saber ele.

— Não quero ser apenas mais uma conquista. — murmurou Nell, lutando para se desvencilhar.

— Fique quieta, pelo amor de Deus! — Tyler bufou, com o corpo forte ficando tenso — Deus, Nell! Isso magoa!

Ela parou, instantaneamente, percebendo a que Tyler estava se referindo e concluiu que estava apenas tornando tudo mais difícil.

— Então não deveria estar me segurando desse jeito. — sussurrou com voz trêmula.

Tyler suspirou profundamente e manteve a pressão com que lhe envolvia a cintura.

— Estivemos bem próximos, não? — indagou ele, roçando os lábios contra a testa de Nell — Estivemos juntos sem uma única tira de tecido entre seus seios e meu peito, e você se curvou em direção à minha boca.

Ela enterrou o rosto enrubescido no peito musculoso, trêmula diante das prazerosas lembranças.

— Não deveria ter permitido aquilo.

— Então, Chappy bateu à porta, quebrando o encanto. — murmurou Tyler contra a face afogueada — Preferia não atender e continuar a fazer amor com você. Mas achei a interrupção providencial, porque as coisas estavam fugindo do controle, não? Desejávamos muito um ao outro. Não sei se conseguiríamos parar a tempo.

Tyler estava certo. E aquilo não ajudava a abrandar a própria culpa, pensou Nell.

— Seria um desastre, não? — quis saber ela, esperando, tensa, pela resposta.

— Sou um homem à moda antiga, querida. — respondeu Tyler, finalmente. As mãos fortes deslizaram pelas costas de Nell, puxando-a de encontro ao corpo masculino — Não pediria para que dormisse comigo sabendo que é virgem. Não é esse tipo de mulher.

Nell mordiscou o lábio inferior com força.

— Tenho algumas limitações...

— Muitas das quais liquidamos naquele dia em minha cama. — lembrou ele — Mas sua maior limitação é um bloqueio mental no que diz respeito a seus atrativos. E a única pessoa que não consegue enxergar que bela mulher você é.

— Eu??? — indagou Nell.

— Sim. — retrucou ele, roçando os lábios nos dela — Tem um coração caloroso. — sussurrou, repetindo o sensual contato, mas, desta vez, demorando-se alguns segundos a mais — É carinhosa. — continuou, beijando-a mais uma vez, entreabrindo-lhe os lábios antes de erguer a cabeça — Inteligente... — a boca sensual a provocava, invadindo a dela cada vez mais — É a mulher mais sensual com a qual já fiz amor.

Tyler sussurrava as palavras contra os lábios trêmulos, antes de arrebatá-los num beijo profundo e possessivo. A língua experiente penetrava-lhe a boca com movimentos lentos e delicados. O tipo de beijo que Nell nunca antes experimentara. Nem mesmo no dia em que entrara na cabana de Tyler e aquilo a assustou.

Ela tentou se afastar só para sentir a mão forte em sua nuca, mantendo-lhe a boca sob a dele.

— Não lute contra isso. — sussurrou ele, persuasivo — Não a magoarei. Relaxe. Deixe-me provar sua boca. Tratarei você com tanto carinho quanto o faria com seu corpo se o entregasse a mim, querida. — a respiração ofegante de Tyler invadia-lhe a boca.

Mas e Margie?, perguntava-se. Como ele podia segurá-la daquela forma quando desejava outra? Mas não conseguia dizer as palavras, porque ele estava realizando maravilhas em seu corpo. Desejava-o mais que tudo. No dia seguinte, poderia odiar a si mesma e a ele, por brincar com seus sentimentos. Mas, naquela noite, tudo o que queria era o doce prazer da boca sensual e o toque das mãos fortes, para levá-los na lembrança.

Sentiu as mãos de Tyler explorando a parte traseira de suas coxas, puxando-as de encontro às dele, de tal forma que os quadris de ambos ficassem colados e Nell percebesse a excitação que isso lhe causava. Ela não protestou. As mãos delicadas abriram caminho em torno do peito largo, escorregando pelas costas retas e mais abaixo, devolvendo a pressão de modo tímido, enquanto o primeiro tremor de prazer perpassou-lhe o corpo, fazendo-a soltar um grito abafado.

Tyler ergueu a cabeça de modo abrupto. Os olhos verdes brilhavam, o corpo tremia levemente e o coração batia descompassado contra os seios firmes.

— Venha até minha cabana, vou sentá-la naquela poltrona próxima à lareira e nos amaremos por alguns minutos.

— É muito perigoso. — alegou ela, sem no entanto protestar.

— Tenho de fazer isso, Nell. — sussurrou Tyler, inclinando-se para erguê-la suavemente em seus braços. Em seguida, virou-se, carregando-a até o portão de sua cabana. — Tenho de fazê-lo, meu bem.

Os braços delicados se fecharam em torno do pescoço de Tyler e Nell enterrou a face em seu cálido ombro.

— Não posso... Não posso dormir com você. — sussurrou ela.

— Não lhe pedi isso. — ele respirava ofegante. E, então, lhe tomou os lábios, ávido, enquanto escancarava a porta com uma das mãos e a carregava para a escuridão do inte-

rior de sua cabana.

E, então, havia mais disfarce. Tyler explodia de desejo e não tentava esconder. De pronto, desabotoou a blusa de Nell, levando os lábios aos seios, mordiscando-os e os beijando com avidez, enquanto ela tremia e arqueava o corpo para frente em total entrega.

— É tão doce, Nell... — gemeu ele, enquanto os lábios se moviam sobre ela — Oh, tem o sabor do mel.

As mãos delicadas tocaram a maciez dos cabelos negros, saboreando a textura espessa, enquanto saciava o próprio desejo na boca sensual.

— Oh, por favor... — murmurou ela, quando Tyler ergueu a cabeça para respirar — Por favor!

Ele a mantinha cativa, enquanto abria a própria camisa e a puxava contra o corpo, pressionando-lhe os seios contra os pêlos do peito musculoso. Movimentou-a com sensualidade de um lado para outro até a respiração de Nell se tornar tão ofegante quanto à dele.

A boca experiente tomou a dela com avidez. O controle de Tyler desapareceu diante dos sons que Nell emitiu contra seus lábios, além dos movimentos lânguidos do corpo feminino contra o dele. Macio, nu e incrivelmente excitante.

As mãos longas acariciavam as costas nuas de Nell, pressionando-a contra o corpo viril excitado, de modo que Tyler pudesse sentir os mamilos rijos como duas pequenas brasas incandescentes contra sua pele.

— Nell... — gemeu ele. A boca sensual deslizou pelo pescoço delicado, pressionando a veia que latejava, enquanto a puxava para si e o tremor do desejo começava a se esvaír de Nell.

— Sinto todo o meu corpo dolorido. — sussurrou ela, colando-se ainda mais a ele — Isso é assustador!

— Isso é desejo. — murmurou Tyler contra a delicada orelha — O desejo explícito. Não tirarei vantagem de algo que não pode evitar. Não tenha medo. Desejo-a tanto quanto você a mim.

Nell não conseguia conter o tremor.

— Deve ser... muito pior para você. — sussurrou ela.

— Uma doce dor. — confessou Tyler com voz rouca, enquanto os lábios quentes roçavam o rosto e o pescoço de Nell — Não me arrependo nem um pouco. E você?

— Eu não poderia admitir isso.

Tyler riu à socapa com a resposta impetuosa e a avidez explícita de Nell.

— Nem eu. Mas não foi delicioso?

— Oh, sim. — suspirou ela, aninhando-se ao corpo másculo e deixando escapar um gemido — Quero ficar com você a noite inteira.

— Eu também gostaria, mas não podemos.

— Poderia apenas dormir a seu lado. — murmurou Nell, sonolenta.

— Claro que sim. Tudo de modo platônico e nada acontecerá. — ele lhe ergueu o rosto, e lhe tomou os lábios num beijo ousado — Sabe tão bem quanto eu que devorá-íamos um ao outro se fôssemos para a cama juntos. Estamos loucos para fazer amor e eu mal a toquei.

Nell inclinou a cabeça para trás.

— Chama isso de mal me tocar?

— Comparado ao que faria com você na cama, sim.

Ela hesitou por alguns segundos, e Tyler leu-lhe o pensamento, rindo.

— Devo lhe contar o que faria? — sussurrou ele, em tom suave.

— Não se atreveria.

Mas ele fez isso, de maneira sensual, sussurrando contra a orelha delicada, enquanto a tocava e acariciava, fazendo com que todos os nervos do corpo de Nell agonizassem de prazer.

— Nunca sonhei... — ela ofegou, escondendo o rosto no peito musculoso quando Tyler terminou de falar.

— Precisava saber. — afirmou ele, com ternura — Ainda é muito inocente, apesar do que aconteceu em sua adolescência. Quero que entenda que o que compartilharíamos não seria doloroso ou assustador. O amor físico é a expressão do sentimento entre duas pessoas. Tão intenso que palavras não são suficientes para exprimi-lo. Não é algo que se deva temer.

— Com você, certamente não. — declarou Nell, com ternura. Em seguida, tocou-lhe o rosto, deliciando-se com a pele áspera e a beleza masculina. — Tyler... Eu poderia amá-lo... — sussurrou, hesitante.

— Poderia, querida? — ele inclinou a cabeça, roçando os lábios nos dela com extrema suavidade — Você me deseja. Então, venha cá.

— Isso não é justo.

— É sim. — retrucou Tyler — Para seu próprio bem, tem de recuperar a confiança que perdeu pelo que aconteceu com McAnders. Eu poderia pressioná-la e fazê-la tomar uma decisão, mas isso tiraria seu direito de escolha. Não farei isso por você. Terá de fazê-lo sozinha.

Os olhos negros preocupados estudaram Tyler.

— Disse que não quer um relacionamento duradouro. — lembrou ela.

Tyler virou o rosto para fitá-la na penumbra da sala.

— Faça com que eu queira um. — desafiou-a ele — Me seduza. Compre vestidos sensuais e leve-me à loucura. Explore seu potencial feminino. Como sempre deveria ter feito.

— Eu não sou atraente. — argumentou Nell.

As mãos longas escorregaram, suaves, pelos seios firmes.

— Você é linda, Nell. — elogiou Tyler, com a voz rouca — E muito macia...

— Tyler...

— Venha cá... — murmurou ele, erguendo-se e a carregando nos braços para, em seguida, deixar que o corpo de Nell escorregasse pelo dele e lhe tomar os lábios num beijo ousado. E, então, com um movimento rápido, acendeu a luz.

— Não! — protestou Nell. Porém, era tarde. A luz suave iluminou a sala de estar e Tyler lhe tomou as mãos antes que ela pudesse cobrir os seios. O olhar masculino lhe percorreu o corpo em atento deleite. Uma onda de calor tomou conta do rosto de Nell.

O peito másculo subia e descia apressado com a respiração entrecortada e Tyler travava uma intensa batalha de consciência para se deter apenas em observá-la.

— Paremos por aqui por enquanto. — ofegou ele, erguendo o olhar para fitá-la.

Os lábios de Nell se entreabriram, enquanto ela lhe sustentava o olhar, ciente da

excitação de ambos, que Tyler podia não apenas testemunhar como sentir.

— Isso a envergonha, não? — indagou ele em tom terno, procurando os olhos negros — Posso ver o quão graciosa é e o quanto a excitei. E como se a estivesse vendo totalmente nua. Mas você já me viu assim. Lembra-se?

Nell baixou o olhar para o peito desnudo.

— Não poderia esquecer, mesmo que tentasse. Achei-o perfeito. — sussurrou, tímida.

— Sinto o mesmo em relação a você. Adoro você sem blusa. Daria tudo que tenho para levá-la para o quarto e amá-la em minha cama. Mas, da maneira como estão as coisas, não é uma decisão que eu possa tomar. — dizendo isso, ele lhe soltou as mãos e a fitou mais uma vez antes de se forçar a virar de costas e acender um cigarro.

— É melhor se vestir, meu bem. Desejo-a desesperadamente e não sou tão controlado quanto pensei ser.

Nell fitou as costas largas por alguns instantes, pensando em pressionar o corpo contra o dele. Porém, sabia o que aconteceria, e que seria sua culpa. Deixando escapar um suspiro suave, caminhou em direção ao local onde estavam a blusa e o sutiã.

Tyler vestiu a camisa e a abotoou. Fumou metade do cigarro antes de se virar. Os olhos verdes estavam escurecidos pelo desejo frustrado ao fitarem Nell.

— Não podemos fazer isso com frequência. — afirmou, sorrindo — Está ficando mais difícil a cada vez.

— Sim. — concordou Nell, retribuindo o sorriso — Oh, eu o desejo tanto! — sussurrou, desamparada.

— Eu também a desejo muito. — retrucou Tyler, estendendo a mão, que ela aceitou sem hesitar — Acho melhor levá-la para casa.

— Está bem.

Ele a acompanhou na escuridão. Não falaram nada, mas, Nell lhe segurou a mão com firmeza e sentia como se tivessem feito amor no sentido literal da palavra. Uma vaga sensação de desespero a invadiu, pois não estava segura dos sentimentos de Tyler.

Ele parou ao pé da escada e voltou-se para encará-la. O rosto masculino era visível à luz que incidia da janela da sala da frente.

— Basta de fingimentos, Nell. — disse ele, em tom suave — Se me quer, deixe isso claro.

— Mas os homens não gostam de serem seduzidos? — sussurrou ela.

— Tente e verá. — desafiou-a Tyler, estreitando o olhar — Tem de confiar em si mesma para que os outros também o façam.

— Não se importará? — indagou Nell — Tem certeza?

Tyler baixou a cabeça para cobrir-lhe os lábios em um beijo rápido.

— Não me importarei.

— E quanto a Margie?

— Descobrirá tudo por si mesma, quando começar a colocar sua vida em ordem. Está bem embaixo do seu nariz. Você é que não consegue enxergar.

— Diga-me... — sussurrou Nell.

— Não. Pense sobre isso. Boa noite.

Num gesto impulsivo, ela se aproximou e ergueu os lábios.

— Pode me beijar... outra vez?

E assim ele fez, erguendo-a do chão com tanta avidez que, quando a soltou, Nell estava ofegante.

— Gostei disso. — disse Tyler, com voz rouca — Deve fazer isso de vez em quando. Durma bem.

— Você também. — Nell o observou afastar-se pelo caminho de onde vieram, acendendo um cigarro durante o trajeto. Os passos eram sombrios e vagarosos, mas, quando ela se virou para entrar na casa, ouviu-o assoviar alegremente na escuridão. Nell sorriu porque era uma canção bem popular. Estava ciente de que talvez tivesse valorizado demais o que haviam feito, mas seu coração estava em chamas por aquele homem. Talvez ele não se importasse tanto com Margie e ela pudesse conquistar sua afeição se tentasse. Mas teria de pensar muito antes de arriscar seus sentimentos outra vez. Precisava de tempo.

Capítulo Nove

Nell pensou a noite toda sobre Tyler e Margie e no que ela iria fazer. As velhas inseguranças a assombrando.

Na manhã seguinte, desceu a escada com os pensamentos em turbilhão e ainda sem respostas. Esperava que Tyler estivesse lá, esperando por ela, mas não o encontrou.

Bella adentrou a cozinha com uma bandeja de café-da-manhã e sentou-se ao lado dela.

— Muito cedo para os novos hóspedes estarem acordados e com fome. Portanto, podemos tomar nosso desjejum em paz. — comentou, servindo duas xícaras de café — Tyler está tomando o dele no alojamento.

— Isso é normal, não? — suspirou Nell — Ele tem feito as refeições lá, ultimamente.

— Acho que não é muito bem-vindo aqui nos últimos dias. — retrucou Bella — É uma pena, pois estou certa de que ele é um bom rapaz e podia ter arranjado coisa pior.

— Não é a mim que ele quer. — afirmou Nell, sucinta, dirigindo o olhar à outra mulher, enquanto passava manteiga em um biscoito — É Margie.

Bella sorveu um gole do café.

— Ele lhe disse isso?

— Não, mas também não nega.

Bella colocou uma porção de ovos mexidos no prato de Nell.

— Acho que lhe dei um palpite errado sobre Tyler. Deveria tê-la encorajado a se vestir e agir como uma jovem atraente. Fui tola ao não perceber o tipo de homem que ele é, e acabei ajudando a complicar as coisas. Desculpe-me.

— Você não tem culpa. — respondeu Nell, fitando os ovos no prato — Não sou o tipo de mulher de que um homem como Tyler precisa. Sou apenas uma caipirona do interior.

Não sei sequer dançar.

— Pare de se depreciar. — advertiu-a Bella — Escute, criança. Só porque Darren McAnders não via nada além de Margie não é razão para se esconder atrás de calças largas a vida inteira. É jovem e bonita, e, se tentar, pode ser tudo de que Tyler necessita. Não se esqueça de que ele não é mais um homem rico. Não precisa de uma socialite dondoca, e sim de uma mulher que possa ajudá-lo a reunir uma herança para os filhos dele.

— Margie pode fazer isso. — rebateu Nell, fingindo indiferença.

— Oh, claro! Como faz quando está aqui? — zombou, Bella — Nem em sonho! Tyler enlouqueceria antes da primeira semana e você sabe disso. Nunca saberia preparar um jantar. Estaria muito ocupada experimentando vestidos nas lojas da cidade ou fofocando ao telefone.

— Ela é bonita e vistosa.

— Um homem sensível não deseja um troféu para se exibir, mas uma mulher de carne e osso.

— Acho que sou de carne e osso. — concordou Nell.

— E trabalhadeira, boa cozinheira e uma companheira que escuta mais do que fala. É uma jóia rara. — concluiu Bella — Deveria pensar positivo. Ao menos já fez algum progresso, usando roupas que lhe caem bem, deixando de lado aquelas roupas horrorosas e soltando os cabelos. Parece outra mulher.

— Concluí que você e Margie estavam certas sobre o que aconteceu com Darren. — explicou ela — Exagerei porque não sabia como os homens se portavam quando desejavam uma mulher. Bem, não naquela época.

Os olhos de Bella se arregalaram de surpresa.

— E agora sabe? — indagou com um malicioso sorriso.

Nell sentiu a face afogues de pronto. Pegou a xícara de café de maneira descuidada e acabou por entornar o conteúdo na mesa e sobre si mesma.

— Oh, Deus! Que dedos desajeitados! — Bella riu à socapa.

— Foi sem querer. — defendeu-se Nell, erguendo-se e esfregando os dedos sobre a mancha na blusa listrada. Ela olhou para Bella. — Apenas detesto café. Não sou desajeitada! — E, então, virou o corpo, tropeçando na cadeira e caindo de cara no chão.

Bella se dobrou de tanto rir, enquanto ela, furiosa e machucada, tentava se livrar da cadeira. Esforçava-se para se erguer quando avistou duas botas à sua frente.

— Ela não é desajeitada. — explicou Bella para o dono das botas, antes de deixar a cozinha.

Nell conseguiu se erguer, ajudada por duas familiares mãos fortes.

— Está tendo problemas? — quis saber Tyler, em tom divertido.

Ela sentiu-se ainda mais desajeitada com a presença masculina e a falta de equilíbrio. Olhou para o rosto bronzeado, percebendo o prazer que sentia em apenas fitá-lo.

— Estava procurando uma lente de contato. — explicou Nell, nervosa.

— Não usa lentes de contato. — contrapôs ele.

Nell pigarreou.

— Isso não quer dizer que não possa procurar por uma se tiver vontade.

Ele deu um sorriso debochado.

— Cada um se diverte como gosta.

Nell afastou uma mecha dos cabelos lisos do rosto.

— O que posso fazer por você? — perguntou.

— Pode ir comigo para a cavalgada e o acampamento. Chappy está ocupado com as novas éguas e eu me comprometi a levar os novatos hoje.

— Você, em vez de Darren?

Tyler comprimiu os lábios.

— Algum problema quanto a isso?

Ainda insegura de como agir, Nell concluiu que falar a verdade seria um bom começo.

— Não, nenhum. — disse, enfim — Darren tem sido um bom amigo, mas prefiro estar com você.

Um breve sorriso curvou os lábios de Tyler por Nell ficar vermelha, enquanto respondia. A timidez a tornava ainda mais atraente. Era uma bela mulher quando não estava vestida como uma órfã.

— Também prefiro estar com você, raio de sol. — retrucou ele, em tom suave.

O coração de Nell pareceu ter parado de bater. O paraíso devia ser tão doce quanto aquele homem, pensou, inebriada. E, então, correspondeu a ele com um sorriso encantador. Os olhos pareciam um veludo.

Bella transpôs a porta, quebrando o encanto. Nell se desculpou, enquanto a empregada dava risadinhas maliciosas, e disparou em direção ao corredor para pegar o chapéu. Dedicou-se às tarefas usuais, sentindo-se como se estivesse caminhando nas nuvens. O dia pareceu se arrastar até que fosse tempo de embalar os sacos de dormir e os utensílios de cozinha que Bella havia providenciado, antes de se dirigir para uma noite fora no acampamento. O *Rancho Double R* era um dos únicos a fazer o programa completo, com sacos de dormir e acomodações sem luxos. Apenas algumas almas aventureiras se sentiam dispostas a enfrentar a trilha que os antigos caubóis enfrentavam.

O grupo era formado por três casais ao todo. Seis pessoas, quatro das quais cavalgavam muito bem e não se mostravam temerosas de cobras ou coiotes. Tampouco de rolar em direção à fogueira do acampamento durante o sono. O dia estava lindo, com o relevo acidentado das montanhas sobressaindo-se na planície verde. Nell sentia-se no topo do mundo, enquanto cavalgava à frente do grupo com Tyler a seu lado. De vez em quando, olhava para trás, verificando se não havia perdido ninguém do grupo.

— Eles estão se saindo bem. — comentou Tyler, enquanto acendia um cigarro — Não se preocupe tanto.

— Dois deles nunca haviam visto um cavalo de verdade. — disse ela.

— Os Callaway? — ele sorriu, referindo-se ao casal de obesos de meia-idade, recém-casados. — É verdade, mas você os ensinou como se equilibrar no lombo do animal e eles estão se saindo bem. Relaxe.

Nell tentou. Porém, ser cuidadosa se tornara um hábito e seu sexto sentido lhe dizia que não fora uma boa idéia fazer a trilha sem Chappy e a caminhonete que costumava vir repleta de hóspedes.

E, assim como previra, as coisas começaram a desandar de repente. Cavalgaram por uma hora e depois retornaram pelo caminho que levava à casa do rancho, parando a uma milha de distância para armar o acampamento antes do anoitecer.

A Sra. Callaway, uma pequena mulher loura e animada, desceu do cavalo muito rapidamente e prendeu a blusa na parte superior da sela, ficando pendurada a dez centímetros do chão do deserto, enquanto o animal sacudia a crina e emproava-se.

Tyler adiantou-se para erguer a Sra. Callaway, enquanto Nell acalmava o animal e lhe desvencilhava a blusa.

— Está tudo bem, Sra. Callaway? — perguntou ela, ansiosa quando a pequena mulher, com o rosto vermelho, parou de tremer nos braços protetores do marido.

— Oh, estou bem. — respondeu, com um sorriso — Que história terei para contar para meus amigos quando voltar!

Nell relaxou, mas a experiência com a Sra. Callaway foi apenas o começo. O marido dela foi ajudar Tyler e os outros homens a recolher galhos para acenderem a fogueira e se deparou com uma enorme cascavel.

Ele deixou escapar um grito estrondoso, assustando a Sra. Donnegan, que caiu de costas em um cacto e soltou um berro maior ainda. Enquanto a cascavel era liquidada por Tyler, Nell conseguiu retirar todos os espinhos da Sra. Donnegan e todos estavam prontos para a refeição. Tyler acendeu uma grande fogueira e assou salsichas, pães e *marshmallows* para os hóspedes, enquanto fervia uma panela com café.

— Eu detesto café. — informou a Sra. Harris. Era a única mal-humorada do grupo. Uma mulher da cidade que fora para o deserto apenas porque o marido a persuadira. Odiava aquele ambiente, os cactos, o calor e o isolamento. Detestava tudo, na verdade. — Prefiro um refrigerante.

— Sem problemas. — respondeu o marido — Vamos cavalgar até o rancho e arranjar um.

— Naquele cavalo? — perguntou ela. Os olhos negros escureceram-se ainda mais. — Estou dolorida em lugares que nem imaginava possuir!

— Então beba café, não é mesmo, querida? — disse o marido.

A Sra. Harris fez beicinho, porém se calou. Os Callaway sentaram-se juntos, dividindo os condimentos do cachorro-quente e um saco de batatas chips, enquanto conversavam com os demais convidados.

Nell inebriou-se com a quietude da noite do deserto como nunca antes o fizera, especialmente quando Tyler começou a descrever para os hóspedes os territórios ao redor e algumas de suas histórias. Nunca percebera o quanto ele sabia sobre o sudeste do Arizona.

Ele falou sobre lugares como Cochise Stronghold, onde um famoso chefe apache estava enterrado. Havia uma marca no local, salientou Tyler, contando que Tom Jeffords, um amigo de Cochise, era o único homem branco que possuía o privilégio de saber o ponto exato onde o chefe fora enterrado. Os apaches haviam corrido com seus cavalos sobre o solo e o adubado com mato para ocultar para sempre o local onde Cochise descansava.

Havia também o famoso hotel Copper Queen em Bisbee, um marco da época de mineração de cobre em Lavander Pit, onde convidados bebiam champanhe francês e eram entretidos por famosos cantores.

Mais ao sul, ficava Douglas, que fazia fronteira com Água Prieta, no México. Pancho Villa invadira a fronteira da cidade e um hotel em Douglas tinha as marcas de seu cavalo na escadaria de mármore, que ainda podiam ser vistas atualmente.

— Sabe muito sobre essa parte do estado, Sr. Jacobs. — comentou o Sr. Callaway — É daqui?

— Não. Sou do sul do Texas. — respondeu Tyler, sorrindo — Próximo de Victoria. Meus antepassados fundaram um lugarejo chamado Jacobsville, onde fui criado.

— Adoro o Texas. — disse a Sra. Callaway, suspirando — Cheio de cactos e artemísias...

— Na verdade, são magnólias, carvalho americano e cornisos. — esclareceu Tyler, divertido — Só o oeste do Texas é que possui as plantas que mencionou.

A Sra. Callaway corou.

— Desculpe.

Tyler soltou uma sonora gargalhada.

— Não fique constrangida. Muitos não têm conhecimento das diferenças geográficas do Texas. Temos de praias ao deserto, de montanhas a planícies. O Texas teria a opção de se separar em cinco estados se quisessem. Mas nunca ninguém se arriscou a fazer isso.

— Posso imaginar por quê. — afirmou a Sra. Callaway. — Ouvi dizer que pode-se dirigir do nascer ao pôr-do-sol sem sair do Texas.

— É verdade. — concordou Tyler.

— Acha que voltará para lá algum dia? — questionou a pequena mulher.

Tyler olhou de relance para Nell, como a acariciá-la até fazê-la perder o fôlego.

— Talvez sim, talvez não. — respondeu, sorrindo para Nell, que se sentiu mais leve do que o próprio ar. Até mesmo invencível.

Sorrindo, inebriada, Nell voltou o olhar aos hóspedes.

— Alguém quer mais *marshmallows*.

Assaram as guloseimas até que ninguém conseguisse mais comê-las. E, então, estenderam os sacos de dormir para passarem a noite, enquanto as chamas alaranjadas da fogueira tremeluziam à brisa leve. A noite no deserto estava fria, porém os hóspedes haviam sido prevenidos e vieram preparados.

Nell estendeu o saco de dormir próximo ao de Tyler, para o deleite do caubói, e, dando-lhe um olhar tímido, enquanto ele descansava a cabeça na sela que utilizava como travesseiro, acomodou-se a seu lado.

— Confortável? — indagou Tyler. A voz era profunda e suave.

— Sim. — retrucou ela, permitindo-se observá-lo para memorizar o contorno do rosto másculo. Sentia uma espécie de possessividade em relação àquele homem que não conseguia compreender. — Sente falta do Texas? — quis saber, hesitante.

— No princípio, sim. — confessou ele — Mas há algo no deserto que penetra em nosso sangue. É pleno em história, mas as cidades são avançadas, mesmo havendo muitos conservacionistas que se preocupam com recursos naturais como água e terra. Sim, sinto falta do Texas, mas conseguiria viver aqui. — afirmou, sorrindo.

Nell sentia uma vontade irresistível de lhe questionar se o único motivo era o fato de ele gostar da terra, porém não conseguiu se expressar de maneira apropriada.

— Com Margie? — deixou escapar.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Eu disse isso?

— Não, mas... .

Tyler esticou a mão e lhe tocou os dedos que ela mantinha pousados, frios e trêmulos, sobre seu estômago, cobrindo-os, aquecendo-os e a fazendo formigar da cabeça aos pés.

— Eu já lhe disse. Terá de descobrir por si mesma. Não lhe direi o que sinto por Margie, ou por você.

— Por quê?

— Porque quero que aprenda um pouco mais sobre confiança, querida. — replicou Tyler — Há algo em você que se esquiva e tem vergonha de mim. Até que tenha resolvido isso, não vou influenciá-la de um modo ou de outro.

Nell deixou escapar um suspiro.

— É melhor eu tentar resolver isso.

— Quer se aconchegar? — indagou ele, induzindo-a com um sorriso caloroso — Estará bem segura, levando em conta os olhos curiosos que nos rodeiam.

Cedendo à irresistível tentação de se aproximar, Nell encostou o saco de dormir ao dele e deitou-se ao lado de Tyler, com a cabeça apoiada em um dos fortes braços.

— Assim está melhor. — afirmou ele, em tom suave. Em seguida, inclinou a cabeça para frente e roçou os lábios nos dela, num contato delicado, saboreando o tremor e a resposta lânguida de Nell.

— É melhor guardar uma coisa na mente. — sussurrou Tyler.

— Oh, o quê? — murmurou Nell, contra os lábios sensuais, abrindo bem os olhos para fitá-lo.

— Não está usando maquiagem ou um vestido extravagante. — sussurrou ele — E não estou me afastando porque não me atraio pelo jeito como você é.

Os dedos delicados tocaram o rosto másculo, desfrutando da sua rigidez.

— Não sou bonita.

— Para mim, é. — rebateu Tyler — E, a longo prazo, é isso que importa. Se abrisse os olhos, veria o que está bem embaixo de seu nariz.

— Vejo você. — afirmou Nell, em tom terno, enquanto o venerava com o olhar.

— Foi isso o que eu quis dizer. — replicou ele, puxando-a de encontro ao corpo rijo. A sela protegia-os dos olhos curiosos, e Tyler inclinou-se para lhe tomar os lábios num beijo arrebatador. — Quero você, Nell. — sussurrou contra a boca macia.

E ela o desejava mais do que tudo. Sentia o corpo em chamas e Tyler a estava apenas beijando. Mordiscou os lábios e a língua que a provocavam e deslizou as mãos pelos cabelos espessos, tentando puxá-lo mais para si.

— Não. — negou Tyler, ofegante — Não pode se apossar de meus lábios dessa forma. Não esta noite. Posso perder o controle, querida. E temos muitas testemunhas.

— E se estivéssemos sozinhos? — gemeu Nell, deslizando os braços em torno da nuca larga e pressionando os seios contra o peito musculoso.

— Nell... Mas que coisa! — um tremor intenso sacudiu-lhe o corpo, enquanto ele olhava para a fogueira. As chamas estavam fenecendo e era necessário alimentá-las. Os outros casais estavam deitados em seus sacos de dormir, formando um semicírculo em torno do fogo, atrás do qual ele e Nell se encontravam. Ninguém os podia ver, concluiu, enquanto o corpo ardia com o desejo de torná-la cativa sob ele e deslizar as pernas entre as dela para lhe mostrar o quanto a queria. Sentia a pele macia contra a dele, os cálidos seios

intumescidos contra o próprio peito e os gemidos que poderia fazê-la emitir se a seduzisse devagar e ternamente antes de lhe penetrar a pureza virginal.

Tyler gemeu. Os dedos que mantinha fechados em torno dos braços delicados pareciam queimar, mas Nell não se importava. Algo potente e misterioso tomava conta dele, mas ela estava faminta demais para se amedrontar com aquilo. Amava aquele homem com toda a força do coração e queria ter lembranças que lhe preenchessem a mente no futuro.

— O que foi? — quis saber ela.

Tyler lhe voltou o olhar. À luz bruxuleante, podia ver os olhos ternos e a respiração acelerada. As mãos fortes se moveram, possessivas sobre a blusa de Nell, até lhe envolverem os seios. Ele a viu morder os lábios e arquear o corpo em sua direção, tentando não gritar.

— Isso é insano. — sussurrou ele, enquanto o braço que mantinha sob a nuca de Nell se contraía de desejo — De todos os lugares absurdos onde poderíamos fazer amor...

— Toque-me... — murmurou ela, com a voz entrecortada.

A respiração de Tyler era ofegante, quando as palavras lhe escaparam da garganta, deixando-o vulnerável.

— Oh, não pode imaginar o que estou pensando! — começou ele, desabotoando-lhe a blusa com movimentos lentos e sensuais — Não pode imaginar o que quero fazer com você.

— Sim, posso. — sussurrou Nell — Contou-me cada detalhe, lembra?

Tyler tremeu quando alcançou o último botão.

— Sim. Foi com o que sonhei naquela noite. Eu a possuía e sentia seu corpo como um campo florido me absorvendo com ternura. — murmurou Tyler, enquanto escorregava os dedos para dentro da blusa, para encontrar apenas a pele macia dos seios.

Nell entreabriu os lábios.

— Nunca fiz isso antes. — sussurrou ela — Sair sem... Sem o que geralmente uso.

Os dedos trêmulos de Tyler continuaram, ávidos, a exploração encontrando os mamilos rijos e a fazendo emitir um gemido de prazer quando os tocou.

— Fique deitada, querida. — sussurrou ele, com a voz entrecortada — E, pelo amor de Deus, não grite quando eu tomar seus seios em minha boca.

Nell teve de morder os lábios com toda a força que possuía para conseguir se conter. A boca era ávida e exigente. Quando Tyler sugou-lhe os mamilos, ela sentiu as lágrimas emergirem dos cantos dos olhos que mantinha fechados. Era como se ele a estivesse possuindo por inteiro. Extasiada, cravou as unhas nas costas largas, enquanto avistava as estrelas que os envolviam como pequenas chamas brancas.

Em seguida, Tyler se afastou de modo abrupto, abotoando-lhe a blusa e erguendo-se. O corpo feminino tremia com um desejo que Nell nunca sentira antes. Queria aquele homem mais que tudo na vida!

As costas largas ficaram tensas, enquanto ele alimentava o fogo. Tyler permaneceu lá por algum tempo e, quando retornou ao saco de dormir, as batidas de seu coração já haviam se normalizado e Nell podia sentir a tensão abandonando o próprio corpo. Porém, quando ele se deitou a seu lado, ela retornou com a mesma intensidade.

— Tyler... — sussurrou ela, tomada de desejo.

— Vai passar. — retrucou Jacobs — Desculpe-me, pequenina. Não pretendia excitá-la

dessa forma, mas é impossível continuarmos.

Nell tateou até encontrar a mão forte, entrelaçando os dedos nos dele.

— Eu sei. Mas foi doce. Adoro quando me toca desse jeito e não me sinto sequer envergonhada de lhe dizer isso.

Os dedos longos se contraíram.

— Então, não hesitarei em dizer que quase não consegui parar. — confessou Tyler, virando o rosto para fitá-la. Ela viu o reflexo das chamas laranja nos olhos verdes. — Um dia, não serei capaz de fazer isso. E depois?

Nell entreabriu os lábios.

— Não sei.

— É melhor começar a pensar sobre isso. — aconselhou Tyler, brusco — Porque as coisas estão saindo de controle. Ou nos afastamos ou arcamos com as consequências.

Nell baixou o olhar preocupado ao peito másculo que subia e descia, impulsionado pela respiração cadenciada de Tyler.

— Não quero perdê-lo. — confessou ela, enterrando o próprio orgulho.

Ele levou a mão delicada aos lábios.

— Isso seria mais difícil do que imagina. O desejo está se abrandando?

O delicado rosto corou de pronto.

— Sim.

— Ao menos agora pode compreender porque perco a paciência de vez em quando, não?

— Sim — respondeu Nell, roçando a face contra o braço musculoso. — O que vamos fazer?

— O que *você* vai fazer? — corrigiu ele — A bola está em seu campo. Jogue.

— Mas o que você quer?

— Você.

— Só meu corpo?

— Você por inteiro.

— Por quanto tempo? — indagou Nell, sem rodeios.

— Já lhe disse que o amor não vem com certificado de garantia, se de fato me ama. Pode ser apenas uma empolgação ou sua primeira experiência sexual que a faz vulnerável a mim.

Nell ergueu o olhar, observando seu rosto para se certificar se ele acreditava no que estava dizendo.

— É isso que pensa?

— Não exatamente. Por que não me diz o que sente?

Ela hesitou por alguns instantes. A despeito do que sentia, não era capaz de ultrapassar o próprio orgulho a ponto de lhe confessar o sentimento. Reticente, moveu os dedos, fechando-os mais ainda em torno dos dele, que se moveram em resposta, aceitando o toque suave.

— Essa reserva é seu maior problema. — murmurou Tyler — Recusa-se a assumir o que sente por temer que eu a rejeite.

— Sei que me quer. — contrapôs Nell.

— Mas não sabe o quanto e de que forma. — rebateu ele — Ainda está presa ao

passado, temerosa de ser magoada.

— Sei que não seria capaz de me magoar. — revelou ela, eloqüente — Nunca pensei que um homem pudesse ser tão gentil.

Tyler levou os dedos delicados aos lábios mais uma vez.

— É uma reação natural a você. — explicou ele em tom suave — Nunca me senti assim em relação a nenhuma mulher antes.

Nell moveu a cabeça sobre o braço musculoso.

— É apenas físico para você?

— Se fosse... — replicou Tyler, com um sorriso seco — ...Eu iria me importar com suas idéias antiquadas? Acha que tentaria impedir que continuássemos?

Nell sentiu a face queimar e, em seguida, sorriu, constrangida.

— Claro que não.

— Então pense sobre isso. E agora vamos dormir um pouco. Já conversamos... e fizemos outras coisas... por mais de uma hora.

— Não me pareceu tanto tempo. — afirmou ela, tímida.

— Para mim também não. — Tyler deixou que as mãos relaxassem entre eles e fechou os olhos — Depois desta noite... — começou ele, em tom sonolento — Não poderemos negar que dormimos juntos.

— É verdade. — concordou Nell, aconchegando-se a ele e fechando os olhos. Seu último pensamento antes de dormir foi que nunca se sentira tão segura e feliz.

Ela acordou de madrugada com o delicioso aroma de café e ovos com bacon. Tyler se dedicava à preparação do desjejum, com a ajuda de um dos bem intencionados casais. Todos comeram em silêncio, apreciando a quietude do deserto antes do raiar do dia e as incríveis cores que manchavam o horizonte.

— Nunca vi algo tão belo. — manifestou-se a Sra. Callaway com um suspiro, aconchegando-se ao marido.

— Uma galeria de arte ao natural — concordou Tyler, sorrindo para Nell — Com uma nova tela a cada minuto do dia. E realmente belo. — *Como você*, os olhos verdes lhe diziam.

Ela deixou escapar um suspiro, com o coração refletido no olhar, no sorriso e na expressão de arrebatamento. Os olhos de ambos fixos um no outro, enquanto Tyler fumava um cigarro. A intensidade fez o sangue de Nell correr apressado nas veias e os joelhos quase cederem.

Poucos minutos mais tarde, cavalgaram de volta ao rancho e Nell ajudou-o a desselar os cavalos e os levar de volta ao estábulo.

— Nunca me diverti tanto. — disse Nell, com sinceridade, exibindo um sorriso radiante — Foi maravilhoso.

— Concordo. — murmurou ele, recostando-se contra uma baia fechada. Os olhos verdes brilhavam ao fitá-la — Venha cá. — desafiou-a com a voz rouca.

O coração de Nell pulou no peito, mas ela não hesitou. Recostou-se ao corpo másculo, deixando que os quadris de ambos se encontrassem. As pernas torneadas

descansaram sobre as dele.

Em seguida, ergueu o rosto em um convite explícito para ser beijada, sem medo ou inibições.

— Agora quero uma resposta. — começou Tyler em tom sério — Quero saber o que sente por mim. Onde me encaixo na sua vida. Terá de confiar em mim o suficiente para dizer.

— Isso não é muito justo. — argumentou Nell — Terei de passar por cima de meu orgulho e você não.

— Não sou eu o traumatizado. — lembrou ele — Qualquer relacionamento sério deve ser baseado em confiança para dar certo.

— Sim, eu sei, mas... — ela lhe evitava o olhar.

Tyler ergueu-lhe a face para que ela o encarasse.

— Arrisque-se, Nell.

Ela inspirou fundo para ganhar coragem e entreabriu os lábios para falar, quando uma voz familiar se fez ouvir.

— Tyler, querido, aí está você! Eu e os meninos chegamos ontem à noite para passarmos uma semana. Não é maravilhoso?

Nell se afastou de imediato, enquanto Margie se aproximava sorridente para, em seguida, deslizar os braços em torno dele.

— Oh, meu querido, como consegui viver todos esses anos sem você? Nell, ele não é maravilhoso? Estou tão feliz! Já contou a ela nosso plano? — indagou a cunhada, com expressão radiante.

— Ainda não. — retrucou Nell, dando meia-volta — Mas não será necessário dizer agora. Posso imaginar. Vejo-a mais tarde. Preciso tomar um banho e trocar de roupa.

— Nell! — chamou Tyler, porém ela não respondeu. Continuou a marchar decidida em direção à casa, com os sonhos despedaçados. Apenas uma tola cega não teria percebido a quem Margie aludira. Havia algo acontecendo entre ela e Tyler. Era óbvio. Como ele pudera tocá-la com tanta ternura na noite anterior, sabendo que Margie estaria ali, esperando por sua volta? Mais uma vez, fora iludida pela própria estupidez, confiando em seus instintos. Bem, aquilo fora a gota que fizera transbordar o copo. Telefonaria a tio Ted e lhe diria que poderia ficar com o rancho para sempre. Iria partir dali e arrumar algo para fazer. E afastar-se o máximo possível do Arizona e de Tyler Jacobs!

Capítulo Dez

— Por que essa expressão tão triste? — indagou Bella — Não gostou do acampamento?

— Foi bom. — respondeu Nell, com forçada indiferença. Não queria recordar o que ela e Tyler haviam feito. Margie estragara tudo. O que quer que ele fosse falar, jamais seria

dito. Ao que parecia, a cunhada chegara primeiro.

— Dê-me aquele *mixer*. — Bella apontou em direção ao utensílio, que iria utilizar para fazer o bolo — Aquela Sra. Norman voltou aqui para reclamar do cardápio. E igual à Sra. Harris, mas ao menos esta está acompanhada do marido. A Sra. Norman não gosta da minha comida. E, além disso, acha que o lugar fede e não há nada para fazer a não ser andar a cavalo.

Os olhos de Nell se arregalaram.

— Não lhe disse que isso aqui é um hotel-fazenda? As pessoas vêm aqui para andar a cavalo.

— Disse-lhe isso e muito mais. — Bella olhou para a jovem, embaraçada — Ela está fazendo as malas para partir. Disse que irá fazer propaganda negativa daqui para todo mundo. Oh, e falou que sequer temos um instrutor de tênis!

— Tyler o demitiu junto com o instrutor de golfe. — lembrou Nell — Disse que não estavam fazendo o trabalho direito.

— Está zangada comigo? — quis saber a empregada.

Nell a envolveu em um abraço carinhoso.

— Eu a amo. E, se alguém fala mal de sua comida, merece ser mandada embora. Você é maravilhosa.

Bella sorriu, retribuindo o abraço.

— Você também. Mas irei me desculpar com ela, se quiser.

— Não. Na verdade, a Sra. Norman pode ir embora com minhas bênçãos. — afirmou ela, se dirigindo à porta — Eu inclusive a ressarcirei do pagamento.

— Tyler não vai gostar disso. — preveniu-a Bella.

— Quero que ele morra! — murmurou Nell.

— Que assim seja. — concordou Bella para si mesma, soltando uma gargalhada, quando se viu sozinha.

A Sra. Norman havia acabado de fazer as malas e trazia o comprido casaco de *vison* por sobre os ombros. Os olhos negros faiscavam de raiva.

— Estou de partida. — informou ela a Nell, que a estava aguardando do lado de fora do apartamento que a senhora de nariz em pé ocupava — Pode chamar alguém para pegar minha bagagem e chamar um táxi?

— Com todo o prazer. — retrucou Nell sem ao menos sorrir — Se puder passar no escritório, ressarcirei a senhora do pagamento.

A mulher lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Por quê?

— Não gostou daqui. — explicou Nell — Não há razão para pagar por algo que a fez se sentir infeliz. A comida é ruim, não há o que fazer...

A Sra. Norman se mexeu e aconchegou o casaco de *vison* ao corpo apesar da temperatura amena e de estar começando a suar.

— Isso não será necessário. — declarou por fim — Dinheiro não é problema para mim. — a mulher revirou os olhos e revelou o que pensava — Sou alérgica a cavalos e a poeira está me asfixiando. Todos os amigos de meu marido vão para hotéis-fazenda e ele me mandou para cá porque não queria que eu o acompanhasse à Europa. — ela ergueu o queixo, orgulhosa, embora estivesse trêmulo — E que., que... *esse* quarto está tão vazio! —

finalizou a Sra. Norman, soluçando — Estou me sentindo tão sozinha.

E, então, a mulher deu vazão ao pranto e Nell, seguindo um impulso, tomou-a nos braços e a confortou, murmurando palavras encorajadoras.

— Não há nada de errado com a comida. — confessou a Sra. Norman, com duas tri-lhas de rimei misturado às lágrimas escorrendo pela face — Ao contrário. E deliciosa. E as pessoas são muito agradáveis. Mas são só casais. Meu marido casou comigo por uma jogada de negócios. Sequer gosta de mim. Nunca tentou fazer de nosso casamento algo além disso.

— Deve considerar o fato de que homens não conseguem ler mentes. — disse Nell, em tom gentil, embora, enquanto as palavras lhe escapavam dos lábios, ela sorrisse em seu íntimo pela ironia de estar ensinando àquela mulher sofisticada algo sobre homens, quando sua própria vida sentimental estava um caos — Seu marido talvez pense, que não quer acompanhá-lo.

A Sra. Norman se afastou para fitá-la, constrangida, e secou os olhos úmidos com o lenço de puro linho branco. Em seguida, exibiu um sorriso tímido.

— Desculpe-me, não costumo me descontrolar desse jeito. — afirmou, assoando o nariz — Na verdade, ele me pediu para que o acompanhasse e eu ri dele. Meu marido não é um homem bonito. Mas eu realmente o amo. — ergueu o olhar a Nell — Posso fazer uma chamada internacional para a Europa e ser cobrada em minha conta?

— Claro que sim! — Nell sorriu — Talvez ele tenha até decidido voltar para casa.

A Sra. Norman lhe retribuiu o sorriso, parecendo dez anos mais jovem.

— Farei isso imediatamente. — declarou, retirando o casaco caro — Detesto essa coisa. — confessou, dobrando-o sobre o braço — Me faz espirrar e é muito quente para ser usado em qualquer lugar que não seja o Alasca. Vou dar aquele telefonema. — a mulher voltou para o apartamento e, ao transpor a porta, voltou-se — Obrigada. — agradeceu em tom sincero.

Nell não conseguia crer no que acabara de acontecer. Sentia-se vitoriosa. Aprendera uma grande lição sobre a natureza humana e talvez tivesse ajudado a salvar um casamento.

Não era uma boa hora para Tyler virar a esquina da quadra onde ficava o apartamento.

Ele ficou parado, fitando-a.

— Está perdida? — indagou.

— Agora não. — retrucou Nell, enfiando as mãos nos bolsos traseiros dos jeans — Parece irritado.

— É mesmo? Por que saiu correndo do estábulo? — indagou ele, em tom brusco.

Nell ergueu o sobrolho.

— Tinha muita gente lá, não acha?

— Deve ter pensado que eu estava esperando ansioso que saísse para seduzir Margie em uma das baías, não é? — questionou Tyler, em tom frio.

Posto naqueles termos, parecia ridículo.

— Acho que não, mas ela o estava esperando.

— Margie tinha boas notícias para me dar, mas você não iria escutar, claro. — continuou ele, antes de acender um cigarro e lhe lançar um sorriso sarcástico — Sua cunhada

e eu achamos que não merece escutá-las. Tira conclusões precipitadas das mais ordinárias evidências e se recusa a ouvir explicações. Ainda está evitando qualquer tipo de envolvimento.

— Tive más experiências no passado. — defendeu-se Nell.

— Estou farto de saber disso. — retrucou Tyler — Consegui acabar com o remorso de Margie e sinto muito pelo que aconteceu com você. Pensei que nós dois estávamos começando algo mais importante do que alguns beijos roubados. Mas ainda não consegui me aproximar de você.

Nell corou de pronto, lembrando do que acontecera no acampamento.

— Eu não diria isso. — afirmou, vacilante.

— Não estou me referindo à proximidade física — rebateu ele —, mas à emocional. Você se afasta de mim.

— Tenho uma boa razão! — disparou Nell.

— Não comigo. — argumentou Tyler, com voz calma — Não estou pedindo para que venha morar comigo. Ou que passemos uma noite de amor. Quero apenas que confie em mim.

— Mas eu confio! — garantiu ela.

— Não da forma que desejo. — ele deixou escapar um suspiro — Bem, não vou correr atrás de você, querida. Se quiser que algo mais aconteça entre nós, terá de dar o primeiro passo. Não vou tocá-la outra vez. Terá de decidir sozinha. — ao dizer isso, Tyler deu meia-volta e disparou pelo caminho, deixando-a com o coração nas mãos.

A Sra. Norman partiu agitada naquela mesma tarde. O marido ficara eufórico por ouvir notícias dela e decidiu voltar para encontrá-la em Vermont em uma segunda lua-de-mel. Nell a levou ao aeroporto e fora efusivamente abraçada, antes de a mulher correr como uma adolescente para pegar o avião.

Ao menos alguém estava feliz, pensou Nell, tristonha. Mas com certeza não era ela. Não conseguia compreender por que Tyler continuava estimulando-a a seduzi-lo. Não fazia sentido. Ele era o homem e, portanto, quem devia tomar as iniciativas, não a mulher. Pelo menos não no mundo antiquado em que vivia.

Tyler também era um tanto antiquado.

Aquilo era o mais difícil de aceitar. E dadas as suas atitudes, não fazia sentido que a seduzisse quando desejava Margie. E aquilo só podia ser verdade. Todos os homens cobiçavam a cunhada. Ela era bela, culta e sofisticada. O tipo certo de mulher para um homem como Tyler.

Durante os dias que se seguiram, Margie manteve-se contida. Sorria para Nell como se nada tivesse acontecido, mas passava boa parte do tempo onde os homens — especialmente Tyler — estavam e levava os meninos com ela. Parecia entender que sua presença a irritava e fazia o possível para tornar as coisas suportáveis para Nell. Como, por exemplo, dormindo mais cedo e acordando mais tarde.

Na verdade, Nell estava procurando uma desculpa para confrontá-la, pois tinha muito a dizer à cunhada. Porém, Margie tornava a tarefa impossível. Até Tyler interferia quando ela encontrava uma oportunidade para fazê-lo. Com o passar dos dias, Nell sentia-se cada vez mais frustrada. O que não sabia é que Darren McAnders ficara furioso pelo fato de Margie estar passando muito tempo com o capataz de tio Ted e resolvera se fazer

presente, enquanto Nell e Tyler estavam no acampamento.

Ele e a cunhada começaram a se entender naquela mesma tarde, quando o acampamento estava em pleno andamento. Quando ninguém estava vendo, McAnders a levou para um lugar calmo, embaixo de uma árvore frondosa, próximo aos apartamentos. E lá a beijou até que Margie não pudesse se manter de pé. E, então, revelou-lhe os sentimentos íntimos e o desejo que sentia por ela. Quando terminou, Margie estava sorrindo. E o próximo beijo foi instigado por ela. Mas ambos resolveram guardar segredo daquilo, pois Margie não queria revelar nada para Nell antes que Tyler tivesse a chance de acertar o passo com ela. Porém, logo se tornou impaciente, já que o casal parecia ter chegado a um impasse.

Nell continuava a dar as aulas diurnas de equitação e evitava sentar-se à mesa do jantar até que se certificasse de que era muito tarde para Tyler estar presente. Por sua vez, ele passava cada vez mais tempo em sua própria cabana no alojamento.

As noites se tornaram mais longas e a paciência de Nell mais curta. Até Tyler aparecer em sua vida, sequer sabia que possuía paciência, mas aquele homem parecia ter o poder de fazer aflorar nela a brutalidade.

Era como ser uma pessoa pela metade. Esforçava-se para ter a atenção dele e tecia encantados devaneios com ele. Os olhos negros o seguiam por todos os lugares. Mas guardava aquilo para si e só falava o essencial com Tyler. Era tudo que podia fazer, já que ele continuava passando muito tempo em companhia de Margie. Na verdade, Jacobs estava servindo de companhia para a cunhada e McAnders, para que Bella não descobrisse o que estava acontecendo entre os dois e deixasse escapar a notícia antes do tempo. Mas Nell não tinha conhecimento daquilo e não confiava nele.

Tyler também se sentia desanimado. Quase desistira. Nell parecia cada vez mais inacessível e se retraía cada vez mais. Imaginava se seria capaz de se aproximar dela outra vez.

O Texas lhe parecia muito distante. Lembrou-se do dia em que levara Abby Clark, uma antiga namorada, para um encontro e como havia sido doce dançar com ela. Mas nada se comparava à sensação do corpo de Nell em seus braços, a boca suave e macia de encontro à dele. Aquela mulher tinha um coração generoso e ele a desejava, mas Nell não parecia querê-lo de volta.

Ela pensava que estava interessado em Margie e aquilo era uma piada. A cunhada de Nell o lembrava do mundo do qual tinha aberto mão e de tudo o que perdera. Precisava de uma mulher que não estivesse interessada em balangandãs e extravagâncias. Alguém disposto a trabalhar a seu lado e ajudá-lo a recomeçar. Nell era perfeita em todos os sentidos e seus sentimentos por ela eram profundos.

O problema estava em fazê-la acreditar que a amava, visto a insegurança que possuía. Nunca aceitaria como verdade o fato de ele a achar infinitamente mais desejável do que a cunhada. E, até que conseguisse libertá-la da condição em que ela mesma se colocara, não conseguiria alcançá-la.

Os olhos verdes brilharam ao avistá-la se aproximar cavalcando com McAnders a seu lado. Para o diabo com aquele homem! Por que não parava de interferir?

Observou-os desmontar. Em seguida, McAnders tomou as rédeas do cavalo de Nell e os guiou ao estábulo, com um sorriso amistoso a Tyler.

Mas Jacobs não percebeu. Continuou fitando Nell por um longo instante antes de caminhar em sua direção.

Ela observou o modo como Tyler caminhava. Aquele homem era todo másculos e ela conhecia o poder daquele corpo, a doçura de estar envolta nos braços fortes, enquanto ele trazia à vida cada nervo de seu corpo. Vestia uma camisa bege que lhe destacava o bronzeado e tornava a cor dos olhos verdes ainda mais intensa. Tyler se aproximou e ela sentiu a tensão crescer entre ambos.

— Divertindo-se? — quis saber ele.

Nell achou insultante a voz masculina.

— Não. — respondeu, sucinta — Detesto gerir um hotel-fazenda. Apavoro-me só de pensar que uma cascavel possa picar alguém, que um cavalo dispare quando montado por um novato ou que percamos um dos hóspedes no deserto e só o consigamos encontrar dias mais tarde. Tenho ojeriza a fazer o orçamento, não me agrada ter de cortar metade das nossas instalações recreativas e, se ouvir mais um comentário sobre o quão desagradável é meu deserto, enlouquecerei!

— Perguntei apenas se estava se divertindo. — lembrou-a Tyler — Não pedi um relatório detalhado da economia do rancho.

Nell ficou inflamada de raiva.

— Por que não volta para o Texas? — resmungou ela.

— Oh, eu gosto daqui. — explicou Tyler — Poeira e cascavéis agradam aos homens.

Nell estreitou o olhar.

— Não comece. — desafiou-o.

Tyler ergueu uma das sobrancelhas.

— Que mau humor, pequena Nell! Por que não vai comer algo suave para tirar a pimenta de sua língua?

— Vou contar ao tio Ted como está dirigindo este hotel. — ameaçou ela.

— Ele não lhe dará ouvidos. — rebateu Tyler, dando um sorriso cínico — Está muito ocupado, depositando o dinheiro que ganhamos aqui ultimamente.

Nell deixou escapar um suspiro exasperado.

— Isso mesmo. Vá em frente. Coloque a culpa em mim!

— Cuidado para não romper alguma artéria com toda essa ira, querida.

— Não me chame de querida!

— Então, que tal bruxa?

Ela mirou um soco no queixo de Tyler, mas o caubói foi mais rápido, segurando-a pelos braços e arrastando-a até o curral, onde o recipiente de água dos cavalos jazia inocentemente.

Percebendo para onde ele a estava levando, Nell se agarrou ao pescoço de Tyler.

— Não se atreveria... — disse ela, em tom de ameaça.

Tyler riu à socapa.

— Claro que sim.

Os braços delicados se apertaram em torno da nuca Tyler.

— Vou levá-lo comigo.

— Promessas, promessas! — com a respiração ofegante, ele baixou os lábios até quase roçarem os dela — Vai mesmo?

A proximidade da sensual boca fez-lhe o coração disparar. Nell sentia os seios pressionados contra a parede sólida do peito másculo. Sentia o odor de couro e tabaco do corpo viril, misturado à colônia cara que ele usava, a força dos braços musculosos sob seu corpo e uma espécie de deleite feminino em resposta à masculinidade evidente daquele homem.

— Vou o quê? — sussurrou Nell, enquanto sensações desconhecidas lhe percorriam o corpo.

— Não me provoque. — murmurou Tyler — Se a beijar agora, teremos a maior platéia de Denver.

Nell entreabriu os lábios.

— Não estou provocando você. — afirmou, em tom suave.

A expressão de Tyler endureceu.

— Não? Então, diga-me como se sente em relação a Margie?

Ela sentiu o encanto se quebrar.

— Não sei. — murmurou ela — De qualquer forma, não é de sua conta.

— O diabo que não é! Você é cega como um morcego!

E, com uma rapidez que a fez oscilar entre o choque e o medo, ele lhe tomou os lábios com rudeza e, aproveitando-se da instantânea fragilidade de Nell, atirou-a no recipiente de água dos cavalos.

Capítulo Onze

Tyler foi embora, furioso, quando ela conseguiu sair da tina de água, toda molhada e xingando. Dois homens a estavam observando e Nell lhes voltou seu melhor sorriso antes de se encaminhar à casa. O fato de os dois estarem rindo às suas costas não a ajudou a manter a dignidade.

Uma vez dentro da casa, disparou pela escada para tomar banho e trocar de roupa antes que mais alguém a visse naquele estado.

Limpa e vestida, retornou ao andar térreo, refrescada, porém ainda efervescida de raiva. Ligou para o número do telefone de tio Ted com os dedos trêmulos. Durante todo o tempo, desejou arremessar Tyler e Margie em um poço.

— Alô? — a voz masculina impostada se fez ouvir do outro lado da linha.

— Eu não quero mais administrar este rancho. — disparou Nell, sem preâmbulos — Não me importo se isso implicar em eu perder tudo. Não posso permanecer no mesmo lugar que aquele seu capataz!

Era como se tio Ted estivesse começando vida nova. A sobrinha, que tinha aversão a homens, estava perdendo a compostura, coisa que nunca antes fizera. E por causa de um homem de verdade! Tinha vontade de pular de felicidade. Sabia que seria uma ótima idéia enviar Tyler Jacobs para o rancho *Double R*.

— Acalme-se. — recomendou o tio — Não posso permitir que atire sua herança pela janela. Acho que vai ter de ficar aí e resolver seus problemas.

— Não posso! — gritou ela — Ouça, passarei tudo para seu nome...

— Não. — retrucou Ted, desligando o telefone.

Nell se deteve a observar o aparelho mudo. Ele sequer se despediu!

Bateu com força o fone no gancho, fazendo barulho.

— Eu o odeio! — vociferou ela — Acho você um homem dominador e chauvinista. Só porque é rico acha que tem de conduzir a vida alheia!

Nell gritava sem notar Curt e Jess parados à porta, observando-a com os olhos arregalados. Em seguida, aconchegaram-se à mãe, que acabara de se juntar a eles.

— Não o quero aqui! — esbravejava Nell para o telefone — Nunca quis! Não entendo porque não me deu a chance de tomar as rédeas do rancho antes de meter seu nariz nos meus negócios. Este é o meu hotel-fazenda. Meu pai o deixou para mim e Teddy! E ele nunca desejou que o pendurasse sobre minha cabeça como uma guilhotina!

— O que é uma guilhotina? — perguntou Jess, sussurrando.

— E algo que se põe nas juntas quando se está com reumatismo. — explicou Curt.

— Psiu! — mandou-os calar a mãe.

— Bem, pode dizer a ele para voltar para o Texas. — continuava Nell, insana — Ou serei eu a partir e Tyler pode ficar com o rancho! Eu o odeio, assim como detesto você e Margie!

— Os inseticidas da plantação devem estar afetando seu cérebro — manifestou-se Margie, meneando a cabeça.

Nell virou para encará-la, enfurecida por encontrar três pares de olhos fixos nela.

— Tia Nell, por que está falando assim com o telefone? — quis saber Curt.

— Eu estava falando com seu tio-avô Ted. — explicou ela, com a dignidade em frangalhos.

— Não se comunicaria melhor se falasse ao telefone? — indagou a cunhada, em tom debochado.

Nell a encarou.

— Ainda não a parabeneizei. Farei questão de lhe enviar um belo presente quando chegar a hora.

— Que gentil de sua parte! — retrucou a cunhada, deixando escapar um suspiro — Ele é muito lindo e não posso acreditar que me ama.

— Nós a amamos também. — concordaram as crianças em coro — E agora podemos vir morar aqui.

Nell soltou um grito e, em seguida, congelou, surpresa de o som ter saído de sua garganta.

— Eu também a amo. — acrescentou Margie, pondo mais lenha na fogueira — E formaremos uma grande e feliz família.

— Uma ova! — esbravejou Nell, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelos olhos — Vou embora agora mesmo!

— Para onde? — quis saber a cunhada.

— Não sei e... Não me importo. — respondeu ela entre soluços — Oh, Margie, como pôde!

— Meninos, saiam e encontrem um novo réptil para me assustar — recomendou a cunhada aos filhos. Em seguida, guiou-os para fora, fechando a porta.

— Eu quero sair. — protestou Nell.

— Depois de me ouvir. — retrucou Margie — Agora desabafe. Como se sente sobre Tyler?

Nell tentou evitar a pergunta, mas a cunhada estava determinada. Sendo assim, suspirou e prosseguiu.

— Eu... o amo — confessou por fim.

Margie sorriu.

— Verdade? Muito?

— Sim.

— Mas acha que ele é o tipo de homem que assedia uma mulher, enquanto está cortejando outra?

Nell piscou várias vezes para limpar as lágrimas, dirigindo, em seguida, os grandes olhos negros à Margie.

— Na verdade, não. — admitiu — Ele tem um modo antiquado de agir.

Margie anuiu.

— Isso mesmo. Está indo muito bem, querida. Continue.

— Se ele fosse se casar com você, teria me comunicado pessoalmente. — prosseguiu

Nell — Não deixaria que eu descobrisse por terceiros.

— Sim. E o que mais?

Nell deixou escapar um longo suspiro.

— Jamais brincaria com uma mulher pura se não tivesse sérias intenções com ela. A menos que quisesse um relacionamento duradouro. — a cunhada exibiu um sorriso terno.

— E decidi xingar o tio Ted e fugir?

Nell secou as lágrimas.

— Eu tenho sido uma tola. Estava assustada, entende?

— Estivemos todos assustados. Comprometimento não é fácil, mesmo quando se ama. — a cunhada se aproximou, sorrindo — Vou me casar com Darren. Aceita ser minha madrinha?

Nell deixou escapar uma risada.

— Oh, Margie, claro que sim! — ao dizer isso, abraçou a cunhada, efusiva, chorando e rindo ao mesmo tempo — Desculpe-me pelas coisas que disse. Estava tão enciumada e com o coração partido! Mas, agora, acho que ficarei bem.

— Sei que ficará. Não quer dar um passeio? — perguntou Margie — Pode caminhar pelas cercanias do curral. A vista lá é incrível.

— É mesmo, não? — concordou Nell.

— Moreno e bonito, para ser mais precisa. — a cunhada sorria — Mas pode não durar para sempre, portanto é melhor se apressar.

— Farei isso. Mas, primeiro, pode me emprestar um vestido? Algo bem feminino e mais leve, apropriado para uma mulher seduzir um homem?

Margie pareceu encantada.

— Pode apostar. Venha!

Era uma roupa verde, linda, com uma saia rodada e leve, gracioso decote arredon-

dado e mangas bufantes. Nell se sentia como uma adolescente outra vez, com o coração e os nervos à flor da pele, enquanto escovava os cabelos lisos, maquiava-se e colocava um pouco de perfume.

Em seguida, sorriu, pensando como seria excitante dar o primeiro passo em direção a Tyler. Paquerá-lo abertamente, confiante em si mesma.

Calçou um par de sapatos macios e desceu a escada, dirigindo-se, em seguida, às cercanias do curral. Pareceu levar uma eternidade para chegar a seu destino e ficou ofegante quando conseguiu.

O curral estava vazio com o término do rodeio, mas Tyler estava reclinado displicentemente sobre a cerca, com um cigarro entre os dedos. As pernas longas cruzadas e um dos braços escorado sobre a segunda grade da cerca. O chapéu estava abaixado sobre os olhos, de modo que Nell não os podia enxergar através das sombras da aba, mas ele parecia acessível.

— Olá... — cumprimentou ela, nervosa.

Tyler assentiu. Os olhos verdes brilhando a percorrendo, possessivos, antes de ele voltá-los para o horizonte e tragar o cigarro.

— Perdida?

— Não desta vez. — Nell se aproximou e postou-se ao lado dele, deslizando o olhar pela pastagem — Tem o hábito de atirar mulheres em tinhas de água? Caso tenha, teremos uma vida difícil juntos.

Tyler não acreditou no que ouviu. Ele se virou. Os olhos famintos pousados nela e o pulso disparado.

— Não tenho esse hábito. — replicou ele — Mas, naquela hora, cheguei ao meu limite. Estou pensando em voltar para o Texas.

— Fugindo de mim? — indagou Nell, desafiadora — Irei atrás de você.

Tyler massageou a testa, para se certificar de que não estava tendo delírios de febre ou alucinações.

— Como?!

Ela reuniu toda a coragem que possuía.

— Disse que o seguiria até o Texas.

Tyler apagou o cigarro no chão com a ponta da bota, levando tanto tempo para se pronunciar que os joelhos de Nell começaram a fraquejar, fazendo-a pensar se não se enganara sobre os sentimentos dele.

— Sem dúvidas? — indagou ele, enfim, e os olhos verdes a fitaram com sensualidade.

Era difícil respirar o suficiente para responder, porque ele estava muito próximo e Nell teve de lutar para recostar o corpo ao dele e disparar:

— Sem dúvidas, Ty. — sussurrou, e olhando-o nos olhos, desferiu o golpe final — Eu amo você.

Os olhos de Tyler se fecharam por alguns instantes e, em seguida, se abriram pesadamente, enquanto ele deixava escapar um longo suspiro.

— Meu Deus! — ao dizer isso, tomou-a nos braços e a manteve cativa neles, balançando-a de um lado para o outro enquanto os lábios ávidos deslizavam pela face, pescoço, orelhas e, por fim, na maciez cálida da boca de Nell.

Ela se agarrou ao corpo viril com toda a força que possuía, extasiada com o batimento furioso do próprio coração, a fraqueza que ele causava a seu corpo e a calorosa sensação de saber que Tyler lhe devotava o mesmo sentimento. Suspirou sob os lábios devoradores, antes que eles se afastassem e Tyler a fitasse nos olhos.

— Margie lhe contou que não é comigo que se casará? — indagou ele.

— Não exatamente. — retrucou reticente, pois aquele não era o momento de entrar em pormenores.

Ele franziu a testa.

— Ela não falou com você?

— Não. Eu diria que ela me fez falar. E eu concluí por mim mesma. — Nell sorriu com ternura — Se você fosse se casar com ela, jamais teria me tocado. Sequer por pena.

Tyler não se mexeu por alguns instantes. Em seguida, acariciou-lhe os braços de maneira suave, com as mãos calejadas pelo trabalho.

— Levou muito tempo para perceber isso. — afirmou ele, em tom profundo, com o coração transbordando de felicidade diante da expressão dos olhos negros.

— Sim. — concordou ela, com um meio sorriso — Claro que não cheguei a essa conclusão sem antes tomar um banho, secar-me e ligar para o tio Ted. — informou Nell — Gritei com ele e lhe disse que estava indo embora para sempre. Tio Ted interrompeu a ligação no meio de nosso diálogo. Acho que terei de lhe telefonar desculpando-me.

— Eu não faria isso agora. — aconselhou Tyler — Ele deve estar muito ocupado gargalhando. Acho que, antes de eu chegar aqui, você nunca havia gritado com ninguém.

Nell assentiu.

— Nunca houve razão para isso. — ela suspirou, fitando-o com olhar faminto — Oh, eu desejo você! — sussurrou, deixando de lado o orgulho — Quero viver com você, ser a mãe de seus filhos e envelhecer a seu lado.

— E o que acha que eu quero? — perguntou ele.

Mas a pergunta não funcionou. Nell limitou-se a sorrir antes de responder.

— Você me quer, claro.

Tyler deixou escapar uma gargalhada. Um som cheio de alegria e deleite. Ele a ergueu contra o peito e lhe tomou os lábios com profunda ternura.

— Desculpe-me pelo que fiz no estábulo. Havia me enchido de esperança. Estávamos quase lá quando Margie chegou e nos levou de volta ao ponto onde estávamos semanas atrás. Ela não teve a intenção. A novidade era que ela e McAnders estavam noivos. Mas, quando você se retirou naquele rompante, decidi manter segredo por mais um tempo.

— Desculpe-me por aquilo. — murmurou Nell — Pensava que não podia competir com ela. Nunca sonhei que pudesse retribuir meu sentimento. Era como almejar a lua.

— Mas não pensa mais assim, não é? — questionou Tyler, em tom divertido, roçando os lábios contra os dela de maneira sensual.

— Não mais. — concordou Nell, com a voz rouca.

— Quando se convenceu de que eu não estava apaixonado por Margie?

— Quando me lembrei que fez o mais doce amor comigo sem, no entanto, me pedir para ir até o fim. — murmurou ela. E, pela primeira vez, beijou-o com tímida avidez. — E um homem como você não faria isso a menos que tivesse algo duradouro em mente. Porque ainda sou virgem. — sussurrou contra os lábios sensuais — E você é um homem

antiquado, segundo disse.

— Levou muito tempo para lembrar disso. — foi a vez de Tyler murmurar, esfregando o rosto no dela, aquecido pelo calor do corpo feminino contra o seu — Eu a amo. — sussurrou, com voz rouca — E a quero para sempre. Você, uma casa cheia de crianças e o melhor futuro que pudermos almejar.

— Eu também o amo. — declarou Nell, de modo ardente.

— Você foi conquistando meu coração. — afirmou Tyler, divertido, erguendo a cabeça para observar os olhos negros — Mas, muito antes de eu ter adoecido e você cuidado de mim, já sabia que eu estava perdido. Não fui capaz de pensar em nenhuma outra mulher depois disso.

— Fico feliz em ouvir isso. Amei-o desde que o vi pela primeira vez, embora isso tivesse me assustado. Pensei que estivesse sendo gentil comigo por piedade.

— Gostei de você. — retrucou Tyler, sucinto — E, quando começou a me evitar, foi como se tivessem enterrado uma faca em meu coração.

— Nunca pensei que pudesse se envolver com uma pessoa como eu. — revelou Nell, em tom suave — E, então, quando começou a falar sobre minha insegurança, pus-me a pensar sobre isso. Acho que ninguém é perfeito, mas isso não quer dizer que não possamos ser amados. Não tem muito a ver com beleza, sofisticação ou dinheiro, não é? O amor é infinitamente maior que isso.

— Sim, muito maior. — concordou Tyler, tomando-lhe o rosto nas mãos e encostando os lábios aos dela — Eu a amarei para o resto da vida. Não tenho muito a lhe oferecer, mas lhe darei meu coração.

Nell sorriu contra os lábios macios.

— É o que mais desejo no mundo. E, em troca, lhe darei o meu.

Ele lhe retribuiu o sorriso.

— Isso... — sussurrou Tyler, antes de beijá-la apaixonadamente — ... é um bom acordo.

Muito tempo depois, eles se encaminharam à casa de mãos dadas, e Margie, os meninos e Bella se encontravam parados ao portão, ansiosos por saberem o que havia acontecido.

— Tudo bem? — indagou Bella, impaciente — Teremos um casamento ou uma festa de despedida?

— Um casamento. — retrucou Nell, soltando uma risada divertida antes de abraçar a empregada, Margie e os sobrinhos — E vamos ser muito felizes juntos.

— Como se alguém tivesse dúvida. — manifestou-se a empregada, fungando, emocionada — Vou fazer um jantar especial. — franziu o olhar — E um bolo...

— Sua cobra, me atçando daquela maneira! — Nell acusou a cunhada — Fazendo-me ficar tão enciumada que eu não conseguia suportar.

— Estava certa de que iria abrir seus olhos ou fechá-los para sempre. — a cunhada sorriu — Podia ter continuado a vida toda insegura e sozinha. Achei que precisava de uma oportunidade.

— Bem, obrigada. — agradeceu Nell, dirigindo o olhar à expressão radiante de Tyler e depois de volta a Margie, quando ela começou a falar.

— Eu amo muito Darren, vocês se importam se vivermos aqui? Meu futuro marido

insiste em sustentar o lar sozinho.

— Não tenho problema algum quanto a isso. — declarou Nell, sincera.

— Telefonei para tio Ted quando foi encontrar com Tyler. — informou Margie, com um esplendoroso sorriso — Disse que iria transferir para você o controle do rancho como um presente de casamento.

Tyler permaneceu em silêncio e Nell se aproximou dele.

— Veja bem. — começou ela — Não é mais um rancho tão próspero. Perdemos muito dinheiro e os tempos estão difíceis. Não está recebendo mais do que uma dor de cabeça. Portanto, não o encare como um meio de vida.

O comentário varreu o olhar amargo do rosto másculo.

— Então, acho que teremos de encarar o desafio de reconstruí-lo. — disse ele, enfim.

As feições endurecidas relaxaram. Tinha de recomeçar em algum lugar e amava Nell. Ambos unidos, trabalhando para construir um futuro e uma família. Sim, aquilo lhe parecia certo. Tyler lhe deu um sorriso.

— Está bem, querido, tentaremos.

— E eu e Darren podemos morar na cabana com os meninos. — sugeriu Margie — Ou construir uma casa próximo a esta. Acho que prefiro a segunda opção. Ainda tenho algumas economias e Darren também tem economizado durante anos. Faremos isso. Seu capataz terá de arranjar outro lugar para morar.

Tyler lançou um olhar divertido a Nell.

— Acho que poderemos oferecê-la a Chappy. Ele está aqui há muito tempo e comanda todos por aqui. O que acha?

Nell riu.

— Acho uma excelente idéia.

— Eu também. — concordou Margie — Bem, podemos entrar e telefonar para tio Ted mais uma vez?

Nell tomou a mão de Tyler e ambos seguiram o grupo para dentro da casa. Tyler baixou o olhar para fitá-la ao passarem pela porta, com tanta intensidade que Nell ficou sem ar. O amor que emanava dele era tão caloroso quanto o sol do Arizona aquecendo o deserto. O rosto de Nell refletia um amor pelo alto e belo texano, que duraria para sempre.

